



Um olhar analítico

VOLUME 2









Um olhar analítico

VOLUME 2



Programa Mãe Coruja Pernambucana

Paulo Henrique Saraiva Câmara
Governador do Estado de Pernambuco

João Henrique de Andrade Lima Campos
Gabinete do Governador

Renato Thiébaud
Chefe de Gabinete de Projetos Estratégicos

Ana Elizabeth de Andrade Lima
*Coordenadora do Programa Mãe Coruja Pernambucana e
Diretora de Políticas Estratégicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana*

SECRETARIAS

José Iran Costa Júnior
Secretário de Saúde

Frederico Amâncio
Secretário de Educação

Roberto Franca Filho
Secretário de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude

Alexandre Valença
Secretário de Micro e Pequena Empresa, Trabalho e Qualificação

Márcio Stefanni
Secretário de Planejamento e Gestão

Sílvia Cordeiro
Secretária da Mulher

Nilton Mota
Secretário de Agricultura e Reforma Agrária

Marcelino Granja
Secretário de Cultura

Felipe Carreras
Secretário de Turismo, Esportes e Lazer

P452m Pernambuco. Governo do Estado
Mãe coruja pernambucana : um olhar analítico / Governo do Estado ;
Fundação Maria Cecília Souto Vidigal ; prefácio Paulo Câmara ; apresen-
tação Eduardo de C. Queiroz. – Recife : Cepe, 2017.
v. 2 : il.

Inclui apêndices.

1. PROGRAMA MÃE CORUJA PERNAMBUCANA – AVALIA-
ÇÃO. 2. ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA – AVALIAÇÃO. 3. GRÁVIDAS – ASSISTÊNCIA SOCIAL. 4. CRIANÇAS – ASSISTÊNCIA SOCIAL. 5. PROGRAMA MÃE CORUJA PERNAMBUCANA – ENTREVISTAS. I. Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. II. Câmara, Paulo. III. Queiroz, Eduardo de C. IV. Título.

CDU 364.4
CDD 362.198

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
Capítulo 1 – Avaliação qualitativa: bases conceituais e metodológicas	15
1.1 Caracterizando a avaliação qualitativa	17
1.2 O processo avaliativo: fases vivenciadas e procedimentos metodológicos adotados	21
Capítulo 2 – Programa Mãe Coruja Pernambucana: motivações iniciais, concepções norteadoras, gênese, evolução e funcionamento	29
2.1 Visão a partir do manual do programa e da análise documental	31
2.2 Visão a partir da fala dos entrevistados	34
Capítulo 3 – Visão de especialistas: percepção de atores internos e externos ao Programa Mãe Coruja Pernambucana	49
3.1 Visão dos atores internos	52
3.2 Visão dos atores externos	65
Capítulo 4 – Avaliação a partir da visão das usuárias, técnicas dos Cantos Mãe Coruja e parceiros locais	79
4.1 Breve descrição dos contextos: municípios selecionados e Cantos Mãe Coruja	82
4.2 Cantos Mãe Coruja e o acompanhamento das gestantes e crianças.....	92
4.3 Impactos do programa nas trajetórias de vida das usuárias	98

Capítulo 5 – Síntese e conclusões	117
5.1 Alguns pontos para discussão	119
5.2 Considerações finais e sugestões dos avaliadores	138
Apêndice 1 – Lista de especialistas internos	147
Apêndice 2 – Lista de especialistas externos	149
Apêndice 3 – Metodologia dos grupos focais	150
Apêndice 4 – Roteiro de entrevistas	153

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação Geral: Tania Bacelar de Araújo
Coordenação Técnica: Rayane Andrade
Consultor Sênior: Francisco Jatobá
Consultor Sênior: Jorge Jatobá
Assistente da Coordenação: Raquel Aquino da Silva
Consultora Junior: Laís Veloso
Pesquisadora: Marília Gomes do Nascimento
Pesquisadora: Danielle Gomes da Costa
Pesquisadora: Eloah Maria Martins Vieira
Pesquisadora: Pollyanna Mendes Alves
Estagiária: Carolina Queiroga Jucá

O Programa Mãe Coruja Pernambucana, resultado da inspiração e trabalho de muita gente e uma das estratégias mais bem-sucedidas do Governo Eduardo Campos, trouxe vida e esperança para milhares de mães e crianças do nosso Estado. Ao longo de quase uma década, o programa apresentou resultados expressivos, cresceu de forma sustentável e consistente, ganhou reconhecimento internacional e se consolidou como uma política de Estado. O Mãe Coruja é, hoje, um programa perene.

Falo isso com muita segurança porque acompanho e conheço detalhadamente o Mãe Coruja desde o seu início em 2007 – primeiro como Secretário de Estado (em três pastas diferentes) e depois como Governador – e desde cedo já estava muito claro que o programa seria algo capaz de ir além do alcance de cada um de nós, com respaldo político e reconhecimento social capaz de ultrapassar mandatos.

Como não poderia deixar de ser, as prioridades do Mãe Coruja são prioridades do meu Governo. E como costume dizer, prioridade não é conversa, é orçamento. Só tem prioridade aquilo que tem recursos garantidos. Por isso, ainda em 2016, enviei à Assembleia Legislativa um projeto de lei para tornar impositivos os recursos do Mãe Coruja Pernambucana. Em outras palavras, as rubricas destinadas ao programa serão protegidas por Lei. Também ampliamos o atendimento à primeira infância (crianças até seis anos), através de um plano de desenvolvimento infantil.

O Mãe Coruja é um exemplo para o Brasil e para o mundo. Por isso, vejo com muita satisfação essa história exitosa ser contada, com objetividade, profundidade e sensibilidade em livro. É mais uma forma de continuarmos levando ‘vida’ para a vida das pessoas.

Paulo Câmara
Governador de Pernambuco



Desde 2005, a Fundação Maria Cecília dedica-se a gerar e disseminar conhecimento para o pleno desenvolvimento da criança na primeira infância, período que vai do nascimento aos seis anos de idade.

Dentre as diversas formas de alcançar nossa missão, está o fomento à sistematização e a avaliação das práticas, programas e políticas de primeira infância existentes como um processo de aprofundamento, reflexão, qualificação e registro de tais experiências. Nesse contexto se insere a atuação conjunta com o Governo do Estado de Pernambuco, na avaliação e sistematização do Programa Mãe Coruja Pernambucana, que está há quase uma década em execução.

Conhecer essa história, sua metodologia, as fortalezas, os desafios e seus resultados traz relevantes aprendizados que podem ser inspiradores para os diversos gestores que hoje desejam priorizar, em suas políticas, essa importante etapa da vida.

Entendemos que o produto dessa sistematização pode contribuir para o aprimoramento das políticas públicas voltadas para a primeira infância. Governos que investem esforços em olhar para a efetividade de suas políticas identificando as ações que deram certo, bem como reconhecendo as que não obtiveram os resultados esperados, têm melhores condições de aprimorar seus programas e gerar impactos significativos à sua população.

O material apresentado aqui é fruto de um extenso trabalho de pesquisa de campo e documental sobre o programa, consolidado em quatro publicações para abordar a complexidade que o tema primeira infância exige, trazendo aos gestores informações valiosas sobre a experiência pernambucana.

Parabenizamos o Governo do Estado pela priorização da criança e de seus adultos de referência, pela iniciativa de avaliar e sistematizar sua política de primeira infância e constante preocupação em qualificá-la.

“Se mudarmos o começo da história, mudamos a história toda.”
– frase do documentário *O Começo da Vida*

Eduardo de C. Queiroz
Diretor Presidente da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal



Apresentação

Esta avaliação foi feita com base na captura e interpretação da experiência dos diversos atores envolvidos direta ou indiretamente no Programa Mãe Coruja Pernambucana, em especial seus coordenadores, especialistas em saúde, em educação e em desenvolvimento social, técnicos das secretarias estaduais e municipais, profissionais dos Cantos Mãe Coruja¹, estudiosos de políticas sociais e sobremodo das usuárias do programa.

O relatório está dividido em cinco capítulos. O primeiro aborda a natureza da pesquisa qualitativa e sua aplicação à avaliação do Programa Mãe Coruja Pernambucana aqui desenvolvida, detalhando as suas características e os procedimentos adotados. O segundo trata do objeto do estudo, descrevendo a gênese, as concepções norteadoras e o funcionamento do programa. No capítulo 3, inicia-se a avaliação do programa por meio da interpretação da escuta e da sistematização de conteúdo fornecido pelos olhares interno e externo dos diversos agentes envolvidos, especialistas conhecedores do programa. O capítulo 4 analisa os resultados do trabalho de campo que focou as usuárias, buscando identificar as suas percepções acerca dos impactos do programa em suas trajetórias de vida. O último capítulo contém as observações mais relevantes da equipe que conduziu esta avaliação qualitativa.

No primeiro capítulo ressalta-se que a avaliação se desenvolveu mediante o emprego de métodos e técnicas da pesquisa social qualitativa, nos quais se privilegiou, ao lado da análise documental, o uso de três técnicas distintas para a coleta dos dados: entrevistas (semiestruturadas e em profundidade), grupos

¹ Canto Mãe Coruja é o espaço de acolhimento no qual ocorre o cadastramento das gestantes, funcionando como ponto de apoio para os profissionais selecionados pelo Estado para atuar nos municípios como articuladores do programa no âmbito local.

focais e observação sistemática em campo com foco nas usuárias. Buscou-se, a partir das perspectivas dos indivíduos envolvidos, avaliar o programa em termos de concepção, execução e resultados. O emprego articulado desses três instrumentais procurou captar as formas de enquadramento que fundamentam o programa avaliado, as dinâmicas assentadas em sua cultura organizacional e a percepção das repercussões desse programa sobre a vida das usuárias e de seus filhos.

A gênese, as concepções norteadoras e o funcionamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana estão contidos no capítulo 2. A iniciativa partiu da constatação de que os pernambucanos estavam perdendo anos potenciais de vida por conta da ainda alta, e resistente à queda, mortalidade infantil e das mortes violentas entre os jovens. O governo de Eduardo Campos, ao assumir a gestão do Estado de Pernambuco, promoveu a criação de dois programas com o objetivo de enfrentar essa questão central: o Programa Mãe Coruja Pernambucana, com foco na mortalidade infantil; e o Pacto pela Vida, com foco na violência urbana, no qual se destaca a mortalidade juvenil.

Concebeu-se o Programa Mãe Coruja Pernambucana a partir da constatação de que a mortalidade infantil é um fenômeno multicausal. Sendo assim, seu combate exige transversalidade, integração e intersetorialidade entre os agentes e instituições de diferentes níveis de governo, tendo ainda sua centralidade definida pela ideia de cuidado com a mãe, gestante ou não, e com a criança até os primeiros cinco anos de vida. O funcionamento do programa está fundado em uma perspectiva interdisciplinar de integração e colaboração entre as diversas secretarias e diferentes atores nele envolvidos direta ou indiretamente. O modelo de gestão do programa reflete a perspectiva da intersetorialidade, por meio da adoção de instâncias deliberativas, consultivas e executivas, nas quais o monitoramento é um ponto central.

O capítulo 3 dedica-se à avaliação propriamente dita do Programa Mãe Coruja Pernambucana, consistindo essencialmente da escuta ao público interno (coordenadores estaduais e regionais do programa e técnicos dele participantes) e aos especialistas externos de diversas áreas do conhecimento relacionadas aos objetivos e ações do programa, bem como aos profissionais atuantes na seara da primeira infância ou temas correlatos e que, em algum momento, conheceram ou atuaram junto ao programa. O objetivo, aqui, foi levantar as principais forças e fraquezas do programa a partir dos olhares interno e externo. Além disso, buscou-se identificar os principais desafios para o futuro, assim como possíveis sugestões para o seu funcionamento.

No capítulo 4, a avaliação continua, agora com os resultados da observação em campo, que focou nas usuárias que foram objeto de visitas e de entrevistas. O foco, foi captar a visão das usuárias do programa e dos profissionais que atuam diretamente nos municípios – profissionais dos Cantos Mãe Coruja e das administrações municipais parceiras, além de técnicos do governo estadual atuantes nos municípios visitados.

Quatro municípios foram visitados pela equipe de campo, formada por pesquisadoras qualificadas, com experiência em áreas temáticas correlatas ao programa e organizadas em duplas.

Os critérios para a escolha dos municípios foram os seguintes: a) localização em distintas regiões do interior do Estado (Sertão, Agreste e Mata); b) trajetórias que obtiveram mais êxito na implementação do programa e trajetórias com menos êxitos; c) tempo de existência dos Cantos Mãe Coruja nos municípios (mais antigos e mais recentes). Os municípios selecionados foram: Ouricuri, Exu, Igaracy e Condado. Os Cantos Mãe Coruja nesses municípios foram visitados e, a partir deles, deflagraram-se as atividades das pesquisadoras.

O capítulo 5 registra, sob a forma de síntese e conclusões, as observações da equipe avaliadora, destacando as principais características, os resultados tangíveis e intangíveis mais relevantes e as dificuldades e desafios mais significativos que o Programa Mãe Coruja Pernambucana apresenta atualmente e para o futuro.

Ressalta-se, aqui, que o registro histórico dessa experiência fica agora mais enriquecido como resultado desse esforço coletivo de avaliação que deverá ser difundido até mesmo para que o programa seja universalizado em Pernambuco e estendido a outras regiões e países.



Capítulo 1

Avaliação qualitativa: bases conceituais e metodológicas

1.1 Caracterizando a avaliação qualitativa

Este capítulo apresenta o trabalho avaliativo realizado, caracterizando-o e explicitando os procedimentos metodológicos adotados. A presente investigação desenvolveu-se mediante o emprego de métodos e técnicas da pesquisa social qualitativa, portanto, de forma bastante breve, cabe aqui pontuar alguns dos fundamentos que embasaram o seu desenvolvimento, especialmente no que concerne aos seus aspectos metodológicos.

De maneira geral, as pesquisas sociais buscam descobrir respostas para problemas sociais diversos mediante o emprego de procedimentos científicos – a metodologia científica – e, assim, permitem a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social². Essa realidade, por sua vez, envolve tanto os aspectos relativos ao indivíduo e suas interações com outros indivíduos, quanto aqueles relativos às instituições sociais e suas dinâmicas. Assim, as pesquisas procuram explorar, descrever ou explicar os fenômenos sociais a partir de observação, registro e análise de práticas sociais diversas. Estas últimas, por sua vez, associam-se a dinâmicas de caráter mais formal (como leis e regras institucionalizadas) ou menos formal (costumes, comportamentos, etiquetas e normas não escritas), ambas, porém, igualmente importantes para a compreensão de tais fenômenos.

O presente trabalho teve como objetivo avaliar um programa social específico – o Programa Mãe Coruja Pernambucana – que, por sua vez, propõe-se

² GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas, 1999.

a intervir em uma dada realidade social, alterando, assim, as dinâmicas sociais de um dado contexto – seja no âmbito institucional, seja no âmbito sociocultural. Cabe pontuar, ainda, que a pesquisa avaliativa se caracteriza como um tipo particular de investigação, voltada também para o exame de políticas, programas ou ações – suas forças, fraquezas, desafios e possíveis resultados alcançados.

Cabe pontuar, ainda, que as pesquisas podem ser desenvolvidas segundo abordagens distintas, ou seja, seguindo uma classificação mais ampla. Pode-se dizer que é possível adotar que há dois grandes métodos: o quantitativo e o qualitativo. Tais métodos se diferenciam não só pela sistemática pertinente a cada um deles, mas sobretudo pela forma de abordagem do problema. A escolha da abordagem ou metodologia a ser aplicada relaciona-se, em grande medida, com a natureza do problema que se pretende analisar e as respostas que se busca obter. Sem alongar demasiado o debate, em linhas gerais, tem-se que a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade difícil de ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, alcançando, pois, uma dimensão mais profunda das relações, processos e fenômenos que não devem ou não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Em suma, enquanto a perspectiva quantitativa, fazendo uso da estatística, consegue apreender aspectos “visíveis, morfológicos e concretos” dos fenômenos de forma objetiva, a perspectiva qualitativa adentra no mundo dos significados das ações e relações humanas, uma

Reunião de monitoramento do programa com a presença do então governador Eduardo Campos e a primeira-dama Renata Campos



seara não captável por equações e estatísticas³. As duas abordagens, porém, longe de se contraporem, se complementam, uma vez que as dimensões problematizadas por elas interagem dinamicamente.

A adoção de uma abordagem qualitativa para a realização da pesquisa avaliativa visa a ir além do levantamento de indicadores objetivos (mensuráveis e parametrizados), típicos das pesquisas de delineamento quantitativo, que, se por um lado carregam a precisão inerente aos procedimentos estatísticos, por outro, perdem em profundidade e detalhamento, por causa da própria natureza de suas técnicas e métodos. Frente ao próprio caráter do programa que se pretende avaliar, que tem como objetivo tratar de um problema multicausal – a mortalidade materno-infantil – por meio de uma perspectiva holística, ancorado em concepções subjetivas como **cuidado**, e atuando nas trajetórias de vida dos indivíduos, adotar uma abordagem qualitativa parece ser um caminho bastante profícuo. Assim, buscou-se avaliar o programa a partir da compreensão das dinâmicas sociais envolvidas, entendendo as estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada.

Aqui, busca-se a compreensão dos diversos fenômenos e problemas sociais a partir das perspectivas dos indivíduos neles envolvidos, direta ou indiretamente, e sua interpretação da realidade em que estão inseridos. A descrição e análise dos contextos sociais também são de fundamental importância, uma vez que dão significado às vivências dos sujeitos, permitindo uma maior compreensão de comportamentos, valores, crenças e atitudes. Do ponto de vista avaliativo, a interpretação dos processos intersubjetivos, subjacentes às dinâmicas que envolvem tais elementos, tende a desempenhar um importante papel na caracterização de uma cultura institucional, por exemplo.

Por sua vez, a pesquisa qualitativa engloba diferentes desenhos e orientações, comportando diversos instrumentos de coleta e análise passíveis de serem utilizados. Frequentemente as pesquisas de delineamento qualitativo empregam uma abordagem “multitécnica”, com a combinação de diferentes técnicas de coleta e análise – como o uso combinado de análise documental, entrevistas e observações, por exemplo. Vale salientar que essa abordagem preza por maior flexibilidade nos instrumentos de coleta, ou seja, há uma preferência por instrumentos pouco estruturados a fim de evitar, tanto quanto possível, a condução das opiniões e aumentar as chances de conseguir uma resposta genuína. Além disso, os instrumentos de pesquisa utilizados

³ MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

tentam captar a natureza dinâmica e processual dos fenômenos, priorizando a descrição detalhada das situações diversas. Assim, diferentemente das pesquisas quantitativas, que geralmente partem de categorias ou respostas pré-estruturadas para fins de mensuração e análise estatística, a construção dos dados qualitativos, ou **corpus**, é profundamente intersubjetiva, isto é, centrada na interação pesquisador-pesquisado, alcançando uma profundidade e riqueza de significados dos conceitos que as abordagens quantitativas via de regra não conseguem.

A construção do **corpus** é **funcionalmente** equivalente à amostra representativa, mas com o objetivo diverso de maximizar a variedade de representações desconhecidas. O **corpus** tipifica atributos desconhecidos, enquanto que a amostragem estatística aleatória descreve a distribuição de atributos já conhecidos no espaço social. Isso porque, em geral, na pesquisa qualitativa, os pesquisadores querem mapear as representações de uma população em vez de medir sua distribuição relativa na população. Além disso, utiliza uma forma não probabilística de amostragem, na qual o pesquisador não busca capacidade de generalização, mas tem como objetivo selecionar os casos de maneira estratégica, de acordo com os objetivos da pesquisa. Em outras palavras, o pesquisador seleciona casos típicos no que se refere à sua dimensão de interesse, a fim de que seja capaz de fornecer a informação no nível de aprofundamento desejado.

Em resumo, a pesquisa qualitativa tem como pilares principais:

- **Perspectiva interpretativista:** focada na compreensão do mundo social por meio da interpretação que os indivíduos dele fazem.
- **Foco na “alteridade”:** comprometendo-se a ver os eventos a partir do olhar das pessoas estudadas.
- **Ênfase no contexto:** uma vez que não é possível entender um fenômeno social sem entender o contexto em que ele se desenvolve.
- **Flexibilidade dos instrumentos de coleta:** ou seja, recorrendo a conjuntos de instrumentos de coleta minimamente estruturados a fim de evitar a condução de respostas e ampliar as possibilidades de captar informações genuínas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, lançou-se mão da utilização de instrumentos considerados mais adequados à captação de dinâmicas informais, a saber: a) entrevistas em profundidade; b) grupos focais; e c) observação sistemática, além da análise documental. O emprego articulado desses instrumentais, bastante típicos da abordagem qualitativa, visa a captar desde

as formas de enquadramento que fundamentam o programa social aqui avaliado e as dinâmicas assentadas em sua cultura organizacional até a percepção das repercussões desse programa na vida dos sujeitos-alvo da ação governamental, por exemplo. Considerando os interesses desta investigação, as técnicas citadas demonstram-se, *a priori*, adequadas ao processo de pesquisa e em consonância com os objetivos previamente estabelecidos.

No próximo tópico serão apresentadas de forma mais detalhada, cada uma dessas técnicas utilizadas, bem como serão descritos os procedimentos adotados no decorrer da presente avaliação.

1.2 O processo avaliativo: fases vivenciadas e procedimentos metodológicos adotados

O processo de avaliação qualitativa aqui apresentado foi realizado em fases que se sucederam alimentando cada uma os momentos seguintes. Ao longo de três meses de trabalho, foi sendo gerada uma análise do Programa Mãe Coruja Pernambucana em seus aspectos principais. Foram vivenciadas nesse processo analítico quatro grandes fases, a seguir detalhadas.

Os trabalhos realizados na **Fase exploratória (fase 1)** compreenderam o levantamento de documentação sobre o programa, seguido de análise documental e, em paralelo, a realização de entrevistas com a equipe de coordenação do Programa Mãe Coruja Pernambucana e com integrantes da equipe técnica que está atualmente participando dessa iniciativa, além de secretários de Estado e gestores de diversas secretarias. Foram ouvidas também a Dra. Renata Campos, que liderou a primeira etapa dos trabalhos, e a Dra. Ana Luiza Câmara, que lidera o momento atual. Além dessas pessoas, foram entrevistados os integrantes da coordenação do programa, assim como representantes de várias secretarias de Estado.

O objetivo inicial foi o de compreender a concepção do programa, seus eixos prioritários e sua estrutura de funcionamento, compreender os objetivos perseguidos e os resultados alcançados na visão das pessoas que o conceberam e o implementam, além de mapear sua institucionalidade, suas ações e as incumbências das secretarias envolvidas e dos demais parceiros. A leitura crítica da equipe sobre o programa também foi levantada nessa ocasião.

Nesse momento, foram identificados, ainda, nomes de atores-chaves para integrar um grupo focal ou serem entrevistados na fase 2: A visão de especialistas. Ao mesmo tempo, nas entrevistas, foram identificados critérios de escolha dos municípios a serem objeto do trabalho de campo a ser realizado na fase 3: Visão das usuárias e de executores locais do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

A *démarche* metodológica proposta sinalizou para uma segunda fase (**Visão de especialistas**), realizada com base na consulta a especialistas que, estando dentro e fora do governo estadual, em situações diversas, conheciam o Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Os trabalhos realizados nesse momento da avaliação compreenderam essencialmente a escuta a especialistas de diversas áreas do conhecimento relacionadas aos objetivos e às ações do programa, bem como a profissionais atuantes na seara da primeira infância ou temas correlatos, que, em algum momento, conheceram ou atuaram junto ao Programa Mãe Coruja Pernambucana. O objetivo, aqui, foi levantar as principais forças e fraquezas do programa a partir de uma visão especializada, priorizando atores que o conhecem, integrando ou não seus quadros técnicos. Além disso, buscou-se identificar os principais desafios para o futuro, assim como possíveis sugestões para seu funcionamento e para a implementação de ações futuras.

A metodologia utilizada privilegiou o uso de duas técnicas distintas para a coleta dos dados: entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Quanto a estes últimos, trata-se de técnica de pesquisa qualitativa que objetiva levantar informações e análises qualificadas sobre uma temática selecionada (no caso, o Programa Mãe Coruja Pernambucana e seus resultados), reunindo, em um mesmo ambiente, convidados previamente selecionados que tenham condição de tratar do assunto proposto.

A utilização dos grupos focais, de forma isolada ou combinada com outras técnicas de coleta de dados, como entrevistas, tem se revelado especialmente útil na pesquisa avaliativa, sobretudo no que se refere à sua capacidade de confrontar diferentes pontos de vista sobre uma determinada questão. Nesse sentido, a interação entre os participantes proporciona uma maior exploração de argumentos e opiniões, possibilitando a observação de processos de divergência e convergência acerca da temática analisada. A metodologia utilizada para a realização dos grupos focais se encontra anexa.

Vale destacar que foram realizados dois grupos focais: um com os atuais coordenadores regionais do Programa Mãe Coruja Pernambucana, e outro com



Exu foi um dos municípios selecionados para fazer parte da pesquisa de campo

especialistas que não atuam no programa atualmente, mas tiveram vivência com ele em algum momento de sua implementação.

No que se refere às entrevistas semiestruturadas, elas foram realizadas a fim de contemplar a participação daqueles atores que não puderam participar do grupo focal e dos especialistas residentes fora do Estado ou do país. Para as entrevistas, foi utilizado um roteiro semiestruturado que também se encontra anexo.

A coleta dessas informações nesse momento foi importante no sentido de fornecer insumos para a etapa posterior a ser realizada diretamente nos municípios, por meio da escuta das profissionais dos Cantos Mãe Coruja, técnicos estaduais e municipais que atuam no programa e, em especial, suas usuárias.

A terceira fase compreendeu a realização de **visitas a campo**, em municípios selecionados, objetos de atuação do Programa Mãe Coruja Pernambucana. A escolha dos municípios a serem visitados teve como base os seguintes critérios:

- Trajetórias que tiveram mais êxito e menos êxito na execução do programa: buscou-se identificar, com base nas percepções dos gestores e coordenadores entrevistados, os municípios que apresentaram uma trajetória de sucesso na implementação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, assim como municípios que ainda apresentam dificuldades na sua execução.

- Tempo de existência do Canto Mãe Coruja no município: selecionando municípios pioneiros, isto é, aqueles que foram os primeiros a receber o Programa Mãe Coruja Pernambucana, bem como aqueles que têm uma experiência mais recente com o programa.
- Localização em distintas regiões do Estado: a fim de captar realidades e contextos distintos.

Os municípios selecionados foram os seguintes:

Tempo	Região	Trajetória de implantação	
		Mais êxito	Menos êxito
Antigos	Sertão do Araripe (GERES IX)	Ouricuri	Exú
Recentes	Pajeú (GERES X)	Iguaracy	-
	Mata Norte (GERES XII)	-	Condado

*Geres – Gerência Regional de Saúde

O objetivo principal do trabalho de campo foi captar a visão das usuárias do programa e dos profissionais que atuam diretamente nos municípios – profissionais dos Cantos Mãe Coruja e das administrações municipais; tais como profissionais do Centro de Referência de Assistência Social (Cras), do Programa de Saúde da Família (PSF) e da Secretaria da Educação.

A finalidade foi identificar, especialmente, possíveis impactos do programa na vida das usuárias, bem como a visão que elas têm dele, seus pontos positivos e negativos. Em paralelo, a consulta aos profissionais que atuam na linha de frente do programa teve como propósito identificar forças e fraquezas do processo de implementação e operacionalização do Programa Mãe Coruja Pernambucana na ponta, além de identificar sugestões para seu aperfeiçoamento.

As técnicas de coleta de dados utilizadas nessa etapa foram: a) entrevistas em profundidade gravadas e sistematizadas em seus resultados e b) observação sistemática da realidade, gerando um diário de campo. Para as entrevistas em profundidade, foi utilizado um tópico-guia com pontos e/ou questões importantes a serem levantadas ao longo da escuta, de forma que o roteiro não fosse rígido, permitindo explorar em profundidade as percepções e vivências das pessoas entrevistadas. Nesse sentido, foram produzidos três roteiros distintos: um para as usuárias do programa, um para os profissionais dos Cantos Mãe Coruja e outro voltado para profissionais de instituições parceiras e que atuam no atendimento às mães e crianças, com vistas a contemplar as especificidades de cada perfil.

No que diz respeito à observação sistemática, esta se constitui como uma importante técnica de coleta de dados, uma vez que possibilita ao pesquisador captar informações valiosas que não se expressam nos discursos, tais como comportamentos e atitudes, com riqueza de detalhes. Idealmente, a observação requer a imersão do pesquisador na realidade social investigada, no entanto, por questões de tempo, foi realizada a *observação sistemática* dentro dos Cantos Mãe Coruja e, quando possível, nas residências das usuárias.

Nessa modalidade de levantamento de informações, há um planejamento prévio do que se deseja analisar, com a construção de uma espécie de roteiro, no qual se listam pontos importantes a serem observados de maneira detalhada no campo. As pesquisadoras foram orientadas a reservar momentos para observar a forma como se desenvolve o dia a dia das atividades nos Cantos Mãe Coruja, tais como, o acolhimento das mulheres que ali chegam, as orientações compartilhadas, o relacionamento entre profissionais-beneficiárias, entre outros aspectos. Nas casas das usuárias, observou-se, em especial, o relacionamento entre os familiares presentes, a estrutura domiciliar e a quantidade de crianças, entre outros aspectos. Para isso, foram utilizados *diários de campo*, que se constituem como relatos detalhados e descrições em profundidade da realidade observada.

Considerando as técnicas a serem adotadas, a seleção da equipe de pesquisadores foi feita com o objetivo de contemplar, tanto quanto possível, as especificidades do campo e dos sujeitos a serem entrevistados, buscando profissionais com formação em áreas/temáticas que possuíssem interface com os objetivos e concepções norteadoras do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Assim, foi priorizada a contratação de pesquisadoras, todas com experiência em pesquisas qualitativas e estudos nas áreas de gênero, maternagem, cuidado (estudos do *care*) e afins.

A pesquisa de campo foi iniciada no dia 15 de agosto de 2016 e terminou no dia 28 de agosto de 2016, com duração de 15 dias no total. A equipe foi dividida em duplas – cada uma delas responsável por visitar dois municípios – a fim de possibilitar a observação e a tomada de notas no curso das entrevistas.

Ao chegar nos municípios, o primeiro contato foi feito com as profissionais dos Cantos Mãe Coruja, que tinham sido previamente informadas sobre a pesquisa e estavam disponíveis para a realização das entrevistas e o fornecimento das informações necessárias para o desenvolvimento do campo. O segundo passo foi, juntamente com essas profissionais, realizar o levantamento das usuárias cadastradas no programa e, a partir desse cadastro, selecionar pelo

menos quatro mulheres a serem entrevistadas em cada município, levando em consideração os seguintes critérios:

- Tempo de entrada no programa: uma mais antiga e uma mais recente.
- Território onde reside no município: meio rural e meio urbano.
- Mãe adolescente.
- Número de filhos: preferencialmente mães com um filho que foi acompanhado pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana e um que não foi.

No que se refere ao terceiro perfil de pessoas a entrevistar, priorizou-se a escuta de profissionais das administrações municipais que trabalham em parceria com o programa, em especial os que trabalham no Cras e no PSF. Dentre os funcionários estaduais, priorizou-se as responsáveis pela realização dos Círculos de Educação e Cultura (educadores ou coordenadores), visto que a educação é o terceiro eixo prioritário do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Finalmente, buscou-se ouvir outros atores que apareceram nos discursos de entrevistados ou que foram indicados como figuras de referência no cenário local e atuando junto ao programa (como membros da Pastoral da Criança, por exemplo).

Mulheres beneficiadas pelo programa também foram ouvidas durante o processo de avaliação

As pesquisadoras foram orientadas a explorar as situações para além do roteiro preestabelecido, dando importância especial à observação sistemática. Um cuidado especial foi dado ao uso de fotografias, que funcionou como um registro para ilustrar os contextos visitados e a realidade social pesquisada.



Nessa fase dos trabalhos, foram realizadas 55 entrevistas, assim distribuídas:

Perfis de entrevistados por municípios	
OURICURI - 13 entrevistas, das quais: 2 Profissionais do Canto Mãe Coruja 1 Profissional da Saúde 2 Profissionais da Educação 1 Profissional do CRAS 5 Beneficiárias 1 Profissional do NASF 1 Profissional Voluntário	EXU - 12 entrevistas, das quais: 2 Profissionais do Canto Mãe Coruja 1 Profissional da Saúde 2 Profissionais da Educação 1 Profissional do CRAS 4 Beneficiárias 1 Profissional do IPA 1 Profissional da Pastoral da Criança
CONDADO - 17 entrevistas, das quais: 2 Profissionais do Canto Mãe Coruja 2 Profissionais da Saúde 2 Profissionais da Educação 1 Profissional do CRAS 9 Beneficiárias 1 Profissional da Secretaria de Políticas para Mulheres	EXU - 13 entrevistas, das quais: 2 Profissionais do Canto Mãe Coruja 2 Profissionais da Saúde 1 Profissional da Educação 1 Profissional do CRAS 5 Beneficiárias 1 Pai 1 Profissional do IPA

*IPA – Instituto Agrônômico de Pernambuco

A partir das anotações de campo e dos relatos ouvidos, as pesquisadoras priorizaram, na sistematização dos resultados, a explicitação de: a) pontos fortes do Programa Mãe Coruja Pernambucana; b) pontos fracos/dificuldades enfrentadas; c) principais percepções sobre os impactos do programa nas vidas das usuárias e de seus filhos; e d) sugestões para a melhoria do programa.

No momento final da *démarche* analítica (fase 4) foi realizada uma **sistematização de todo o material recolhido ao longo do trabalho**, buscando identificar os principais achados e explicitar as ideias-força que se destacaram ao longo das várias leituras e escutas realizadas.

Trata-se de um momento de síntese que implicou em trabalho em grupo com a participação de toda a equipe envolvida nas diversas fases do estudo. Um roteiro geral capaz de guiar a apresentação dos resultados foi construído coletivamente e o trabalho foi repartido entre membros da equipe sênior. Nesse momento, foram identificadas as principais conclusões obtidas no processo de análise, material destinado a compor o capítulo final da avaliação.



Capítulo 2

Programa Mãe Coruja Pernambucana: motivações iniciais, concepções norteadoras, gênese, evolução e funcionamento

O Programa Mãe Coruja Pernambucana foi criado em 2007, por meio do Decreto de nº 30.859, de 4 de outubro de 2007, frente à necessidade de garantir os direitos reprodutivos das mulheres e o direito à infância desde o primeiro ano de vida, com vistas a melhorar os indicadores materno-infantis no Estado de Pernambuco, em especial a mortalidade infantil. Em 2009, o então governador Eduardo Campos transformou o programa em projeto de lei, aprovado pela Assembleia Legislativa (Lei nº 13.959, de 15 de dezembro de 2009), que define seus objetivos, ações, critérios de inclusão dos municípios e atribuições das secretarias.

A seguir, busca-se explicitar as concepções que nortearam a criação do referido programa, seus objetivos, eixos prioritários e a forma como foi pensado o seu funcionamento, por meio de análise dos documentos institucionais – em especial, do *Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana* – e dos relatos coletados na etapa de entrevistas com seus idealizadores e com a equipe coordenadora. A apresentação do programa será aqui dividida em dois momentos: o primeiro, mais focado na análise do manual, e o segundo na análise das entrevistas realizadas.

2.1 Visão a partir do manual do programa e da análise documental

O *Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana*, definido como um instrumento de orientação para todos que irão se envolver, direta ou indiretamente, no processo de implantação, desenvolvimento, monitoramento e avaliação das

ações do programa, traz importantes informações acerca das concepções que nortearam sua criação, além de esclarecimentos sobre seus objetivos, eixos de atuação e funcionamento.

A discussão contida no documento parte da compreensão de que, a despeito dos avanços alcançados, ainda há um longo caminho a seguir para superar a exclusão em suas diversas formas, ainda existentes no país e no Estado, mais especificamente.

Nesse cenário, determinados setores da população tendem a sofrer os efeitos dessa desigualdade de forma mais acentuada, constituindo o que se costuma chamar de “pessoas em situação de vulnerabilidade social”. Essa denominação diz respeito, justamente, àqueles indivíduos que, por motivação diversa, têm sua oportunidade igualitária de acesso a bens e serviços universais dificultada ou, no extremo, vetada, ficando mais suscetíveis à violação dos seus direitos como cidadãos e sofrendo, pois, os efeitos perversos da exclusão. Nesse grupo de pessoas em situação de vulnerabilidade, encontram-se as mulheres, as crianças e os adolescentes, grupos fortemente afetados pelos problemas sociais diversos existentes em nosso país e que colocam seu bem-estar e sua cidadania em risco.

O Programa Mãe Coruja Pernambucana surge, portanto, nesse cenário de iniquidade social, com vistas a tentar sanar alguns dos problemas encontrados no Estado de Pernambuco, tendo como foco as crianças e as mulheres. Em 2007, ano da sua criação, a capital do Estado, Recife, apresentou indicadores de mortalidade infantil de 12,7 óbitos para cada mil crianças nascidas vivas, enquanto no sertão pernambucano esse índice foi de 25,8 óbitos por mil nascidos vivos, de acordo com os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/Datasus) do Ministério da Saúde. Essa distorção encontrada entre os coeficientes da capital e do interior reflete a existência de realidades distintas dentro do Estado, onde crianças nascidas no sertão apresentam menos chance de viver do que as da capital, sendo, portanto, mais vulneráveis. Levando isso em consideração, o programa é orientado pelo desafio de enfrentar a mortalidade infantil no Estado, por meio do cuidado integral das gestantes e crianças de 0 a 5 anos.

No caso de Pernambuco, a vulnerabilidade das crianças e mulheres em sua trajetória de maternidade acentua-se no interior das comunidades quilombolas, das aldeias indígenas, dos assentamentos e dos inúmeros bolsões de miséria urbanos e rurais. Considerando a divisão geofísica, a zona semiárida pernambucana, assim como

acontece em todo semiárido brasileiro, apresenta os piores indicadores de mortalidade materna e infantil. (Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana, 2011 p.7)

Reconhecer essa diferença e colocar essas áreas como foco de atuação do programa, saindo do eixo capital-região metropolitana, coloca-o um passo à frente dos demais, uma vez que não se furta a situar-se no centro do problema e a combatê-lo de frente.

Já no que diz respeito à mulher, parte-se da ideia de que, historicamente, sempre coube a ela o papel do cuidado. Isto é, ao ficar restrita ao ambiente do lar, a ela foi imposto o lugar de cuidadora – do marido, dos filhos, e da família como um todo. A partir de um processo de mudança ocorrido ao longo dos anos, a mulher viu crescer seu escopo de responsabilidades: pesquisas recentes mostram que vem crescendo o número de mulheres chefes de família, acumulando, portanto, os papéis de cuidadora e provedora, este último um papel historicamente associado ao homem em muitas culturas. Apesar disso, em contrapartida, esse crescimento não foi acompanhado de uma maior participação dos homens no exercício das atividades da vida privada – de cuidado da família e manutenção do lar – de forma proporcional.

Vê-se, portanto, que a mulher, ao passo que assume a responsabilidade da família, enquanto pessoa de referência, reforça a sua função de “cuidadora”, desencadeando a questão: se ela cuida de todos, quem cuida da mulher? (Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana, 2011, p.8)

Assim, o programa visa a promover, também, o cuidado às mulheres gestantes, por meio do reconhecimento dos seus direitos e do estímulo ao pleno exercício da cidadania. De acordo com seu manual, o programa se alicerça em três pilares, a saber:

- No reconhecimento dos direitos das mulheres, visto que são elas que engravidam e, quando não acompanhadas de forma sistemática e plena pelo Estado, pela sociedade e pela família, são as que mais sofrem consequências, muitas vezes, irreversíveis.
- No reconhecimento da infância como um dos universos etários prioritários na formulação de políticas sociais conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente.
- No reconhecimento e definição como política prioritária e estratégica para o Estado de Pernambuco no enfrentamento das desigualdades sociais.

Por meio da análise do *Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana* é possível perceber que o referido programa se insere em um cenário de entrelaçamento de problemas sociais distintos, porém relacionados, tais como a desigualdade social, as vulnerabilidades sociais que vitimam mulheres e crianças, a fragilidade da rede assistencial e o acesso desigual à cidadania, entre outros. Tudo isso puxado pela grande questão e preocupação principal do programa que é a mortalidade infantil e materna. Ou seja, ao resolver lidar com o problema específico dos altos índices de mortalidade infantil no Estado, o Programa Mãe Coruja Pernambucana se depara com uma variedade de problemas outros que estão relacionados – direta ou indiretamente – com os altos coeficientes encontrados para esse indicador. Frente a isso, o programa tem como objetivo principal reduzir esses índices, olhando, tanto quanto possível, para os demais indicadores sociais correlacionados, que acabam por influenciar os resultados que se pretende alcançar. Essa perspectiva fica clara no delineamento do objetivo geral do Programa Mãe Coruja Pernambucana, conforme pode-se ver a seguir:

Garantir atenção integral às gestantes usuárias do sistema público de saúde, bem como aos seus filhos e famílias, incentivando o fortalecimento dos vínculos afetivos e criando uma rede solidária para redução da mortalidade infantil e materna, além da melhoria de outros indicadores sociais, através de ações articuladas nos eixos da saúde, educação, desenvolvimento e assistência social. (Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana, 2011, p. 11)

2.2 Visão a partir da fala dos entrevistados

Para além da análise dos documentos institucionais, na fase exploratória, foi realizada uma série de entrevistas com o objetivo de melhor compreender a essência do Programa Mãe Coruja Pernambucana: as motivações iniciais que levaram ao seu surgimento, suas características basilares, as concepções que nortearam sua construção, seu processo de implementação e desenvolvimento.

Tomando como base os relatos coletados nessas entrevistas, foi possível identificar alguns eixos centrais para o entendimento e a avaliação das diretrizes do programa, que serão discutidos a seguir.

a) Gênese

Por meio das entrevistas, foi possível observar que o processo de surgimento e construção do programa passou pelo levantamento e identificação de alguns indicadores que evidenciaram a existência de problemas sociais sérios no Estado de Pernambuco. Um desses indicadores foi o de Anos Potenciais de Vida Perdidos (APVP), que diz respeito à diferença entre a expectativa de anos de vida em um dado momento e a idade em que o indivíduo morreu⁴. Segundo os relatos, na época da campanha eleitoral, em 2006, foi feito um diagnóstico sobre a situação do Estado, no qual foi encontrada uma série de indicadores negativos – entre eles, um número alto de “anos perdidos” que, em Pernambuco, era fortemente afetado por uma taxa altíssima de mortalidade infantil e de assassinatos de jovens.

Tais coeficientes forneceram o embrião para a formulação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, e a taxa de mortalidade infantil foi tomada como o marco principal a partir do qual era preciso pensar em saídas e soluções para a sua redução. A primeira convicção nesse sentido foi sobre a necessidade de fortalecer a atenção primária no Estado, o que foi feito por meio da Política de Fortalecimento da Atenção Primária do Estado, instituída pelo Decreto Estadual n° 30.353, de 12 de abril de 2007, com vistas à valorização e à melhoria da cobertura e qualidade da atenção primária ofertada pelas Secretarias Municipais de Saúde, e que faz parte do Marco Legal do Programa Mãe Coruja Pernambucana:

Paralelo a isso a gente foi construindo a política de fortalecimento da atenção primária. Então, antes de nascer, o Mãe Coruja teve todo um movimento que surgiu a partir daí, né, pra nascer a política de fortalecimento, a gente criou os indicadores, criou os critérios, e as certificações das equipes de saúde [...] a política de fortalecimento da atenção primária, que é aquele primeiro decreto que a gente tem no nosso marco legal, foi em abril de 2007, foi a primeira política que Eduardo assinou. (Ana Elizabeth de Andrade Lima – Médica, diretora de Políticas Estratégicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana e coordenadora do Conselho Consultivo do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

⁴ Assim, um determinado indivíduo que morreu com 30 anos, considerando a expectativa de vida de 70 anos, perdeu 40 anos potenciais de vida.

Outro ponto colocado em algumas das entrevistas refere-se à influência do Projeto Caminhar, implementado no final dos anos 1980 pelo governo de Miguel Arraes. Esse projeto tinha como um dos seus objetivos diminuir a mortalidade infantil mobilizando, capacitando os agentes e transferindo o conhecimento à população por meio da cultura popular, mais especificamente, utilizando o mamulengo⁵. O projeto Caminhar é apontado como uma inspiração para a criação do Programa Mãe Coruja Pernambucana e, em especial, para a implementação dos Círculos de Educação e Cultura como um dos instrumentos do programa.

Era uma coisa que a gente resgatou do governo Arraes e trouxe do Caminhar, tanto é que o nome é muito simbólico, Projeto Caminhar, e a gente continua caminhando... se você olhar na estruturação, na linha do tempo, é o Caminhar, a Política de Fortalecimento da Atenção Primária [...], o Mãe Coruja. (Ana Elizabeth de Andrade Lima – Médica, diretora de Políticas Estratégicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana e coordenadora do Conselho Consultivo do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

Assim, começou-se a pensar em como resolver o problema específico da mortalidade infantil, cujos indicadores eram bastante elevados e se encontravam de forma desigual por todo o Estado. Para isso, várias secretarias estaduais foram mobilizadas para pensar de forma integrada em um conjunto de medidas necessárias para reduzir os indicadores e como cada uma dessas secretarias poderia atuar a fim de atingir o objetivo desejado.

Dessa forma, dois grandes programas foram criados pelo governo Eduardo Campos, partindo do conhecimento acerca do indicador de anos potenciais de vida perdidos: o Pacto Pela Vida, que surge para enfrentar a questão dos crimes violentos letais intencionais – que tem os jovens como vítimas preferenciais –, e o Programa Mãe Coruja Pernambucana, que vem com o objetivo de reduzir os altos índices de mortalidade infantil.

Observa-se que, na gênese, há uma ponte entre o Pacto Pela Vida e o Programa Mãe Coruja Pernambucana, que partem, inclusive, de modelos de gestão semelhantes no que diz respeito à perspectiva de transversalidade, integração e intersetorialidade, características que se constituem como um diferencial desses dois programas.

⁵ O mamulengo é uma manifestação popular, tipicamente pernambucana, que consiste em uma forma de teatro de bonecos praticada por artistas populares.

Outro elemento muito presente tanto nas falas dos entrevistados quanto nos documentos analisados é a questão das mortes por “causas evitáveis”. As causas evitáveis são aquelas passíveis de serem prevenidas – total ou parcialmente – por ações efetivas dos serviços de saúde disponíveis em dada época. Sendo assim, os óbitos por causas evitáveis são aqueles que não deveriam ocorrer e que, uma vez que acontecem, têm sua ocorrência ligada à qualidade ou à efetividade do sistema de saúde de uma determinada localidade. Ou seja, com o aprofundamento na problemática da mortalidade infantil no Estado, começou-se a perceber que uma grande parcela dessas mortes poderia ter sido evitada com ações simples do serviço de saúde, como um maior acompanhamento e cuidado com as crianças e gestantes.

[...] a gente começou todo um diagnóstico, aí a gente viu que a mortalidade era alta, muitas vezes, por causas evitáveis, era uma infecção urinária, era uma sífilis, era um acompanhamento que não teve na gestação... (Renata Campos - Ex-primeira-dama do Estado de Pernambuco e líder da primeira fase do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

Tendo essas questões como referência, partiu-se em busca de experiências bem-sucedidas no trato com o problema da mortalidade infantil e no cuidado com a primeira infância, tanto no Brasil quanto fora dele. Alguns programas que inspiraram a construção do Programa Mãe Coruja Pernambucana, segundo as entrevistas feitas, foram o Primeira Infância Melhor (PIM), do Rio Grande do Sul, e o Mãe Curitibana, no Paraná. O contato com essas experiências, segundo os relatos, foi muito rico no sentido de trazer importantes *insights* para a forma de pensar e formular o programa, que se inspirou em várias dessas perspectivas encontradas e buscou se adaptar à realidade de Pernambuco, levando em conta as suas particularidades. Um ponto importante que se constituiu como central na gênese do Programa Mãe Coruja Pernambucana é a importância de se voltar o olhar para o cuidado na primeira infância, como etapa crucial para o desenvolvimento humano.

Além disso, o programa parte do pressuposto de que o cuidado com a infância começa já na gestação, por meio de acompanhamento e atenção à gestante durante toda a gravidez.

Essas questões, colocadas aqui de maneira breve, constituem o cerne do processo por meio do qual o Programa Mãe Coruja Pernambucana foi gerado, bem como fornecem pistas importantes acerca das concepções que vão

nortear todo o programa: desde a sua criação, perpassando todo o seu funcionamento e a execução na ponta, como se verá a seguir.

b) Concepções norteadoras

Ainda no processo de investigação realizado na primeira etapa deste estudo, foi possível identificar alguns dos eixos e preocupações centrais que orientaram a criação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, bem como a dinâmica de sua implantação e funcionamento. Cabe salientar que esse se constituiu como um primeiro olhar sobre o programa, seus fundamentos e possíveis repercussões.

b.1) Mortalidade infantil como fenômeno multicausal

O que é que interfere na mortalidade infantil? O que é que faz uma geração ser mais bem cuidada? Então, a gente viu que não era uma questão só de saúde [...] era uma coisa que a gente se deparava muito. Normalmente os programas de combate à mortalidade infantil são da saúde, e a gente via que a mortalidade infantil não é só uma questão de saúde, é uma questão de saúde, de educação, de assistência social, de todo um cuidado [...]. E, aí, a gente começou a ver dentro do Estado o que é que a gente poderia fazer pra construir esse programa. Aí foi uma verdadeira gestação, de juntar as secretarias, de ver [...] e, aí, começou, a Secretaria de Saúde, a Secretaria da Educação, a Secretaria da Mulher [...] (Renata Campos - Ex-primeira-dama do Estado de Pernambuco e líder da primeira fase do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

De acordo com os diversos relatos coletados, tornou-se possível perceber como, desde o início, buscou-se tratar da mortalidade infantil por meio do entendimento de que esse é um fenômeno complexo e múltiplo em sua causalidade. Esse fenômeno, captado e mensurado como indicador específico, acaba por despontar como um dos elementos norteadores para a construção do programa, uma vez que suas causas e efeitos – profundamente transversais – demandariam uma perspectiva multissetorial de ações e políticas convergentes.

Sendo assim, para lidar com essa questão, seria necessário um olhar holístico e um esforço combinado entre várias dimensões que, juntas, poderiam ser capazes de sanar o problema. A ideia de não reduzir a mortalidade infantil

em uma única causa fica clara em vários momentos na fala de vários dos atores entrevistados, por meio da noção de que é preciso cuidar não apenas da criança, mas também da mãe e da família como um todo.

Dessa forma, a mortalidade infantil e seu enfrentamento não se resumem a uma questão de saúde apenas, tendo a dimensão social um papel fundamental, o que se traduz na própria definição dos eixos prioritários do Programa Mãe Coruja Pernambucana, quais sejam: a saúde, a educação/cultura e o desenvolvimento e assistência social. Assim, as ações do programa não estão apenas voltadas para questões diretamente vinculadas ao âmbito da saúde, mas também prezam pelo fortalecimento dos vínculos afetivos familiares, pelo estímulo à autonomia das mães mediante a consolidação de processos de alfabetização, letramento e capacitação profissional, pela promoção da inclusão social e direito à cidadania, entre outros. É essa ideia que, na gênese, deu fruto à perspectiva tão citada e presente de integração e transversalidade nas ações.

b.2) Transversalidade, integração e intersectorialidade como diretrizes centrais de atuação

Outro aspecto fundamental para compreender o Programa Mãe Coruja Pernambucana diz respeito à noção de transversalidade e integração. Frente ao entendimento de que o problema da mortalidade infantil é multicausal, tratá-lo a partir de uma ótica multidisciplinar acaba por ser uma consequência natural e profícua, que se observa desde a sua origem, por intermédio do diálogo com as várias secretarias e a construção coletiva de suas diretrizes e ações.

A gente fez uma opção de agir no programa de forma integrada, de forma integrada dentro do Estado e pra dentro do município, trabalhar de forma integrada o Estado e o município. E buscar dentro do município que ele também se organizasse de forma integrada. Essa integração, eu acho que é uma coisa muito forte do programa, é trabalhar de forma integrada, né, ele é intersectorial e integral e, aí, essa integração que a gente fez no Estado a gente levou para que os municípios também passassem a trabalhar de forma integrada. (Renata Campos - Ex-primeira-dama do Estado de Pernambuco e líder da primeira fase do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

Essa transversalidade se reflete no próprio modelo de gestão e governança do programa, que busca construir uma dinâmica articulatória entre as várias

secretarias participantes, de modo a que todas elas tenham responsabilidades compartilhadas no tratamento da questão, privilegiando um desenho eminentemente intersetorial. Por sua vez, o Programa Mãe Coruja Pernambucana busca levar essa perspectiva intersetorial também para o âmbito dos municípios onde chega por meio do estímulo à integração das atividades e cooperação entre os diferentes atores e profissionais atuantes no município.

É recorrente, nos discursos dos entrevistados, a ênfase dada a essa transversalidade, vista como característica basilar do Programa Mãe Coruja Pernambucana, à qual creditam boa parte dos resultados positivos alcançados.

Por outro lado, apesar dessa integração ser vista como um ponto forte, muitas das falas a encaram também como sendo um desafio constante, uma vez que requer a sensibilização continuada dos atores envolvidos nos diversos níveis, bem como a repactuação institucional das várias secretarias estaduais envolvidas.

b.3) Centralidade da ideia de cuidado

A perspectiva do *cuidado* é central no discurso de todos os entrevistados, que identificam como um dos objetivos principais do Programa Mãe Coruja Pernambucana cuidar das crianças e de suas famílias. Segundo muitos deles, o enfrentamento de um problema tão sério quanto o da mortalidade infantil passa diretamente pela necessidade de fortalecimento dos vínculos familiares, especialmente o vínculo mãe-bebê, e a atuação do programa nesse sentido é feita por meio de um trabalho multidisciplinar com o objetivo de operar nas várias vertentes que compõem a esfera do *cuidado*.

Na verdade, a gente via a necessidade, lá na campanha, uma coisa aí pra trás mesmo, de criar, de ter um programa, de ter uma coisa que cuidasse da vida desde o início [...]. Nasceu da gente perceber que era importante a gente ter alguma coisa que cuidasse da vida, e que cuidasse da vida desde o início. [...] A gente percebia que cuidar dos vínculos afetivos era uma coisa muito importante. (Renata Campos - Ex-primeira-dama do Estado de Pernambuco e líder da primeira fase do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

Sendo assim, observa-se a compreensão do cuidado para além da visão biológica – situada no campo mais específico da saúde, de modo a levar em conta a multiplicidade de aspectos aí inclusos e, dessa forma, tratar o ser humano em sua complexidade e subjetividade. De forma prática, esse entendimento é

operacionalizado pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana no próprio desenvolvimento de suas ações, que buscam articular diversos âmbitos, tais como o da saúde, da educação e da assistência social, para alcançar uma perspectiva de cuidado global que leve em conta as múltiplas dimensões do ser humano.

O fortalecimento dos vínculos afetivos e familiares é visto como um ponto fulcral a ser estimulado pelo programa, por meio de reuniões, oficinas, sensibilizações e da instrumentalização de toda uma cadeia de recursos simbólicos ligados à própria ideia de maternidade. Um exemplo disso é a utilização do Álbum do Bebê, recorrentemente citado como um instrumento de construção de memória, resgate e consolidação dos vínculos afetivos no âmbito familiar – nuclear ou ampliado.

Vale salientar que as emoções constituem uma dimensão fundamental dentro do trabalho do cuidado e, por esse motivo, a capacitação dos profissionais que lidam com as gestantes e suas famílias é vista como um fator fundamental para o bom desenvolvimento do programa. O trabalho direto com as famílias requer a sensibilidade e o envolvimento desses profissionais para compreender as realidades e necessidades distintas de cada uma dessas famílias. A seleção de um perfil de profissional que se coadune com essa visão é, pois, de suma importância, uma vez que é ele que vai tratar com essas famílias diretamente na ponta.

c) Evolução do programa

Com base nos indicadores de mortalidade infantil coletados, foi construído um critério para selecionar os municípios que seriam alvo de atuação do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Assim, o critério adotado foi o de 25 óbitos por mil nascidos vivos, ou seja, os municípios onde a taxa de mortalidade infantil era igual ou superior a 25 óbitos por mil nascidos vivos eram considerados prioritários para a implantação do programa. Aliado a isso, também foram levados em consideração para a definição das áreas prioritárias o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e o Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI).

A divisão territorial adotada foi a mesma adotada pela área da saúde, que divide o território do Estado em 12 Gerências Regionais de Saúde (Geres). Cada uma dessas Geres é responsável por um conjunto de municípios e atua, de forma mais localizada, na atenção básica, na reestruturação da rede hospitalar, nas ações municipais e nas diversas endemias, e, portanto, no enfrentamento à mortalidade infantil. Dessa forma, nos

casos em que pelo menos 50% dos municípios situados em uma determinada Geres apresentassem taxa de mortalidade infantil igual ou superior a 25 óbitos por mil nascidos vivos, o Programa Mãe Coruja Pernambucana seria implantado na área como um todo, isto é, em todos os municípios daquela Geres.

A princípio, no ano de 2007, a área que se apresentou mais crítica foi o Sertão do Araripe, onde estavam os piores indicadores de Pernambuco. Essa região foi, portanto, o local escolhido para iniciar a implantação do Programa Mãe Coruja Pernambucana. De acordo com os documentos institucionais analisados, em 2008, foi definida a implantação do programa nos 11 municípios da IX Geres – Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Moreilândia, Ouricuri, Parnamirim, Santa Cruz, Santa Filomena e Trindade – e nos 13 municípios da VI Geres – Arcoverde, Buíque, Custódia, Ibimirim, Inajá, Jatobá, Manari, Pedra, Petrolândia, Sertânia, Tacaratu, Tupanatinga e Venturosa –, totalizando 24 municípios beneficiados.

Atualmente, o Programa Mãe Coruja Pernambucana está presente nas 12 Geres, em 105 municípios, 103 deles sob a gestão estadual, são eles⁶:

- I Geres – Araçoiaba.
- II Geres – Casinhas, Cumarú, Salgadinho.
- III Geres – Amaraji, Catende, Cortês, Jaqueira, Joaquim Nabuco, Lagoa dos Gatos, Maraial, Palmares, Quipapá, Rio Formoso e Xexéu.
- IV Geres – Agrestina, Belo Jardim, Bonito, Camocim de São Félix, Ibi-rajuba, Jataúba, Jurema, Panelas, Riacho das Almas, Sairé, Sanharó, São Caetano, Tacaimbó e Vertentes.
- V Geres – Águas Belas, Angelim, Bom Conselho, Brejão, Caetés, Calçado, Canhotinho, Capoeiras, Correntes, Garanhuns, Iati, Itaíba, Jucati, Jupi, Lagoa do Ouro, Lajedo, Palmeirina, Paranatama, Saloá, São João e Terezinha.
- VI Geres – Arcoverde, Buíque, Custódia, Ibimirim, Inajá, Jatobá, Manari, Pedra, Petrolândia, Sertânia, Tacaratu, Tupanatinga e Venturosa.
- VII Geres – Mirandiba e Terra Nova.
- VIII Geres – Afrânio, Cabrobó, Dormentes, Lagoa Grande, Orocó, Petrolina e Santa Maria da Boa Vista.
- IX Geres – Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Moreilândia, Ouricuri, Parnamirim, Santa Cruz, Santa Filomena e Trindade.

⁶ Versão atualizada de acordo com as informações contidas no site Programa Mãe Coruja Pernambucana. Disponível em: <http://www.maecoruja.pe.gov.br/cantos-mae-coruja/>. Acesso em: 31 jan. 2017.

- X Geres – Carnaíba, Iguaracy, Itapetim, Santa Terezinha e Solidão.
 - XI Geres – Betânia, Calumbi, Carnaubeira da Penha, Flores, Floresta, Itacuruba, Santa Cruz da Baixa Verde, São José do Belmonte, Serra Talhada e Triunfo.
 - XII Geres – Aliança, Condado, Ferreiros, Macaparana e São Vicente Férrer
- Os municípios de Recife e Ipojuca possuem um programa similar, implantado sob a gestão municipal com cooperação técnica estadual.

d) Funcionamento do programa

De acordo com os documentos institucionais analisados e por meio dos relatos coletados, é possível entender como se dá o funcionamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana, fundado em uma perspectiva interdisciplinar de integração e colaboração entre diversas Secretarias de Estado e diferentes atores nele envolvidos, direta ou indiretamente.

O próprio modelo de gestão do programa reflete a perspectiva da intersectorialidade, por meio da adoção de instâncias deliberativas, consultivas e executivas, como se pode ver no organograma a seguir, retirado das apresentações oficiais do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Figura 1 – Organograma da gestão do Programa Mãe Coruja Pernambucana



Fonte: Elaboração própria a partir de dados contidos no *Manual do Programa Mãe Coruja Pernambucana*, 2011. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/maecoruja/manual-do-programa-me-coruja>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

Como é possível notar, cada um dos comitês mencionados no organograma tem uma formação interdisciplinar e atua de forma conjunta realizando

a definição, o acompanhamento e o monitoramento das ações. Outro ponto importante no que se refere ao funcionamento do programa é o que diz respeito ao monitoramento sempre permanente das ações, que perpassa seus diferentes âmbitos.

No âmbito local, encontra-se o que é chamado de Canto Mãe Coruja, que se constitui como um espaço de acolhimento das gestantes, crianças e famílias, funcionando como o ponto de apoio para os profissionais atuarem como articuladores do programa na esfera municipal. É nesse espaço que ocorrem o cadastramento das gestantes e o monitoramento do pré-natal, parto, pós-parto e desenvolvimento da criança até os 5 anos de idade.

É também por meio dos Cantos Mãe Coruja que as gestantes são encaminhadas para outros programas, políticas ou equipamentos que possuam ações contidas no escopo do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Em cada um desses Cantos atuam dois profissionais, cujo trabalho consiste em cadastrar e monitorar as gestantes, articulando no território dos municípios as ações das diversas secretarias – tanto estaduais quanto municipais – que participam do programa, com o objetivo de potencializar os diversos instrumentos disponíveis para a promoção da melhoria das condições de vida de gestantes, crianças e suas famílias.

As entrevistas feitas ressaltam o fato de que o Programa Mãe Coruja Pernambucana, quando chega no município, não traz nenhuma ação necessariamente nova, atuando muito mais como um catalisador das ações já existentes, buscando apoiar e articular os atores locais – governamentais e da sociedade organizada – por meio do estímulo ao trabalho integrado com vistas a atender às demandas das gestantes e de suas famílias.

Ele tem como porta de entrada sim os cuidados pré-natais e a mulher grávida, mas ele é um grande indutor de políticas públicas do estado, né? Então é um programa que permite, por exemplo, a escolarização das mães e das famílias que integram o programa, a questão da documentação, das certidões, do empreendedorismo que chega, dos cursos de cultura e de educação, né, então o programa, na verdade, é muito maior, muito mais amplo. (Ana Luíza Câmara – Coordenação de Articulação do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

Nesse sentido, em cada município no qual o Programa Mãe Coruja Pernambucana se insere são feitos o mapeamento e o reconhecimento do local e das instâncias que podem atuar de forma conjunta com o programa. A partir daí, são realizadas sensibilizações com os prefeitos, secretários, agentes de saúde,

profissionais do Cras, entre outros atores que podem auxiliar no trato com a questão no âmbito local. O Canto Mãe Coruja se torna, portanto, um equipamento de triagem e encaminhamento para outras políticas públicas, funcionando como uma estratégia de articulação e fortalecimento das ações e políticas já existentes.

Há, também, um grande investimento na capacitação e na formação dessas equipes que vão lidar diretamente com as famílias, com as quais são trabalhadas questões ligadas à maternidade, desenvolvimento na primeira infância e cidadania. A intenção é que esses profissionais possam atuar como multiplicadores desse conhecimento, levando as informações às mães por meio de uma perspectiva de empoderamento por meio do conhecimento.

Toda reunião da gente tem uma parte formativa. Então, a gente traz para as reuniões, se a gente vai trabalhar desenvolvimento infantil, tem a equipe de comunicação e arte que vai lá pesquisar vídeos, coisas que a gente possa dialogar [...]. A gente faz isso a nível central, o que é treinado e capacitado e formatado aqui, vai para o comitê regional, vai para o local. Então, a gente tem essas instâncias de formação e empoderamento, em todas as instâncias, para que o profissional que está lá na ponta, ele tenha argumentos e capacidade de dialogar e fazer isso junto à família, junto à mulher [...] essa coisa de a gente trabalhar o empoderamento através do conhecimento. (Ana Elizabeth de Andrade Lima – Médica, diretora de Políticas Estratégicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana e coordenadora do Conselho Consultivo do Programa Mãe Coruja Pernambucana)

e) Monitoramento

Dada a maneira como o Programa Mãe Coruja Pernambucana foi concebido e é implementado, tendo-se optado por montar uma **estrutura especial** para definir e, sobretudo, articular ações de vários atores, dentro e fora do governo estadual, o processo de monitoramento assume **papel estratégico**. Um organograma complexo, com várias instâncias, com agentes atuando em várias escalas de poder e de implementação, requer um modelo de gestão no qual o sistema de monitoramento é peça fundamental. O essencial dos agentes do programa é “fazer fazerem”. Articular para que aconteça. Não é executar diretamente. Portanto, a tarefa de acompanhar as iniciativas em curso se torna vital.

Cabe destacar que a concepção e o funcionamento do modelo de monitoramento do programa foram facilitados pela existência de um modelo de gestão estadual que valoriza o planejamento e o monitoramento, adotados desde o início da gestão de Eduardo Campos e liderados pela Secretaria de Planejamento e Gestão.

O processo de monitoramento adotado pelo programa é descentralizado, sendo realizado em múltiplas escalas, desde a estadual até a local.

Na sede do Programa Mãe Coruja Pernambucana há uma Gerência de Monitoramento que dialoga diariamente (trabalhando no mesmo espaço físico) com quatro coordenações estaduais. Sob a responsabilidade dessas coordenações estaduais, estão 12 coordenações regionais. Essas coordenações são organizadas por regiões do Estado (mesma lógica das Geres).

Nesse ambiente institucional, o monitoramento do Programa Mãe Coruja Pernambucana está assim organizado: Gerência de Monitoramento • 4 Coordenações Estaduais • 12 Coordenações Regionais, a seguir elencadas:

- 1ª Coordenação Estadual: I Geres⁷ (Araçoiaba + Recife e Ipojuca – cooperação técnica), II Geres (Limoeiro), III Geres (Palmares) e XII Geres⁸ (Goiana).
- 2ª Coordenação Estadual: IV Geres (Caruaru) e V Geres (Garanhuns).
- 3ª Coordenação Estadual: VI Geres (Arcoverde), VII Geres (Salgueiro) e X Geres (Afogados da Ingazeira).
- 4ª Coordenação Estadual: VIII Geres (Petrolina), IX Geres (Ouricuri) e XI Geres (Serra Talhada).

Na escala estadual, duas atividades de monitoramento ocorrem mensalmente: a) a reunião do Ciclo de Monitoramento da Cidadania Ativa⁹, coordenada pelo governador do Estado, e b) a reunião do Ciclo Interno de Monitoramento, coordenada pelo secretário de Projetos Especiais, a quem hoje se vincula o programa, que mobiliza a gerência de monitoramento, coordenações estaduais e regionais, outras gerências e coordenações de outras secretarias (mobiliza cerca de 40 pessoas).

7 Na I Geres só há um município que participa do programa, por isso, o coordenador estadual faz o papel do coordenador regional.

8 Quando o programa foi implantado, alguns municípios da XII Geres estavam lotados na II Geres, dessa forma, ainda hoje há apenas um coordenador regional para as duas Geres.

9 Dentro do Mapa da Estratégia 2015-2018 do governo do Estado de Pernambuco, o Programa Mãe Coruja Pernambucana está inserido na perspectiva “Desenvolvimento Social e Direitos Humanos – Pernambuco Humano e Solidário” e no objetivo estratégico “Cidadania Ativa – Ampliar a eficácia da rede de proteção e de assistência social, e a inclusão de grupos em situação de risco nas políticas públicas”.

Na reunião com o governador, são monitorados indicadores gerais, que foram sendo aperfeiçoados ao longo dos últimos anos. Os 43 indicadores inicialmente trabalhados foram sendo criticados e aperfeiçoados, chegando-se hoje a 11 indicadores informacionais¹⁰ cuja responsabilidade de acompanhamento está dividida entre as diversas secretarias que participam do programa. Os atuais indicadores-síntese objeto de discussão e acompanhamento são: a) mortalidade infantil; b) gestações acompanhadas; c) gestações cadastradas; d) mães com sete ou mais consultas de pré-natal realizadas; e) crianças acompanhadas; f) mortalidade materna; g) mulheres que concluíram os módulos de Educação e Cultura; h) crianças com registro civil de nascimento; e i) pessoas que concluíram os cursos de qualificação profissional.

Na reunião com o secretário, a cada mês, é apresentado o monitoramento geral, com as informações dos 103 municípios e regionais. Duas ou três coordenações regionais apresentam e discutem os indicadores de suas regiões, sempre comparando os resultados à média estadual, comentando avanços alcançados e dificuldades enfrentadas. Como as demais coordenações regionais estão presentes, debatem-se desafios, conquistas comuns e especificidades regionais. Na ocasião, é feito o balanço dos retornos de iniciativas de encaminhamento de problemas propostas na reunião anterior. Também participam dessa reunião, representantes das secretarias estaduais que atuam no Programa Mãe Coruja Pernambucana, membros de assessorias e convidados especiais (em torno de 40 pessoas). Após a reunião de monitoramento, aproveitando sua presença no Recife, as coordenações regionais se reúnem com a equipe de coordenação do programa e assessores das secretarias estaduais para alinhar a agenda do mês seguinte e nivelar procedimentos.

Além dessas reuniões mensais, semanalmente (toda segunda-feira) acontece uma reunião de diretoria (nível central), com a participação das outras gerências, coordenações e do secretário de Projetos Estratégicos. E quinzenalmente (quintas-feiras), realiza-se a reunião do Comitê de Assessoramento (composto pela diretoria do programa e representantes das secretarias).

Na escala regional, ocorre uma reunião mensal com o coordenador regional e os profissionais dos Cantos Mãe Coruja, o coordenador pedagógico da educação, o extensionista rural e, quando possível, os profissionais dos Cras. Nessa reunião, são analisados e discutidos os 11 indicadores já citados, por município.

¹⁰ Elaborados pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana em conjunto com a Secretaria de Planejamento e Gestão, a Vigilância Epidemiológica e a Atenção Básica de Saúde.

Na escala local, o coordenador regional faz o monitoramento da atuação de todos os Cantos Mãe Coruja dos municípios de cada Geres (monitoramento das ações e do processo de trabalho, além da avaliação do profissional do Canto). Ele é o elo com a coordenação estadual e a gerência de monitoramento. Para um melhor monitoramento local, há uma *sala de situação* fixada em cada Canto Mãe Coruja, na qual qualquer pessoa (usuárias do programa, profissionais da Unidade de Saúde da Família, do Cras, gestores, etc.) pode ter acesso a informações. Atualmente, a sala de situação está passando por um processo de reformulação, visto que foi pensada com base nos 43 indicadores anteriormente utilizados. Esse monitoramento embasa o profissional do Canto para interagir com o prefeito ou secretários municipais.

Para que todo o processo de monitoramento aconteça, o Programa Mãe Coruja Pernambucana utiliza o *QlikView* (ferramenta que processa as informações da base de dados do sistema de informação do programa). Mensalmente, os indicadores discutidos e pactuados são analisados por intermédio do *QlikView*. Os dados do sistema de informação são extraídos e as análises são realizadas nos níveis municipal (municípios onde o programa atua), regional e estadual. Todos os meses, a gerência de monitoramento faz a análise dos 103 municípios; de igual forma, as gerências regionais fazem a análise das suas regionais (analisando os 11 indicadores e detalhando por município).

Os coordenadores estaduais enviam para os coordenadores regionais e estes, para os profissionais dos Cantos Mãe Coruja, os relatórios das análises retirados do *QlikView* (por questão financeira, há um acesso limitado à ferramenta, cabendo aos coordenadores estaduais o repasse dos relatórios aos coordenadores regionais). Esse sistema de informação funciona *online*, alimentado diariamente por cada profissional dos Cantos Mãe Coruja com informações sobre quem foi cadastrado, o número de gestantes acompanhadas, a realização das oficinas de segurança alimentar, do curso de qualificação e do círculo de educação etc. Os profissionais dos Cantos Mãe Coruja, o coordenador regional, o coordenador estadual e a Gerência de Monitoramento podem acessar essas informações, mas o acesso é limitado por perfil do usuário.

Como se vê, o monitoramento envolve sistemática ampla e complexa, dado seu papel estratégico.

Capítulo 3

A visão de especialistas: percepção de atores internos e externos ao Programa Mãe Coruja Pernambucana

No presente capítulo será apresentada uma síntese das avaliações acerca do Programa Mãe Coruja Pernambucana, a partir das percepções de diferentes especialistas consultados, no que se refere aos seus méritos, fragilidades e desafios a serem enfrentados. Tais atores, por sua vez, podem ser divididos em dois grandes grupos: internos e externos ao programa. O primeiro grupo é composto, basicamente, pela equipe de coordenação do programa, por integrantes da equipe técnica e por membros da gestão pública mais diretamente relacionados à organização e funcionamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana. O segundo, por sua vez, é formado por indivíduos conhecedores dos objetivos e estruturação do programa, todos especialistas em áreas de atuação correlatas (saúde, assistência social, educação, entre outras), muitos dos quais, em algum momento, atuaram no programa.

Para a captação dessas percepções, opiniões e olhares foram realizados dois grupos focais, sendo um com as coordenações regionais do Programa Mãe Coruja Pernambucana e, portanto, internas ao programa, atores internos, seguido de uma mesma dinâmica aplicada aos especialistas de fora do programa – atores externos. De forma complementar, também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os dois grupos, cujas respostas foram sistematizadas, devidamente analisadas e inseridas no conjunto das sínteses aqui apresentadas.

A metodologia adotada para a realização dos grupos focais buscou priorizar o levantamento e a discussão de pontos fortes, pontos fracos e desafios para o futuro do Programa Mãe Coruja Pernambucana, partindo de quatro dimensões específicas: a) concepção; b) implementação/modo de funcionamento;

c) estrutura organizacional; e d) resultados alcançados. Dessa forma, os participantes foram orientados a elencar **dois pontos fortes**, **dois pontos fracos** e **dois desafios**, de acordo com essas dimensionalidades, baseados em suas experiências e percepções.

Um ponto importante a ressaltar acerca da metodologia e do levantamento de informações de caráter qualitativo – mais especialmente – é que, de maneira geral, a construção dos dados ou *corpus* é profundamente intersubjetiva, isto é, centrada na interação pesquisador-pesquisado. Em outras palavras, por não partir de categorias ou respostas pré-estruturadas, a exemplo das abordagens quantitativas de levantamento (*survey*), a construção das respostas e sua alocação em dimensões específicas (concepção, implementação, estrutura organizacional e resultados alcançados) nem sempre são exclusivas. Isto é, por vezes, a alocação de um determinado ponto (forte, fraco ou desafio elencado) pode, para um ator específico, estar situado na concepção do programa, enquanto, para outro, esse mesmo aspecto – ou similar – localiza-se na dimensão da implementação, por exemplo. Nesse sentido, algumas das categorias sistematizadas a partir das percepções dos entrevistados podem apresentar intercessões entre as dimensões, não significando uma ausência de validação das respostas, mas traduzindo a própria dinâmica imanente das pesquisas qualitativas: seu paradigma interpretativista.

Ademais, a divisão entre grupos de indivíduos externos e internos ao Programa Mãe Coruja Pernambucana foi uma decisão metodológica tomada com o fim de contrastar as perspectivas, evidenciando, a partir dos diferentes olhares e experiências dos envolvidos, possíveis convergências e divergências acerca do programa. Dessa forma, a estruturação do capítulo está construída da seguinte maneira: I) a visão dos atores internos ao programa; e II) visão dos atores externos ao programa. Para cada um desses grupos, foram sumarizados os respectivos pontos fortes, fracos e desafios, de acordo com as percepções dos pesquisados, englobando, em ambos os casos, tanto os resultados das entrevistas, quanto dos grupos focais, identificando as convergências e possíveis divergências.

3.1 Visão dos atores internos

Conforme já citado, para a escuta dos atores internos ao Programa Mãe Coruja Pernambucana foram utilizados dois instrumentais distintos, a entrevista e o grupo focal. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a

equipe de coordenação do programa e com membros da gestão pública mais diretamente relacionados à sua organização e funcionamento¹¹, totalizando 22 atores ouvidos.

Já no que diz respeito ao grupo focal, no dia 11 de agosto de 2016, reuniram-se na sede do Programa Mãe Coruja Pernambucana, no Centro de Convenções de Olinda, nove coordenadoras regionais do programa, juntamente com a equipe da CeplanMulti, para a realização de um grupo focal acerca do programa. Nesse encontro, estavam presentes as coordenações do programa lotadas nas seguintes Geres do Estado: III, IV, V, VI, VII, VIII, X e XI¹².

As principais questões levantadas – tanto nas entrevistas, quanto no grupo focal – são discutidas a seguir, de forma comparada.

3.1.1. Pontos fortes

No que diz respeito aos pontos fortes do Programa Mãe Coruja Pernambucana, de acordo com as percepções das coordenações regionais participantes do grupo focal, todas as dimensões foram contempladas como detentoras de méritos específicos. Entretanto, cabe pontuar que algumas dessas dimensionalidades possuíram uma ampla convergência acerca de aspectos específicos considerados como fortalezas do programa, a exemplo das dimensões de *concepção* (5 indicações); *estrutura organizacional* (5 indicações); e *resultados alcançados* (4 indicações). Em outras dimensões, todavia, houve uma quantidade um pouco menor de pontos de força do programa, como é o caso da *implementação/modo de funcionamento* (2 indicações).

Entre os entrevistados, houve, também, convergência no que diz respeito aos pontos levantados, corroborando, inclusive, as visões observadas no grupo focal, embora algumas vezes guardem diferenças sutis, conforme poderá ser visto a seguir.

a) Paradigma da intersetorialidade

Possivelmente, o ponto mais convergente acerca das forças do Programa Mãe Coruja Pernambucana é o seu caráter intersetorial. Pela forma e elaboração dos discursos, esse é um dos grandes pontos fortes do programa, alocado, mais especialmente, em sua dimensão **conceitual**, e também presente

¹¹ Lista anexa.

¹² Não participaram da atividade as Geres: I, II e IX e XII.

na esfera da **implementação/modo de funcionamento**. Do ponto de vista da concepção, a percepção das coordenações regionais é de que o programa parte de uma lógica extremamente profícua de compreensão da dinâmica multidimensional no que tange à mortalidade materno-infantil. Essa mesma percepção também é reforçada nas entrevistas com as equipes de coordenação e os gestores estaduais.

Conseqüentemente, a forma como o Programa Mãe Coruja Pernambucana é implementado e se desenvolve em termos funcionais, ou seja, com o envolvimento das diferentes secretarias estaduais (Saúde, Educação, Desenvolvimento Social, Mulheres, entre outras), de órgãos municipais, órgãos e atores sociais relevantes, típicos da estruturação do programa, parte da ideia inicial da transversalidade do fenômeno que se busca combater (mortalidade infantil) e, portanto, da necessidade da ação intersetorial.

Nesse contexto, a valorização de profissionais de diferentes áreas, a articulação com a rede de saúde materno-infantil e a problematização acerca das dinâmicas multicausais subjacentes ao fenômeno da mortalidade materno-infantil surgem como méritos importantes do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

No mesmo sentido, o programa é percebido como um parceiro de outros órgãos e equipamentos, estimulador de políticas, e não fiscalizador, o que o permite, de certa forma, agir de maneira transversal sem tantas tensões institucionais – apesar de elas surgirem em certos momentos e contextos –, ampliando o olhar de sua ação não apenas para uma situação isolada, mas desenvolvendo uma compreensão mais holística das dinâmicas em curso, envolvendo a mãe, a criança e a família. Isso posto, pode-se dizer que o paradigma da intersetorialidade é profundamente valorizado, visto que parte de uma concepção diferenciada e se implementa nessa lógica.

b) Critérios para implantação e prática de monitoramento sistemático

Entre os pontos considerados como forças do Programa Mãe Coruja Pernambucana, outra convergência frequente nos discursos e apontamentos das coordenações regionais diz respeito aos critérios de implantação do programa. Construído mais amplamente a partir de um parâmetro de mortalidade infantil¹³ em regiões onde tal indicador fosse superior a uma taxa de 25 óbitos

¹³ Indicadores de morbidade e mortalidade materna também foram referenciados na construção e desenvolvimento do programa, entretanto, a centralidade da política acaba residindo na morta-

por mil nascidos vivos, o desenvolvimento do programa a partir de tais bases permitiu um delineamento mais nítido de seus objetivos operacionais e de sua forma de estruturação. A escolha da mortalidade infantil como o principal foco de ação, de acordo com os argumentos mobilizados no grupo, estimulou uma forma de abordar o fenômeno por uma perspectiva holística e multifacetada – fundamentando, assim, o paradigma da intersectorialidade –, isto é, pensando o combate à mortalidade infantil em ações que partiam desde a gestação e dos cuidados com a mulher gestante até uma promoção da cultura do cuidado.

Ainda no âmbito dos méritos relacionados aos critérios de implantação, um dos desdobramentos objetivos e, conseqüentemente, também um ponto forte no que tange ao Programa Mãe Coruja Pernambucana, reside em seu **modelo de monitoramento** das ações. De acordo com as perspectivas das coordenações, o modelo de monitoramento do programa é uma força, uma vez que seus efeitos vêm sendo avaliados e sentidos positivamente em suas respectivas territorialidades. Um exemplo, segundo indicado no grupo focal, o fim (ou forte redução) dos cemitérios clandestinos de crianças que “não vingaram” ou “anjinhos”, como diz o jargão popular.

Dessa maneira, o acompanhamento próximo à mãe usuária do programa, cujos registros são feitos em planilhas de monitoramento, permite avaliações frequentes acerca da situação e do desenvolvimento da mulher, mais especialmente a gestante. Vale pontuar aqui que, de acordo com os relatos coletados, os registros de perfil das usuárias gerenciados pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana desempenharam papel relevante para o monitoramento dos casos de microcefalia e zika em Pernambuco, visto que os Cantos Mãe Coruja se tornaram espaços de referência, tanto para as mães que buscavam informações sobre suas situações e os riscos em questão, quanto para a rede de saúde estadual e municipal, por possuírem dados consistentes de acompanhamento das gestantes. Logo, os relatos dão conta que a atuação do Programa Mãe Coruja Pernambucana foi muito importante para intermediar e marcar as consultas para diagnóstico de microcefalia em gestantes, da mesma forma que, quando estas eram mães inscritas no programa, todos os procedimentos de acompanhamento eram mais rápidos.

Frente a tudo isso, conforme apresentado no grupo focal, o Programa Mãe Coruja Pernambucana, via de regra, passou a gozar de profunda credibilidade

idade infantil propriamente dita, mesmo que pensada enquanto um fenômeno multidimensional, intersectorial e dinâmico, conforme indicado em entrevistas componentes do Produto 1 desta investigação.

nas municipalidades, tornando-se um ator sociopolítico relevante, sendo percebido como detentor de grande capacidade de resolução de problemas e próximo ao governo do Estado.

c) Efeitos na mortalidade infantil e no empoderamento feminino

Rodas de conversa estreitavam as relações com as comunidades locais

A percepção do grupo focal em relação aos resultados do programa é fortemente convergente no sentido do declínio da mortalidade infantil. Dessa forma, de acordo com as percepções e discursos das coordenações, os efeitos do programa são bastante consistentes na redução dos óbitos fetais, maternos e infantis, com destaque, especialmente, para o aumento significativo das consultas pré-natais – em uma das regionais, esse aumento foi estimado em torno de 90%.



Para compreender melhor esse fenômeno narrado pelas coordenações, é preciso entender que os movimentos de redução da mortalidade podem estar associados, de maneira bem-sucedida, ao paradigma da intersetorialidade. Logo, não se trata exclusivamente do efeito do pré-natal *per se*, mas das

dinâmicas paralelas e subjacentes que convergem, também, nesses exames regulares. Entre tais dinâmicas, destacam-se não apenas o acompanhamento e a busca ativa das técnicas dos Cantos Mãe Coruja, por exemplo, mas também o papel dos Círculos de Educação e Cultura como espaços educativos, de interação e, principalmente, de empoderamento dessas mulheres.

A ideia de empoderamento, no sentido empregado pelas coordenadoras, está muito associado à perspectiva de promoção de autonomia pelo conhecimento – seja em um sentido educacional mais estrito, como a própria leitura, seja por meio da divulgação de direitos. Nesse sentido, o empoderamento dessas mulheres propiciou, por exemplo, segundo os relatos, o tensionamento em torno do atendimento aos protocolos e procedimentos obrigatórios que devem ser realizados em um pré-natal adequado (isto é, um mecanismo de controle social).

Outro aspecto também indicado e que merece ser apontado foi, segundo os relatos de membros do grupo focal, o aumento do número de crianças acompanhadas – mesmo que esse aspecto venha a ser problematizado posteriormente.

d) A adoção dos Círculos de Educação e Cultura como instrumentos para transmitir conhecimento e mobilizar pessoas

Uma das inspirações do programa foi o projeto Caminhar, implementado no final dos anos 1980 pelo governo de Miguel Arraes, que usou o mamulengo para mobilizar e transferir conhecimento à população. O Programa Mãe Coruja Pernambucana, desde o seu nascedouro, também valorizou, na formação de sua equipe e na definição de suas ações, o grupo Amor, Literatura, Movimento e Arte (Alma). Além disso, na relação com as comunidades locais adotava as Rodas de Conversa, tendo como lastro conceitual o método Paulo Freire. A importância desse instrumento foi amplamente ressaltada ao longo das escutas realizadas nesta avaliação.

e) Canto Mãe Coruja

A existência dos Cantos Mãe Coruja aparece como um aspecto positivo do Programa Mãe Coruja Pernambucana, especialmente no sentido de propiciar um espaço físico para o desenvolvimento das atividades previstas a serem

realizadas no escopo do programa. Nesse sentido, a existência de um local específico – especialmente quando o Canto possui uma sede exclusiva para o desempenho de suas funções – também foi compreendida com um elemento importante não apenas para a realização das atividades rotineiras, mas também para o fortalecimento da identidade do Programa Mãe Coruja Pernambucana, associando-o a um local e a uma equipe de referência.

Segundo os atores entrevistados, a coordenação das ações executadas em bases territoriais permite tratar das especificidades da realidade de cada município, abrindo oportunidade para praticar arranjos institucionais diversos dialogando com a realidade local. A implantação do Cantos Mãe Coruja deu, portanto, capilaridade ao programa e criou, nos municípios onde foram implantados, um espaço de referência para a sociedade local e seu entorno, sendo apontada como iniciativa relevante.

f) Valorização do cuidado

O programa colabora para o fortalecimento do vínculo afetivo na família do bebê

A valorização do conceito de “cuidado” para atuar junto às crianças e suas famílias, com vistas a alcançar o objetivo central de redução da mortalidade infantil, é vista pelos atores entrevistados como uma força do programa. Aliadas a isso, a ênfase no fortalecimento do vínculo afetivo entre os integrantes da



família do bebê e a importância crescente do afeto vêm alicerçadas no conhecimento aportado pela neurociência, despontando como um caráter inovador do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

3.1.2 Pontos fracos

Do ponto de vista dos pontos fracos do Programa Mãe Coruja Pernambucana, vale apontar que a dimensão que mais agregou aspectos negativos foi a de **implementação/modo de funcionamento** (de um total de 14 pontos fracos elencados, 8 foram atribuídos a esse âmbito). Por outro lado, a que menos comportou aspectos negativos foi a dimensão da concepção, com apenas um apontamento. As dimensionalidades relativas à estrutura organizacional e aos resultados alcançados receberam, respectivamente, três e dois apontamentos.

a) Dificuldades nas articulações com municípios e secretarias

A falta de apoio de gestores municipais e, conseqüentemente, as dificuldades advindas dessa ausência – como a pouca articulação com os órgãos, serviços e espaços da municipalidade –, foram rapidamente apontadas pelas coordenações e diversos atores entrevistados. No mesmo sentido, apesar de o desenho do Programa Mãe Coruja Pernambucana assentar-se em uma estrutura transversal de secretarias estaduais, um baixo envolvimento dessas secretarias também foi criticado. É possível, pois, distinguir essa dificuldade de articulação em dois níveis – municipal e estadual – discutidos mais detalhadamente a seguir.

a.1) O município – *Em nível municipal, o Programa Mãe Coruja Pernambucana, apesar de basear-se em um princípio de parceria, estímulo e encaminhamento para políticas já existentes (funcionando em paralelo a elas), por vezes, acaba sendo percebido como um agente de “fiscalização” das atividades dos atores e órgãos responsáveis pelas políticas previamente estabelecidas. Por desenvolver suas atividades no já referido princípio de estímulo, a intermediação do programa suscita tensões, uma vez que interfere nas lógicas institucionais estabelecidas. Assim, de acordo com os relatos, algumas prefeituras optam por desenvolver iniciativas com objetivos semelhantes, mas adotando um prisma compreendido como mais “assistencialista”.*

a.2) O Estado – No aspecto estadual, a fraqueza mais convergente refere-se ao pouco envolvimento dos diversos atores (em diferentes níveis da gestão) das secretarias estaduais, os quais, segundo os discursos, parecem não se harmonizar ao programa, dificultando o funcionamento das engrenagens da transversalidade das ações. De acordo com a percepção dos participantes, parece que esses atores institucionais não foram devidamente “seduzidos” pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana, não se identificando com seus princípios de concepção, organização e funcionamento e, dessa forma, implicando em dificuldades de articulação. Uma breve reflexão que pode ser indicada aqui é a de que parece estar em curso um conflito de paradigmas (tanto em nível estadual quanto municipal), uma vez que a concepção do programa, sua estruturação e funcionamento se baseiam na lógica da intersetorialidade. Por outro lado, tanto a compreensão dos atores das distintas secretarias e órgãos diversos, quanto os seus respectivos modelos de estrutura e gestão respaldam-se em uma perspectiva mais intrasetorial.

Para além dos aspectos positivos, frequentemente referenciados, da transversalidade e intersetorialidade, basilares ao programa, há a percepção entre os entrevistados de que a harmonização das ações entre as secretarias requer pactuações frequentes e constante “azeitamento” das estruturas e dinâmicas operacionais demandadas pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana. Isso posto, a cooperação institucional é vista como um desafio sempre presente, tanto no sentido operacional mais estrito – políticas e ações específicas sob responsabilidade daquele órgão e intrínsecas aos objetivos do programa –, quanto na própria compreensão acerca de seus objetivos e funcionamento por parte de agentes da estrutura de gestão.

b) Possibilidade de descaracterização dos Círculos de Educação e Cultura

Concretamente, uma das repercussões dessa dificuldade de articulação entre atores e esferas retratada no tópico anterior, converge em um apontado “engessamento” dos Círculos de Educação e Cultura, isto é, na possibilidade de perda de sua característica original no que concerne à forma dinâmica de educação transversal e que vai além da lógica estritamente disciplinar. De acordo com as coordenações regionais, os círculos vêm se descaracterizando e apresentando movimentos de reforço das setorialidades, ou seja, as atividades têm se desenvolvido a partir de perspectivas mais estreitas e segmentadas (atividades da educação distintas das atividades da saúde, por exemplo), destoando da lógica integrativa original desse instrumento, que tem como base a

educação por meio da realidade social e das práticas cotidianas das usuárias. Esse distanciamento da dinâmica conceitual, conforme apontado no grupo focal, termina culminando no afastamento das usuárias. Ao mesmo tempo, os círculos também vêm sentindo os efeitos da ampla contenção de recursos que afeta as diversas secretarias estaduais e as dificuldades de cooperação técnica e financeira com as secretarias municipais.

c) Vínculo contratual e seleção dos profissionais do programa

Percebidas enquanto fraquezas relativas à estrutura organizacional do Programa Mãe Coruja Pernambucana, os processos de seleção e o tipo de vínculo dos profissionais do programa também foram indicados como fragilidades pelos entrevistados e participantes do grupo focal.

Do ponto de vista da seleção profissional, de acordo com as críticas formuladas pelas coordenações regionais, a crítica concentra-se na última seleção realizada, pelo fato de ela ser realizada pelo modelo simplificado – apenas via análise de currículo –, o que resulta na contratação de profissionais sem o perfil compreendido por esses atores como o mais profícuo para o programa. O perfil necessário preza por habilidades interpessoais muito específicas e dificilmente mensuráveis em ações desse tipo. As coordenações reforçam também a importância de se realizar entrevistas com os candidatos.

No tocante ao aspecto dos vínculos empregatícios, o modelo adotado de contratação temporária foi compreendido como uma fraqueza, uma vez que implica em um eventual desligamento do profissional do programa, uma vez que sua vinculação empregatícia tem período limitado por lei. As repercussões desse afastamento são bastante impactantes à perenidade do programa, uma vez que seus profissionais passam por uma trajetória de qualificação bastante específica, uma vez que as dinâmicas interpessoais ligadas ao exercício do cuidado – eixo central do programa – não se desenvolvem rapidamente.

d) Dificuldades no acompanhamento da mãe e da criança

Outro aspecto compreendido como fragilidade do Programa Mãe Coruja Pernambucana, tanto pelas coordenações regionais quanto por outros atores entrevistados, diz respeito às dificuldades de acompanhamento da criança

após o nascimento, mais especialmente depois do primeiro ano de vida. Essa crítica se constrói tanto na dimensão do modo de funcionamento quanto dos resultados alcançados pelo programa, uma vez que há a definição em seu marco legal para o acompanhamento das crianças até os 5 anos de idade.

A reflexão desenvolvida em torno dessa fragilidade pelos participantes do grupo focal apontou a necessidade de se estimular o retorno da mãe ao programa, especialmente aquelas cujos filhos não apresentam nenhuma condição mais delicada *a priori*.

Já para os entrevistados, o movimento de construir as estratégias em torno da mãe gestante, apesar de lograr êxito em vários sentidos, acaba por deixar transparecer as lacunas no que se refere às estratégias para a promoção da primeira infância que se voltem, mais especificamente, para a criança, indo além da mãe.

e) Número de equipes por território

Outro dos pontos fracos do Programa Mãe Coruja Pernambucana, de acordo com as coordenações regionais, relaciona-se à ausência de parâmetros ou proporcionalidades entre território, população e quantidades de equipes alocadas. Na percepção das participantes, essa é uma fraqueza de caráter conceitual (a única apontada para essa dimensionalidade). Nesse sentido, as coordenações indicam que, em função da quantidade de profissionais ser a mesma para territorialidades muito diferentes (em extensão, sobretudo das áreas rurais, e no contingente populacional), tanto o desempenho das atividades regulares quanto os possíveis resultados alcançados podem apresentar grande variação. Equipes do programa em municípios de maior porte ou com grande extensão rural, por exemplo, dificilmente conseguirão que seus dois técnicos realizem quantidades semelhantes de acompanhamento e busca ativa que aquelas equipes lotadas em municípios de menor porte ou mais urbanizados.

f) Timidez das parcerias institucionais

Não obstante convênios e articulações com o Fundo das Ações Unidas para a Infância (Unicef), a Universidade de Pernambuco e a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, entre outros, sejam relatados no conjunto de parcerias já estabelecidas, a ausência de um leque maior de instituições que pudessem se alinhar

ao Programa Mãe Coruja Pernambucana surge como um ponto nevrálgico às estratégias de continuidade do programa para além do escopo mais estreito da esfera pública (estadual e municipal).

A pouca presença das universidades, especialmente a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, a Universidade Federal do Vale do São Francisco e a Universidade Católica de Pernambuco na rede de parceiros é marcante, tendo apenas a Universidade de Pernambuco aparecido como uma parceria já formalizada. A Pastoral da Criança também desponta como um ator importante, especialmente na aproximação com os municípios, mas sua atuação é ainda bastante limitada.

No que toca à gestão e contribuição de recursos econômicos e humanos, a participação dessas parcerias já firmadas, precisamente por suas limitações de alcance e envolvimento institucional, não é suficiente para conferir maior autonomia ao programa, seja no sentido de repasse de recursos, estruturas de acolhimento e operacionalização ou um possível compartilhamento na gestão administrativa do programa – especialmente entre os profissionais da ponta.

3.1.3 Desafios

Os desafios destacados pelas coordenações regionais centralizaram-se em duas categorias: implementação/modo de funcionamento e estrutura organizacional; ambos com sete indicações por parte dos atores internos. A concepção e os resultados alcançados não foram referenciados para os desafios pensados pelos participantes. Entre os entrevistados, foi recorrente o olhar para a primeira infância e a universalização do programa.

a) Apoio da gestão municipal

O apoio da gestão municipal foi indicado como um dos principais desafios do Programa Mãe Coruja Pernambucana, tendo uma ampla convergência por parte das coordenações. Em função de sua estrutura descentralizada, as experiências têm demonstrado que o apoio das prefeituras desempenha papel muito importante – desde a cessão de espaços adequados para os Cantos Mãe Coruja, até a efetiva articulação com a rede de saúde municipal – para o desempenho das atividades e, fundamentalmente, na consecução dos objetivos de redução dos indicadores de mortalidade infantil.

b) Fortalecimento dos Círculos de Educação e Cultura

Fortalecer o funcionamento dos Círculos de Educação e Cultura, enquanto atividade pedagógica de promoção de conhecimento e autonomia das usuárias, levando em consideração suas realidades e práticas sociais, é um desafio a ser enfrentado permanentemente. Assim, trata-se de um resgate à inspiração em Paulo Freire, rompendo com a perspectiva engessada e pouco atrativa de uma atividade pedagógica mais disciplinar, atraindo e cativando as usuárias. Por sua vez, os profissionais responsáveis devem encarar os círculos como uma ferramenta que gera conhecimento e mudança. Nesse sentido, uma coordenação regional exclusiva para os Círculos de Educação e Cultura que possua um perfil que se coadune com os princípios do programa é vista como fundamental.

c) Acompanhamento da criança e a primeira infância

Um dos desafios prementes é o acompanhamento das crianças até 5 anos, desafio que também está relacionado ao retorno da mãe para o Canto Mãe Coruja. É possível compreendê-lo, todavia, junto a outro também citado pelas participantes: o envolvimento e a responsabilização da atenção integral à criança com a implementação do plano pela primeira infância. Aliado a isso, outro desafio diz respeito ao tratamento especial de crianças com microcefalia, síndrome de Down e autismo.

d) Universalização do programa e ampliação da quantidade de Cantos Mãe Coruja

Um dos desafios principais apontados pelos atores entrevistados é o que diz respeito à universalização do Programa Mãe Coruja Pernambucana, com vistas a atingir 100% dos municípios de Pernambuco. Além disso, propôs-se a ampliação da quantidade de Cantos Mãe Coruja e, consequentemente, de equipes, seguindo uma proporcionalidade populacional da área. No programa Todos por Pernambuco realizado pela nova administração estadual, e instrumento de diálogo do governo estadual com a população, os municípios que não tinham um Canto Mãe Coruja colocaram-no entre suas prioridades.

e) Fortalecimento da rede de saúde e de assistência materno-infantil

A melhoria da rede de saúde é um grande dos grandes desafios apontados pelos atores ouvidos, tanto no grupo focal, quanto nas entrevistas. Embora não seja uma questão do programa em si, tem rebatimento direto no desenvolvimento das suas atividades e no alcance dos resultados esperados, motivo pelo qual seu enfretamento é fundamental.

Na percepção das coordenações, a rede de saúde materno-infantil é insuficiente para absorver a demanda estabelecida de forma eficaz pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana. No âmbito desse encaminhamento, podem ser agregadas as melhorias nas seguintes áreas, também apontadas durante o debate:

- Assistência ao parto natural e puerpério.
- Melhoria nos exames pré-natal com a identificação da classificação de risco da gestante.
- Fortalecimento dos mecanismos de referência e contrarreferência da rede de saúde materno-infantil.
- Melhoria na assistência à gestante na hora do parto.

3.2 Visão dos atores externos

Conforme já citado, nesta etapa da avaliação, foi prevista, além dos grupos focais, a realização de entrevistas individuais com especialistas de diversas áreas do conhecimento relacionadas aos objetivos e ações do Programa Mãe Coruja Pernambucana, bem como com profissionais atuantes na área da primeira infância ou temas correlatos e que, em algum momento, conheceram ou atuaram junto ao programa. A indicação dos atores entrevistados partiu de consulta ao comitê gestor criado para acompanhar o estudo, levando em consideração o perfil proposto. Para as entrevistas, foram privilegiados, ainda, especialistas de fora do Estado/país, dada a impossibilidade de estes participarem do grupo focal. Além disso, foram incluídos neste rol especialistas locais, que foram convidados a participar do grupo focal, mas que, por um motivo ou outro, não puderam comparecer. Sendo assim, entre especialistas de fora do Estado e aqueles que não puderam comparecer aos grupos focais, foram entrevistados nove especialistas¹⁴.

¹⁴ Lista anexa.



No Programa Mãe Coruja Pernambucana o enfrentamento à mortalidade infantil é feito de forma integrada

O grupo focal foi realizado no dia 12 de agosto de 2016, na Sala de Monitoramento da Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de Pernambuco, com um conjunto de profissionais especializados em diferentes áreas de atuação e com amplo conhecimento acerca da implantação e do desenvolvimento do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Participaram do grupo focal, na qualidade de especialistas, as seguintes pessoas: Polyanna Magalhães (Educação); Anna Lúcia Miranda (Educação); Claudio Fonseca (Saúde); Alessandra Fam (Saúde); Ana Paula Silva (Agricultura/IPA); e André Luis Santos (IPA).

Vale fazer a ressalva de que a previsão para a composição original do grupo focal foi de 12 participantes, no intuito de abranger maior quantidade de especialidades, áreas e olhares. Todavia, em função da impossibilidade do comparecimento dos demais convidados, a decisão metodológica tomada foi a de incluir ao menos parte dos ausentes na lista de entrevistas individuais.

As principais questões levantadas – tanto nas entrevistas, quanto no grupo focal – são discutidas a seguir, de forma comparada.

3.2.1 Pontos fortes

As quatro dimensões propostas para a alocação do Programa Mãe Coruja Pernambucana são: a) Concepção; b) Implementação/Modo de funcionamento; c) Estrutura organizacional e d) Resultados alcançados. De um total

de 11 pontos fortes indicados para essas dimensões, a primeira agregou 5 pontos, a segunda 4 pontos, enquanto as últimas duas receberam um ponto em cada. Por esse movimento, é possível observar que, na percepção dos especialistas consultados no grupo focal, os pontos fortes do Programa Mãe Coruja Pernambucana se concentram em sua concepção e implementação/modo de funcionamento.

Entre os entrevistados, foram levantados alguns pontos em comum com o que foi observado no grupo focal, e trazidas novas questões ao debate, conforme poderá ser visto a seguir.

a) Intersetorialidade

a.1) Na concepção – *Uma das principais fortalezas do Programa Mãe Coruja Pernambucana, de acordo com a perspectiva dos especialistas participantes do grupo focal, está na dimensão **conceitual** do programa, sendo esta, especificamente, a perspectiva intersetorial que fundamenta a ideia de ação integrada entre as diferentes secretarias estaduais, com vistas a combater um fenômeno complexo e multifacetado que é a mortalidade infantil. Nesse sentido, a força conceitual do programa se assenta em uma visão integrada da criança e de seus direitos, atribuindo-lhe um status de prioridade política. Isto posto, o Programa Mãe Coruja Pernambucana é compreendido como uma forma de inovação, uma vez que se propõe a pensar tanto a mãe, quanto a criança, desde sua concepção até os 5 anos de vida, considerando todas as nuances do “cuidado”. O pensamento intersetorial na concepção do programa, segundo os especialistas, conclama as diferentes secretarias estaduais para pensar uma questão que, apesar de seminalmente ligada à área de saúde, não reside apenas no âmbito dessa área. Dessa maneira, o programa busca envolver uma série de profissionais que, em um primeiro olhar, não teriam aproximação direta com a temática da mortalidade infantil, sensibilizando-os para esse envolvimento – a exemplo dos extensionistas do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA).*

*No que se refere aos especialistas ouvidos, os discursos analisados se coadunam, em grande medida, com o que foi levantado pelas coordenações regionais e especialistas nos grupos focais. Assim, o grande ponto forte que foi recorrente nas falas dos entrevistados diz respeito à **intersetorialidade como concepção norteadora** do programa. A tentativa de enfrentar o problema da mortalidade infantil de forma integrada, por meio de uma visão holística e interdisciplinar que busca a atuação conjunta de diversas secretarias estaduais, é tida como inovadora*

e fortaleza principal do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Ligado a isso, foi apontado também como ponto forte a interface que o programa busca ter com os municípios, a fim de promover essa mesma intersetorialidade no âmbito municipal, fortalecendo a relação estado-município.

a.2) Na implementação – *Fundamentado na concepção da intersetorialidade, ao se iniciar o processo de implementação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, de acordo com os especialistas ouvidos no grupo focal, pensou-se no que seria necessário para cuidar da criança de forma mais ampla. Dessa forma, iniciou-se um movimento para convocar as secretarias consideradas como necessárias para abordar os problemas relacionados às dinâmicas da mortalidade infantil (como a saúde da mulher, a assistência social e mesmo a geração de renda por meio do empreendedorismo dos pais), tentando fazer com que cada uma das instituições envolvidas conseguisse identificar, no conjunto concatenado de ideias do processo, sua ação enquanto provedora de cuidado.*

a.3) Na estrutura organizacional – *A ideia da intersetorialidade penetra na estrutura organizacional do Programa Mãe Coruja Pernambucana, visto que envolve um amplo conjunto de atores em seu arranjo interinstitucional. Agregam-se atores de diversas esferas: prefeituras, secretarias estaduais, organizações não governamentais e igrejas. De acordo com os especialistas, envolvem-se do gestor ao coveiro (este último sendo um parceiro importante para notificar sepultamentos não notificados de crianças).*

b) Fortalecimento dos vínculos familiares e importância do cuidado para a redução da mortalidade infantil

De acordo com os participantes do grupo focal, um dos apontamentos tido como força do Programa Mãe Coruja Pernambucana, mais especificamente em seus resultados, diz respeito à união promovida pelo programa, uma vez que este, segundo os especialistas, consegue estimular, em um movimento conjunto de grupos, líderes, vizinhos e outros atores, esforços agregados em prol de seus objetivos. De acordo com os relatos, o Programa Mãe Coruja Pernambucana é um relevante promotor da união, especialmente a familiar, tendo como um de seus elementos norteadores a promoção do cuidado e o fortalecimento dos vínculos familiares.

Já os especialistas entrevistados destacam a importância do cuidado e suas repercussões na redução dos indicadores de mortalidade infantil, extrapolando as causas do fenômeno para uma percepção mais holística. Uma ideia de cuidado integral, que se descola da assistência mais estreita e aproxima-se do empoderamento, do fortalecimento dos vínculos familiares, até a geração de renda e as especificidades da mãe.

c) A descentralização do programa

De acordo com as percepções dos especialistas externos que participaram das entrevistas, a descentralização do Programa Mãe Coruja Pernambucana, indo além da esfera do Estado, surge como uma de suas forças. A preocupação do diálogo com os municípios, aproximando-se do território e envolvendo a gestão municipal no desenho e na estruturação do programa surge como um aspecto importante para os resultados positivos por ele alcançados. Existe a compreensão de que a articulação com os municípios é fundamental para que haja uma boa interlocução com a rede de saúde básica do território, por exemplo, cujo envolvimento é estratégico para a realização das consultas pré-natal e na atenção materno-infantil.

d) Critérios de implantação do programa

Outra convergência presente nos discursos dos especialistas entrevistados diz respeito aos critérios de implantação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, construído a partir de um parâmetro de mortalidade infantil em regiões em que tal indicador fosse superior a uma taxa de 25 óbitos por mil nascidos vivos. Assim, o desenvolvimento do programa a partir desse indicador objetivo possibilitou o delineamento mais nítido de seus objetivos operacionais e de sua forma de estruturação, estimulando uma forma de abordar o fenômeno a partir de uma perspectiva multidimensional.

e) Governabilidade e monitoramento

Na percepção dos atores externos ao Programa Mãe Coruja Pernambucana, o sistema de monitoramento por ele empregado e estabelecido desde a sua concepção e estruturação surge como um importante aspecto de força, juntamente com sua governabilidade. O desenvolvimento do monitoramento

do Programa Mãe Coruja Pernambucana, alinhado, desde a sua concepção, ao modelo de governança do governo do Estado, desponta, na percepção dos especialistas entrevistados, como bastante profícuo e bem-sucedido no levantamento de insumos para uma avaliação constante acerca dos andamentos e objetivos do programa. No que toca especificamente à governabilidade do programa, o mérito reside, segundo os especialistas, na concepção de seu modelo de gestão – que compreende diferentes instâncias de coordenação, deliberação, consultivas, entre outras.

f) Apoio político da alta gestão

O fato de a construção e o gerenciamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana remeterem, mais diretamente, ao governador e à primeira-dama, atribuiu ao programa um *status* político de prioridade que o fortaleceu em seu processo de implantação, uma vez que contava com amplo apoio da instância mais elevada do executivo estadual. Esse apoio, por sua vez, é compreendido como uma força decisiva no processo de desenvolvimento do programa, especialmente nas articulações entre as secretarias e junto aos municípios. Via de regra, essa é uma compreensão que perpassa tanto os atores internos quanto os externos ao programa.

g) Empoderamento

Do ponto de vista externo ao Programa Mãe Coruja Pernambucana – mas convergente com a visão dos atores internos –, a percepção do empoderamento das mulheres é recorrente. Apesar de ser um efeito de caráter intangível, existe uma compreensão bastante consistente acerca de um crescente empoderamento das mulheres usuárias do programa. Como dito anteriormente, a concepção desse conceito está muito associada à promoção de autonomia pelo conhecimento e na divulgação de direitos, e também está relacionada ao resgate da autoestima e da garantia dos direitos das crianças, desde a sua gestação, por meio do fortalecimento das mães.

3.2.2 Pontos fracos

No elenco das fragilidades do Programa Mãe Coruja Pernambucana levantadas no grupo focal, as dimensões referentes a implementação/modo de

funcionamento e estrutura organizacional acumularam quatro indicações cada, restando uma indicação para concepção e uma para resultados alcançados.

Entre os especialistas entrevistados, assim como aconteceu nos pontos fortes, foram levantados alguns aspectos em comum com o que foi observado no grupo focal e trazidas novas questões ao debate, conforme poderá ser visto adiante.

a) Forma fragmentada de pensar a educação

Na percepção dos participantes do grupo focal, a forma de se pensar a educação é, ainda, muito fragilizada e fragmentada. As Secretarias de Educação dos municípios não se envolvem com as iniciativas, em especial, com os Círculos de Educação e Cultura.

Esse baixo envolvimento das Secretarias Municipais de Educação, fundamentados em um paradigma intrasetorial e descoordenado com a estratégia do Estado, resulta no reforço da lógica escolar tradicional – discrepante do modelo concebido para os círculos –, culminando no afastamento das usuárias e no isolamento das representantes do Programa Mãe Coruja Pernambucana junto aos órgãos municipais de educação.

b) Dificuldades na articulação entre as diferentes instituições

No âmbito da implementação e funcionamento, de acordo com as opiniões dos especialistas consultados no grupo focal, um dos pontos de fraqueza do Programa Mãe Coruja Pernambucana reside na falta de integração, tanto em nível comunicacional quanto de ação entre os responsáveis pelo programa situados em uma mesma secretaria estadual específica. Por vezes, segundo as percepções narradas, os responsáveis pelo programa não se articulam bem internamente, ou seja, junto a outros setores da mesma secretaria a que pertencem. Essa falha de integração evidencia, segundo eles, a falta de autonomia de alguns atores-chaves para o Programa Mãe Coruja Pernambucana frente às secretarias estaduais.

Já no que diz respeito à relação entre as diferentes secretarias, outra fragilidade seria a centralização dos fluxos comunicacionais e de ação em pessoas e não em prerrogativas institucionais, apontando para uma dinâmica de personalização dos processos.

Entre os especialistas entrevistados, foi apontada como outra fragilidade do programa a **dificuldade em articular e mobilizar as diversas secretarias** para atuação de forma integrada. A falta de apoio dos gestores municipais e, consequentemente, as dificuldades advindas dessa ausência – como a pouca articulação com os órgãos, serviços e espaços da municipalidade – esteve também presente nos relatos. Trazendo mais especialmente à realidade dos municípios, de acordo com a percepção externa, as estruturas municipais são muito frágeis no concernente aos quadros técnicos. Essas dificuldades tornam-se mais nevrálgicas ao Programa Mãe Coruja Pernambucana justamente nas relações com a rede básica de saúde e com as secretarias municipais de educação, por exemplo.

c) Fragilidade na forma de contratação e rotatividade da equipe técnica

Outro elemento recorrente entre as fragilidades apontadas pelos atores externos, tanto no grupo focal, quanto nas entrevistas, refere-se à fragilidade na forma de contratação da equipe técnica, que, por sua vez, acaba por proporcionar uma alta rotatividade de técnicos e consequente perda de profissionais já capacitados para atuar naquela seara específica, já que o modelo vigente de contratação, por seleção simplificada (de caráter temporário), implica em um eventual desligamento do profissional do programa. As repercussões desse afastamento são bastante impactantes ao desenvolvimento do programa, uma vez que, entre outras coisas, estabelece a ruptura dos vínculos de cuidado, fundamentais para seu desenvolvimento. Com base na percepção dos especialistas, o fato de não serem servidores concursados do Estado é uma fraqueza, o que acaba fragilizando o processo de institucionalização e perenidade do Programa Mãe Coruja Pernambucana. A alta rotatividade e a ausência de uma equipe fixa também repercutem na perda da memória do programa.

d) Instabilidade na cessão dos locais que sediam os Cantos Mãe Coruja

Convergindo com a perspectiva da institucionalização do Programa Mãe Coruja Pernambucana, outro ponto relevante indicado no grupo focal foram as dificuldades relacionadas aos Cantos Mãe Coruja. Por estar muitas vezes sujeito às articulações municipais, o espaço físico pode receber repercussões advindas das mudanças de gestão ou do cenário político, de maneira geral. De acordo com os

especialistas consultados, a cessão do espaço municipal pode ser retirada em função de intempéries político-administrativas, rompendo os processos de continuidade. No mesmo sentido, o compartilhamento dos espaços com outros órgãos estaduais, a exemplo do IPA, também não se apresenta adequado para a realização das atividades.

e) Estrutura “paralela” e metodologia de integração pouco formalizada

Um dos aspectos de fragilidade indicado pelos especialistas ouvidos no grupo focal refere-se à baixa formalização de metodologias que orientem a prática de intersetorialidade na gestão. Por mais que o Programa Mãe Coruja Pernambucana se proponha, especialmente em sua concepção, a ser um catalisador para diferentes políticas e serviços públicos, o “como fazer” não foi devidamente sistematizado em protocolos e procedimentos. Especialmente entre as secretarias estaduais, o programa, de acordo com os participantes, não propõe nem desafia que estas pensem a integralidade de maneira procedimental. Nesse mesmo sentido, ao criar-se uma esfera que as secretarias consideram “paralela” à uma previamente operante – baseada na perspectiva da intrasetorialidade – formou-se, segundo os relatos, um contexto de disputa (“ciúmes” foi a palavra utilizada) entre aquelas estruturas já consolidadas e o Programa Mãe Coruja Pernambucana.

f) Escassez de registros e pouca divulgação do programa

Outro elemento a despontar nas fragilidades citadas pelos especialistas entrevistados diz respeito à pouca divulgação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, juntamente com a escassez de registros que possam construir uma “memória” do programa. Essa baixa divulgação dificulta a sensibilização de parceiros externos, da mesma forma que não propicia o envolvimento de atores-chaves dentro da gestão pública. Dessa forma, os conhecimentos construídos e a prática instituída no programa, responsáveis pelos resultados positivos, são pouco compartilhados.

g) Apoio político enquanto tensão

Se em um primeiro momento o apoio político surge como ponto forte, ele também despontar como uma fragilidade, de acordo com a percepção dos

entrevistados. A avaliação colocada foi a de que a centralidade do apoio político enquanto recurso estratégico-chave, não apenas para a implantação, mas também (e principalmente) para o funcionamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana, pode acabar tornando-se uma fragilidade para a sua continuidade, visto que uma mudança de gestão que não ofereça o mesmo nível de apoio político pode acarretar na desestabilização do programa.

h) Mulher como coadjuvante

Uma das fragilidades apontadas pelos atores externos está relacionada ao fato de o Programa Mãe Coruja Pernambucana estar mais amplamente focado na criança, voltando seu olhar para a mulher como um meio de promover a proteção da criança. Nesse sentido, a mortalidade materna foi colocada de lado em detrimento da mortalidade infantil, tornando a mulher uma coadjuvante do programa. De acordo com essa perspectiva, o programa também se fragiliza ao atribuir grande prioridade à assistência básica (pré-natal) e não buscar um modelo de assistência ao parto de qualidade – compreendido como muito importante para a redução da mortalidade materna. Ainda nesse contexto, além de lateralizar as mulheres que não são mães, entre aquelas que são, o foco é prioritariamente o período da gestação.

3.2.3 Desafios

Na etapa dos desafios do Programa Mãe Coruja Pernambucana, a maior convergência das indicações foi em torno da dimensão dos resultados (4 indicações), seguida da dimensão de implementação/modo de funcionamento (3 indicações), concepção (2 indicações) e estrutura organizacional (1 indicação). Também foram encontradas algumas convergências em relação aos desafios propostos pelos especialistas entrevistados, devidamente aqui sistematizados.

a) Concepção original de educação e os Círculos de Educação e Cultura

Do ponto de vista da concepção, um dos desafios apresentados pelos especialistas participantes do grupo focal refere-se ao fortalecimento da perspectiva original de educação que foi concebida para o programa (a partir das práticas cotidianas e da realidade social das usuárias). Dessa forma, o desafio

reside em manter a concepção dos Círculos de Educação e Cultura, não permitindo que sua formatação se torne cartesiana e escolar. No mesmo sentido, também é proposto como desafio, ainda no âmbito educacional que o Programa Mãe Coruja Pernambucana operacionaliza, garantir o direito à educação não apenas para gestantes, mas também para seus parceiros.

b) Capacidade de atração da comunidade

Um desafio apresentado é o de conseguir atrair a população da área rural para os Cantos Mãe Coruja, localizados em ambientes mais urbanos. Em referência às experiências anteriores, os especialistas indicam que é necessário convencer e provar aos grupos mais afastados do perímetro urbano que o programa foi elaborado para cuidar das pessoas, das mulheres, das crianças e também dos homens (a família).

c) Universalização do programa e foco na primeira infância

A universalização para todos os municípios, juntamente com o aumento da cobertura do número de mulheres usuárias do Programa Mãe Coruja Pernambucana surgem como desafios para os especialistas ouvidos. No mesmo sentido, a percepção que se desenha acerca do programa é a de que ele segue uma dinâmica de progressão de ações, desenvolvendo-se, entre outras coisas, por meio das necessidades que se estabelecem no curso de sua atuação ao longo dos anos. Assim, de acordo com as entrevistas, se um dos desafios já em andamento é o delineamento do programa de forma mais consistente em torno da primeira infância (especialmente no que tange ao acompanhamento das crianças depois do nascimento), um desafio já antecipado é ir além desta, acompanhando a criança depois desse momento, dando mais ênfase à educação. Ainda nesse contexto, um outro desafio proposto seria uma maior aproximação com a Rede Nacional da Primeira Infância.

d) Integração e articulação fortalecidas

De acordo com os participantes do grupo focal, um desafio a ser enfrentado é o de garantir maior articulação e integração mais forte entre as equipes dos Cantos Mãe Coruja e as da atenção básica de saúde, especialmente no que

tange à execução das ações. Os entraves relativos à consecução dos objetivos e atividades do Programa Mãe Coruja Pernambucana junto à rede de saúde materno-infantil são constantes e convergentes. No mesmo sentido, para além da área mais específica da saúde, outros desafios para os resultados do programa residem em maior aproximação com as creches – estimulando um possível aumento no acesso a esse serviço –, e no desenvolvimento de um fluxo mais alinhado de trabalho entre as diferentes secretarias estaduais e os municípios.

Já no que concerne à percepção dos entrevistados, a articulação dentro do Estado e entre os municípios também é um ponto nevrálgico que precisa ser enfrentado. Na percepção desse grupo, entretanto, a descentralização da administração do programa para os municípios é vista como importante para sua institucionalização, entretanto, existe a compreensão do grande desafio que isso representa.

e) Quadro técnico e qualificação das equipes

A implementação de quadro técnico via concurso público, de acordo com os especialistas, é um dos desafios a ser enfrentado, mais especialmente no que concerne à estrutura organizacional do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Já no que se refere aos Cantos Mãe Coruja, o desafio reside na sua fixação em espaços próprios adequados, ou em espaços estaduais previamente destinados ao programa.

A qualificação continuada das equipes também surge como um desafio, não apenas no sentido de que o corpo técnico do Programa Mãe Coruja Pernambucana domine e transmita informações corretas e adequadas sobre a saúde da mulher e da criança, mas também possa promover maior protagonismo das competências familiares por meio do empoderamento feminino. A qualificação constante das equipes deve passar por questões que vão de aleitamento, processos gestacionais, exames preventivos e prática do cuidado, ao planejamento familiar, questões de gênero e papel da família como um todo.

f) Construção e divulgação de indicadores e resultados

Outro desafio apontado pelos especialistas externos ao Programa Mãe Coruja Pernambucana refere-se ao desenvolvimento de indicadores mensuráveis que permitam acompanhamentos mais precisos de seus resultados e efeitos.

No mesmo sentido, a divulgação desses resultados, das práticas e dos procedimentos adotados no programa precisam ser mais amplamente divulgados.

g) Maior foco na mulher, na assistência ao parto e nas discussões de gênero

Uma das fragilidades indicadas no olhar externo foi a lateralidade da mulher em detrimento da criança no desenvolvimento do Programa Mãe Coruja Pernambucana. Assim, um dos desafios apresentados é o maior foco na mulher e na mortalidade materna, o que, em um primeiro momento, poderia ser realizado por meio do fortalecimento da assistência ao parto (evitando as peregrinações na rede de saúde), do estímulo ao parto normal humanizado e do acompanhamento pós-parto. Nesse mesmo sentido, para além da mãe gestante, um outro desafio seria incorporar discussões de gênero (relações de poder, violência contra a mulher, desigualdade, direitos da mulher, entre outras questões) a fim de alcançar um grupo maior de mulheres, especialmente as mais vulneráveis.

h) Continuidade do programa

Um dos elementos a despontar como desafio, de acordo com a visão externa, refere-se à sustentabilidade do Programa Mãe Coruja Pernambucana, especialmente no que concerne à obtenção de recursos em momentos de crise – como a atualmente vivida no Brasil. Nesse mesmo contexto, a permanência mais prolongada de coordenadores, supervisores e técnicos também é considerada como estratégica para o sucesso e continuidade do programa.



Capítulo 4

Uma avaliação a partir da visão
das usuárias, técnicas do
Canto Mãe Coruja e parceiros locais¹⁵

O presente capítulo se ocupará da sistematização e análise dos resultados da pesquisa de campo, realizadas com o objetivo de captar a visão das usuárias do Programa Mãe Coruja Pernambucana e dos profissionais que atuam diretamente nos municípios – técnicas dos Cantos Mãe Coruja e profissionais das administrações municipais que trabalham em parceria com o programa, com especial ênfase nos que são ligados aos seus três eixos prioritários, a saber: saúde, desenvolvimento e assistência social e educação.

A ideia, aqui, foi proporcionar uma avaliação a partir da perspectiva daquelas pessoas que acessam o programa diretamente, buscando identificar possíveis impactos deste em suas vidas, bem como a visão que elas têm dele, seus pontos positivos e negativos. Em paralelo, a consulta aos profissionais que atuam na linha de frente teve como finalidade identificar forças e fraquezas do processo de implementação e operacionalização do programa na ponta, além de identificar sugestões para seu aperfeiçoamento.

Dessa forma, na etapa do campo, trabalhou-se com três perfis distintos de sujeitos: usuárias do programa, técnicas dos Cantos Mãe Coruja e profissionais das administrações estaduais e municipais; em quatro municípios distintos, previamente selecionados. Para a realização desta etapa foram utilizadas duas técnicas de coleta de dados diversas, porém complementares – entrevista em profundidade e observação sistemática – que, por sua vez, deram fruto às transcrições das entrevistas, aos diários de campo e aos guias

15 Aqui, compreende-se como “parceiros locais” os profissionais das administrações estaduais e municipais, além de representantes de entidades que atuam em parceria com o Programa Mãe Coruja Pernambucana no âmbito municipal.

de observação, que aqui serão analisados e interpretados à luz dos insumos coletados nas etapas anteriores. Sendo assim, os tópicos a seguir tratarão de uma breve descrição dos contextos analisados, seguida das análises feitas a partir das perspectivas desses três perfis de atores consultados. Serão abordadas, dessa forma, as atividades realizadas nos Cantos Mãe Coruja, as percepções das usuárias acerca dos impactos do programa em suas vidas, bem como a discussão de questões importantes que emergiram nos discursos dos três perfis de atores escutados.

4.1 Breve descrição dos contextos: municípios selecionados e Cantos Mãe Coruja

Conforme já explicitado no capítulo 1, a seleção dos municípios a serem investigados foi feita levando-se em consideração os seguintes critérios:

- Trajetórias com mais êxito e com menos êxito na execução do programa: buscou-se identificar, com base nas percepções dos gestores e coordenadores entrevistados, os municípios que apresentaram uma trajetória de sucesso na implementação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, assim como municípios que ainda apresentam dificuldades na sua execução.
- Tempo de existência do Programa Mãe Coruja Pernambucana no município: municípios pioneiros, isto é, aqueles que foram os primeiros a receber o programa, bem como aqueles que têm uma experiência mais recente com ele.
- Localização em distintas regiões do Estado: com vistas a captar realidades e contextos distintos.

Com base nisso, foram selecionados os municípios de Ouricuri, Exu, Condató e Igaracy.

Ouricuri e Exu localizam-se no Sertão do Araripe e são pioneiros no que se refere à implantação do Programa Mãe Coruja Pernambucana: tanto um como o outro fazem parte da IX Geres que, na época da implantação do programa, apresentava taxa de mortalidade infantil igual ou superior a 25 óbitos por mil nascidos vivos em pelo menos metade dos municípios nela situados, motivo pelo qual, em 2008, o programa foi implantado em todos os municípios dessa Geres.

Na época, o Sertão do Araripe foi a região que apresentou os piores índices de mortalidade infantil do Estado de Pernambuco. Em 2007, o município de Ouricuri possuía uma taxa de mortalidade infantil de 28,5 óbitos por mil nascidos vivos, tendo caído para 17,1 óbitos por mil nascidos vivos em 2014, o que

representa uma redução absoluta de 11,4 pontos no índice de mortalidade. Já Exu apresentou, no ano de 2007, uma taxa de 18 óbitos por mil nascidos vivos, passando para 31,6 óbitos por mil nascidos vivos no ano de 2014, o que evidencia uma ascensão de 13,24 pontos¹⁶, em termos absolutos, ou de 72%, em termos relativos.

Dessa forma, Ouricuri apresentou redução nos índices de mortalidade infantil, enquanto Exu apresentou ascensão, constituindo-se, assim, como dois municípios pioneiros na implantação do programa, com resultados distintos entre si. Os dados reiteram os discursos coletados nas etapas anteriores, que apontaram esses municípios como sendo uma experiência de sucesso, no caso de Ouricuri, e uma de município que encontrou algumas dificuldades em sua trajetória de implantação e funcionamento, caso de Exu.

Na outra ponta, tanto Condado quanto Iguaracy são municípios que receberam o Programa Mãe Coruja Pernambucana mais recentemente, no ano de 2012. Nesse ano, segundo os dados disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus), Iguaracy apresentou um índice de mortalidade infantil de 19,4 óbitos por mil nascidos vivos, tendo caído para 6,1 óbitos por mil nascidos vivos em 2014, o que representa uma queda de 13,3 pontos no referido índice. Já Condado possuía uma taxa de 14,2 óbitos por mil nascidos vivos em 2012, passando para 24,1 óbitos por mil nascidos vivos em 2014, uma ascensão de 9,8 pontos. Dessa forma, Iguaracy apresentou redução nos índices de mortalidade, enquanto Condado apresentou ascensão, constituindo-se, assim, como dois municípios nos quais o Programa Mãe Coruja Pernambucana foi implantado mais recentemente, mas que apresentaram trajetórias distintas no que diz respeito à sua execução. Da mesma forma, os dados confirmam as percepções dos entrevistados nas etapas anteriores, que apontaram esses municípios como apresentando experiências distintas no que se refere à *performance* na implantação e funcionamento.

Vale salientar, no entanto, que as séries históricas disponibilizadas pelo Datasus devem ser analisadas com cautela, posto que apresentam alta variabilidade nos dados, levando a questionamentos no que diz respeito à confiabilidade desses indicadores. Isso porque os registros são irregulares, apresentando relevante subnotificação e, ademais, possuem uma inércia entre o evento e o seu registro.

¹⁶ De acordo com a série histórica disponibilizada pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde – SIM/Datasus.

Dito isso, nesta seção, será feita uma pequena introdução sociodemográfica de cada um dos municípios selecionados, destacando-se algumas de suas principais características de composição populacional e indicadores de pobreza e desigualdade social, com o objetivo de caracterizá-los minimamente. Em seguida, será feita uma breve descrição da situação dos Cantos Mãe Coruja em cada um dos municípios, com base nos diários de campo e guias de observação sistemática produzidos pelas pesquisadoras.

a) Ouricuri

O município de Ouricuri está localizado no Sertão do Araripe, possuindo área de aproximadamente 2.379,385 km² e população de 64.358 habitantes, o que corresponde a uma densidade demográfica de 26,56 habitantes por km², de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda de acordo com o IBGE, observa-se que as mulheres correspondem a 50,75% da população, enquanto, dentre as pessoas residentes no município, 50,65% residem em áreas urbanas. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Ouricuri foi de 0,572 em 2010, o que o situa na faixa de baixo IDH¹⁷.

No que se refere à questão da pobreza e da desigualdade social, Ouricuri apresentou, em 2010, um percentual de concentração de renda¹⁸ de 62,57%, com um percentual de pobres¹⁹ de 43,46% e uma proporção de 69,10% indivíduos vulneráveis à pobreza²⁰.

• Canto Mãe Coruja

Partindo para a descrição do Canto Mãe Coruja, em Ouricuri, o Canto fica localizado no centro, em frente a uma praça bem movimentada, próximo a um pequeno comércio local composto de feira, lojas, bancos e restaurantes. A casa onde o Canto funciona é espaçosa e de boa estrutura, possuindo copa (com geladeira, mesa, bebedouro), banheiro, uma sala com computador, impressora e muitos documentos arquivados em pastas (há mais documentos arquivados

17 Entre 0,500 e 0,599 (*Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*. Disponível em: <<http://www.atlas-brasil.org.br/2013/pt/>>).

18 Esse indicador nos informa em qual porcentagem a renda está concentrada nas mãos dos 20% mais ricos.

19 Proporção dos indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a 140 reais mensais, de agosto de 2010, de acordo com o *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil* (Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>>).

20 Proporção dos indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a 255 reais mensais, de agosto de 2010, equivalente a meio salário-mínimo naquela data. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes. (*Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>>).

em um banheiro desativado conectado com essa sala), e uma sala de recepção com cadeiras, cartazes informativos e bebedouro.

Fonte: Equipe CeplanMulti



Nessa mesma casa funciona, também, um laboratório de análises clínicas onde é feito, além de outros exames, o teste do pezinho. Algumas vezes, as profissionais do Programa Mãe Coruja Pernambucana também utilizam a sala da coordenação do laboratório, quando ela está desocupada.

- **Composição da equipe e funcionamento do Canto**

O horário de funcionamento do Canto Mãe Coruja de Ouricuri é das 8h às 14h, ficando fechado durante o resto da tarde. As duas profissionais que ali trabalham, ficam juntas nesse horário porque, segundo elas, há maior movimento no período da manhã. Ainda segundo as funcionárias, havia o revezamento dos turnos, mas, passado algum tempo, avaliaram que seria melhor as duas trabalharem no mesmo horário, a fim de lidar com a demanda. Além disso, esse horário propicia o revezamento das profissionais na realização da

Canto Mãe Coruja em Ouricuri conta com boa estrutura física

busca ativa sem que, para isso, seja preciso fechar o Canto. O Canto Mãe Coruja de Ouricuri conta, ainda, com uma recepcionista cedida pela prefeitura. Segundo as profissionais, a quinta-feira é o dia da semana mais movimentado no Canto porque muitas pessoas vão de sítios da área rural para a feira que acontece na cidade e, assim, aproveitam para ir à sede do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

O Canto não funciona às sextas-feiras pois, via de regra, é o dia reservado para reunião de planejamento das atividades. Na terceira quinta-feira do mês acontece a reunião regional, na qual as técnicas dos demais municípios se encontram – nesse dia, o Canto Mãe Coruja também não tem expediente.

- **Círculos de Educação e Cultura**

Em Ouricuri, atualmente, existem quatro turmas do Círculo de Educação e Cultura:

- i. Na creche do distrito de Santa Rita (área rural), com 25 mulheres inscritas.
- ii. No Cras do bairro de Nossa Senhora do Carmo, com 21 mulheres inscritas.
- iii. No Cras do bairro Capela de São Braz, com 13 mulheres inscritas.
- iv. No PSF do bairro de Santa Maria, com 11 mulheres inscritas.

A coordenadora pedagógica dos círculos relatou que as professoras recebem os temas que podem ser trabalhados em cada eixo, mas não recebem materiais nem metodologia para orientar e auxiliar o trabalho. Assim, grande parte dos materiais são custeados pelas próprias professoras, e a metodologia é desenvolvida por elas em conjunto com as educadoras. Uma técnica do Canto Mãe Coruja vai uma vez por mês aos Círculos de Educação e Cultura para fazer atualização do cadastro das usuárias. Toda sexta-feira, se reúnem a coordenadora pedagógica, as professoras dos círculos e uma técnica do Canto para fazerem a ficha de planejamento.

b) Exu

O município de Exu está localizado no Sertão do Araripe, possuindo área de aproximadamente 1.337,495 km² e população de 31.636 habitantes, o que corresponde a uma densidade demográfica de 23,65 habitantes por km², de acordo com os dados do último censo, realizado em 2010. Observa-se, ainda, que as mulheres correspondem a 51,05% da população, enquanto, entre as pessoas residentes no município, 51,53% residem em áreas urbanas. O IDHM de Exu foi de 0,576, em 2010, o que o situa na faixa de baixo IDH.

No que se refere à questão da pobreza e da desigualdade social, em Exu, no ano de 2010, encontrou-se 59,95% da renda concentrada entre os 20% mais ricos da população. Além disso, o município contou com um percentual de pobres de 52,25% e uma proporção de 74,87% indivíduos vulneráveis à pobreza – a maior dentre os municípios analisados.

- **Canto Mãe Coruja**

Em Exu, o Canto Mãe Coruja fica localizado próximo ao centro da cidade, em uma rua asfaltada, em uma área prioritariamente residencial. Próximos a ele, ficam um PSF, o Conselho Tutelar e o IPA. No período em que foram realizadas as visitas à campo, a placa de identificação do Canto estava caída, dificultando o reconhecimento do local para os que circulavam pela rua.

Fonte: Equipe CeplanMulti



A casa onde o Canto Mãe Coruja funciona possui quatro salas: uma utilizada como estoque; uma onde ficam guardados alguns materiais e são arquivados alguns documentos, sua parede é cheia de fotos das famílias e das atividades realizadas; outra sala possui um berço e alguns brinquedos

Casa onde funciona o Canto Mãe Coruja, no município de Exu

para as crianças brincarem enquanto as mães são atendidas; e, por fim, uma sala para atendimento. A casa possui, ainda, dois banheiros: no primeiro há um trocador, voltado para as usuárias com seus bebês, e o outro fica na cozinha e é utilizado pelas profissionais do Canto. A recepção é equipada com uma televisão, um computador e cadeiras para as mulheres que aguardam atendimento.

- **Composição da equipe e funcionamento do Canto**

O Canto Mãe Coruja de Exu funciona de segunda-feira a quinta-feira, das 8h às 14h, para o atendimento das gestantes. Nas sextas-feiras é quando acontece a busca ativa e, por isso, não há atendimento no Canto. Assim como em Ouricuri, toda terceira quinta-feira do mês não tem expediente por causa da reunião de monitoramento que acontece com todos os municípios da regional de que fazem parte.

Fora as duas técnicas, também fazem parte da equipe do Canto Mãe Coruja de Exu uma recepcionista e uma auxiliar de serviços gerais, ambas cedidas pela prefeitura. A função da recepcionista, segundo as técnicas, é buscar as fichas das mulheres que chegam para ser atendidas, conferindo maior agilidade ao atendimento, muito embora, tenha sido observado que há uma flexibilização das tarefas e atribuições entre os membros da equipe.

- **Círculos de Educação e Cultura**

Em Exu, atualmente, funcionam seis turmas do Círculo de Educação e Cultura, sendo quatro na zona urbana e duas na zona rural:

- i. No Programa de Educação para o Trabalho (PET) no distrito de Tabocas (zona rural).
- ii. No Posto de Saúde no bairro de Wilson Moreira Saraiva (zona urbana).
- iii. Em uma escola municipal no distrito da Viração (zona rural).
- iv. Na Coordenadoria da Mulher no centro da cidade (zona urbana).
- v. No Posto de Saúde Nossa Senhora Aparecida (zona urbana).
- vi. Na creche do bairro do Gonzagão (zona urbana).

Segundo as técnicas do Canto, os Círculos de Educação e Cultura só começaram a ser implantados no meio rural no ano de 2016, anteriormente, funcionavam apenas na área urbana. Para contemplar toda a área do Exu falta, ainda, implantar os círculos em mais dois distritos da zona rural. Para realizar os seis círculos, trabalham três professoras e uma coordenadora pedagógica, que se reúnem às sextas-feiras para planejar as atividades semanais.

c) Iguaracy

O município de Iguaracy está localizado no Pajeú, possuindo área de aproximadamente 838,132 km² e população de 11.779 habitantes, o que corresponde a uma densidade demográfica de 14,05 habitantes por km², de acordo com os dados do IBGE. Ainda de acordo com o IBGE, as mulheres correspondem a 49,78% da população, enquanto, dentre as pessoas residentes no município, 51,87% residem em áreas urbanas. O IDHM de Iguaracy foi de 0,598 em 2010, o que o situa na faixa de baixo IDH.

No que se refere à questão da pobreza e da desigualdade social, no ano de 2010, em Iguaracy, encontrou-se um percentual de 57,65% da renda concentrada nas mãos da parcela mais rica da população. Além disso, o município contou com um percentual de pobres de 43,66% e uma proporção de 64,30% de indivíduos vulneráveis à pobreza.

- **Canto Mãe Coruja**

O Canto Mãe Coruja foi implementado em Iguaracy em 2012 e fica localizado no centro do município, em uma rua asfaltada e de fácil acesso. A casa, cedida pela prefeitura, é ampla, limpa e bem organizada, possuindo dois quartos – um que funciona como escritório e outro como berçário (que, no caso, se constitui de um único berço) –, duas salas (uma que serve como brinquedoteca e outra para os círculos), uma cozinha e um banheiro. A casa é um pouco abafada e o espaço da brinquedoteca é relativamente grande.

Casa onde funciona o Canto Mãe Coruja, no município de Iguaracy

Fonte: Equipe CeplannMulti



- **Composição da equipe e funcionamento do Canto**

O Canto Mãe Coruja de Iguaracy funciona de segunda-feira a sexta-feira, das 8h às 17h, para atendimento das gestantes. A equipe é composta de duas técnicas que intercalam o horário de trabalho, ficando uma no período da manhã e outra no período da tarde. Contudo, quando há uma agenda externa nas comunidades rurais, as técnicas geralmente vão juntas. Apesar disso, nessas ocasiões, o Canto não fecha, visto que, além das profissionais que ali trabalham, há uma funcionária extra cedida pela prefeitura cuja função é a de recepcionista.

Cada profissional do Canto segue um cronograma de atividades, que é elaborado com o objetivo de priorizar o atendimento as gestantes de risco. O município tem, ainda, um grupo de trabalho composto por um médico, uma enfermeira e uma das técnicas do Canto, com o objetivo de avaliar os casos de óbitos materno-infantis e se eles aconteceram por causas evitáveis.

- **Círculos de Educação e Cultura**

Em Iguaracy funcionam quatro turmas do Círculo de Educação e Cultura:

- i. Dois círculos acontecem no próprio Canto Mãe Coruja, nos períodos da manhã e da noite.
- ii. Na Unidade Básica de Saúde (UBS) no bairro de Santa Ana, no período da noite.
- iii. Na Unidade Básica de Saúde no distrito de Irajá, no período da manhã.

Toda segunda-feira, as educadoras se reúnem para fazer um planejamento semanal dos conteúdos que serão abordados e das atividades que serão realizadas.

d) Condado

O município de Condado está localizado na Mata Setentrional Pernambucana, possuindo área de aproximadamente 89,645 km² e população de 24.282 habitantes, o que corresponde a uma densidade demográfica de 270,87 habitantes por km², de acordo com os dados do último censo, realizado em 2010. Observa-se que as mulheres correspondem a 51,22% da população, e que o município possui uma taxa de urbanização de 93,23%. O IDHM de Condado é de 0,602, o que o situa na faixa de médio IDH²¹.

No que se refere à questão da pobreza e da desigualdade social, no ano de 2010, em Condado, encontrou-se um percentual de concentração de renda de

21 Entre 0,600 e 0,699.

56,41%. Além disso, o município apresentou um percentual de 36,09% indivíduos pobres – ou seja, com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a 140 reais, de agosto de 2010 –, e uma proporção de 66,26% de indivíduos vulneráveis à pobreza.

- **Canto Mãe Coruja**

O Canto Mãe Coruja foi implementado em Condado em 2012 e fica localizado no centro da cidade, próximo à feira local e ao equipamento do Bolsa Família, em uma localização de fácil acesso. A casa, cedida pela prefeitura, tem quatro salas: uma serve de escritório; a outra para guardar os materiais produzidos pelas mulheres nas oficinas; uma sala grande onde funcionam os Círculos de Educação e Cultura, e uma sala que funciona como brinquedoteca. Além dessas, a casa possui ainda uma cozinha pequena e um banheiro. A casa é bastante quente, sobretudo na parte da tarde, e o espaço para a brinquedoteca é muito pequeno. O Canto possui um único berço para acomodar os bebês que ali chegam.

Casa onde funciona o Canto Mãe Coruja, no município de Condado

Fonte: Equipe CeplanMulti



- **Composição da equipe e funcionamento do Canto**

A equipe de trabalho do Canto Mãe Coruja de Condado é formada pelas duas profissionais do Canto e uma funcionária extra, cedida pela prefeitura. O Canto

funciona de segunda-feira a sexta-feira, em horários distintos: às segundas-feiras e às sextas-feiras, as duas técnicas ficam das 8h às 14h; nas terças-feiras, quartas-feiras e quintas-feiras elas revezam, uma trabalha no período da manhã e outra no período da tarde. Cada profissional do Canto segue um cronograma de atividades que é elaborado toda sexta-feira.

- **Círculos de Educação e Cultura**

Em Condado funcionam seis turmas do Círculo de Educação e Cultura:

- i. No próprio Canto Mãe Coruja.
- ii. Na escola municipal do loteamento Timbó.
- iii. Dois na escola municipal na Vila Diogo.
- iv. Dois na igreja evangélica na comunidade Novo Tempo.

4.2 Cantos Mãe Coruja e o acompanhamento das gestantes e crianças

Nesta seção, será abordada a visão das profissionais dos Cantos Mãe Coruja localizados nos municípios selecionados, com vistas a levantar as suas percepções no que diz respeito ao desempenho das atividades nos Cantos, o acompanhamento das gestantes e crianças, as dificuldades encontradas no dia a dia de suas funções, bem como as possíveis sugestões de aperfeiçoamento. Em cada município, foram entrevistadas as duas profissionais do Canto, com exceção do município de Exu, onde só foi realizada entrevista com uma delas, visto que a outra encontrava-se em licença-maternidade.

Segundo as profissionais dos Cantos Mãe Coruja, seu trabalho consiste em cadastrar as mulheres grávidas, acompanhar a gestação até os 9 meses, acompanhar a criança até os 5 anos de idade, promover eventos comemorativos e organizar cursos, palestras e oficinas para as gestantes. Nesse sentido, ressaltam a importância da articulação com as Secretarias de Saúde Municipais, sobretudo com os profissionais do PSF, uma vez que este se constitui como a principal forma de identificação e cadastramento das gestantes, que são encaminhadas para o Programa Mãe Coruja Pernambucana pelos agentes de saúde no momento do pré-natal.

A nossa atividade começa na ida das mulheres ao PSF, quando elas descobrem que estão grávidas, elas vão para a primeira consulta. Então, quando elas estão

na primeira consulta, elas são encaminhadas ou não, né? Pelas enfermeiras. Elas vêm até aqui no Canto do Mãe Coruja fazer o cadastro no programa. Então esse cadastro é realizado, onde nós colocamos as informações que são dadas ao PSF. Nós transcrevemos o que vem no cartão da gestante para nosso sistema aqui do Mãe Coruja. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

A chegada das mulheres ao Programa Mãe Coruja Pernambucana, segundo as profissionais dos Cantos Mãe Coruja, pode acontecer de três formas: a) por intermédio do PSF, b) de forma espontânea – nesse caso, geralmente, são mulheres que já tiveram uma experiência anterior com o programa e estão na sua segunda ou terceira gestação, ou ainda que ouvem falar do programa por amigas/familiares, ou c) por meio da busca ativa. A busca ativa, via de regra, acontece quando as técnicas recebem informação de alguma gestante ainda não cadastrada, ou quando a gestante, apesar de cadastrada, não volta ao Canto para o acompanhamento e atualização das suas informações. Além disso, elas relatam que é comum realizar busca ativa nas áreas rurais, uma vez que, por conta da distância, as gestantes e mães residentes nessas áreas encontram mais dificuldades para ir ao Canto. A busca ativa também acontece nos postos e UBS, tanto para novos cadastramentos, quanto para atualização de informações das gestantes, como podemos ver nas falas transcritas a seguir:

A busca ativa se dá quando elas não vêm, porque, normalmente, tem mãezinhas que infelizmente vêm, faz todo o acompanhamento da gente, aí pega o kit e desaparece. Não vem informar o parto, não vem fazer o acompanhamento da criança. Aí a gente tem que ir, a gente procura. Eu, minha busca ativa começa primeiro no postinho, eu vou, vejo com a enfermeira e com os agentes de saúde, que é quem conhece melhor a área. Aí agendo com a enfermeira, deixo lá a relação daquelas que eu preciso (...). Deixo agendado um dia pra ir lá. Aí os agentes convocam pro postinho essas mães que ficam mais próximas. Principalmente quando é área rural. (...) Geralmente de 70% a 80% vão, aí ficam duas ou três que eu tenho que ir buscar, ir visitar os sítios...” (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Geralmente as mulheres chegam de forma espontânea ou através de busca ativa. Essa busca ativa, a gente faz um cronograma de atividade mensal onde a cada 8 dias eu tô dentro das UBS para o pré-natal. É quando a gente chega e faz esse levantamento de gestantes, e muitas vezes elas vêm. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Além dessas atribuições, algumas técnicas relataram que acompanham a realização dos Círculos de Educação e Cultura, espaço em que também aproveitam para atualizar o cadastro das mulheres que dele participam. A articulação com outras secretarias e o encaminhamento das gestantes para outras políticas e serviços de que necessitem é, também, tarefa das técnicas dos Cantos. O objetivo dessa articulação é promover a garantia de direitos essenciais e o cuidado mais amplo com a gestante.

O acompanhamento das gestantes é feito por meio do monitoramento das consultas de pré-natal. Uma vez realizado o parto, passa-se a acompanhar a criança. No que diz respeito ao monitoramento da criança, é feita uma visita puerperal nos primeiros 15 dias, durante a qual a criança deve ser cadastrada e são repassadas algumas orientações para as mães, tais como a importância do aleitamento materno e da vacinação. A partir daí, o acompanhamento da criança deve ser mensal no primeiro ano de vida, trimestral no segundo ano de vida e anual a partir do terceiro ano de vida. É por meio desse monitoramento que as técnicas devem levantar informações sobre peso, vacinas, avanços da criança e eventuais internações, além de verificar se há a necessidade de encaminhamento para outros serviços da rede de saúde. No entanto, cabe destacar que esse acompanhamento da criança é feito apenas via documentação, mais especificamente por meio da checagem dos cartões de vacina.

Após a puericultura deles, elas retornam com o cartão de vacina pra gente ver como foi a puericultura daquele mês, questão do peso, se tá tendo desnutrição, se não tá... Perímetro encefálico, se tá aumentando, se foi vacinado. Se não foi, por que não foi vacinado, se a unidade que não tinha vacina, se é porque tava doente (...). Ver se mãe tá fazendo realmente a puericultura ou não, porque há umas que acham que não tem importância nenhuma, a puericultura, e não vai ao postinho. Aí a gente começa a cobrar, explicar, cobrando da forma, explicando que há a necessidade, que não é uma coisa qualquer. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

O acompanhamento, na verdade, a gente pega o cartão de vacina delas, né, que quem faz é lá no PSF. Checa só documentação. Muitas estão acompanhando em algum círculo, que as professoras do círculo faz a questão do desenvolvimento delas. E a gente acompanha peso, vacina e altura. A gente consegue identificar que tem mães que não leva todo mês, que não são frequentes. Aí a gente dá um puxão de orelha, tá perguntando se tá na escola, se tá no aleitamento materno,

que tipo de alimentação, isso é mais uma conversa, a gente não acompanha exatamente a criança especificamente, mas a gente acompanha pelo cartão e pela conversa com a mãe. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

O fato de o acompanhamento das crianças se limitar à verificação da documentação surge como um entrave do programa, frente à necessidade de mais ações voltadas para a primeira infância que extrapolem a mera chegada de documentos. Isso é indicado pelas profissionais dos Cantos, que reclamam da falta de atividades voltadas para as crianças. Segundo elas, isso acaba por dificultar a realização dos círculos, visto que tanto as mães quanto as educadoras precisam dar conta de entreter e cuidar das crianças, ao mesmo tempo que realizam as atividades pedagógicas. A falta de estrutura para receber as crianças nos Cantos também é apontada, sugerindo a possibilidade da existência de uma pessoa para se dedicar apenas ao desenvolvimento infantil. Essa questão também aparecerá nas falas das usuárias, e será discutido de forma mais detalhada mais adiante.

Acredito que [precisa de] algo voltado para a criança. Aqui nos círculos a professora tem que se desdobrar em dois, mãe e filho, e às vezes fico pensando se tivesse uma pessoa só que fizesse uma atividade com as crianças, pra trabalhar o desenvolvimento infantil de uma forma diferenciada. Eu acho que falta isso também. Falta um olhar diferenciando dentro dos Círculos para a criança. Poderia ter um educador para essas crianças, um cronograma para essas crianças. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Na percepção das técnicas entrevistadas, as ações mais importantes para a redução da mortalidade infantil são o acompanhamento da gestação e o compartilhamento de informação em saúde. O acompanhamento das gestantes, junto ao PSF, para que realizem todas as consultas previstas no pré-natal – sobretudo para os casos de risco –, aliado às informações que são compartilhadas com as gestantes nos círculos funcionariam como medidas complementares para prevenir os óbitos infantis.

Eu acredito que [o que é mais importante] é justamente esse acompanhamento da mulher. E o caso da microcefalia agora, a gente tem uma tabela específica e que toda semana a gente consegue saber a rede dessa gestante. O acompanhamento e a informação. Hoje a contribuição do programa é acompanhar essa

gestante pra ver se ela tá bem acompanhada, se os exames foram solicitados, se tá tudo ok com o bebê. Então tem como a gente ter um acompanhamento e evitar lá na frente. E caso aconteça alguma coisa a gente encaminha, enquanto programa, a gente é de monitorar, a gente não executa. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Educação mesmo em saúde. A parte de educação, de orientação mesmo, de tá junto mesmo. De tá ali orientando. Educação e saúde (...). Nos atendimentos, nas orientações em si, nas palestras, nos círculos. É tá junto mesmo, informando, passando informações. Tá monitorando os acompanhamentos pra ver se precisa agir. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Quando questionadas sobre as principais dificuldades encontradas para a realização das atividades do dia a dia, algumas das profissionais entrevistadas falaram sobre a necessidade de transporte para cobrir a área rural e realizar a busca ativa, além da pouca quantidade de funcionários para cobrir toda a demanda dos municípios. Segundo elas, duas pessoas não são suficientes para lidar com todas as famílias cadastradas. A forma de contratação, com vínculo temporário, também foi citada como sendo algo que deveria mudar.

Uma delas é o transporte, se a gente tivesse um transporte a nossa disposição a gente podia cobrir a área rural melhor. E outra dificuldade é em investir mais nessas mães. A gente vê que ela tem habilidade, que elas têm talento, mas muitas vezes elas não têm condição econômica de comprar o material e produzir. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

A demanda mesmo. Porque olhe só, o programa quando iniciou era uma coisa, a gente começou a cadastrar, foi começando com cem mães, com duzentas, com trezentas. Eram duas técnicas. Hoje, eu não sei como é em (...), porque aqui a gente tem 3600 famílias, e continua com duas técnicas, com um computador. Se tivesse, pelo menos, outro computador, ou sei lá. Eu acho que tem municípios que tinha que ser revisto o número de técnicas. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Outra queixa recorrente é a que se refere à falta de recurso para a realização de eventos nos Cantos. Assim, segundo as técnicas, entre as suas atividades está prevista a organização de alguns eventos para as usuárias e suas

famílias, como as comemorações do Dia das Mães e Dia dos Pais, a realização de palestra e a organização de feiras para a exposição e a venda do material produzido pelas usuárias nas oficinas. Apesar das cobranças, no entanto, não há o envio de qualquer auxílio para a realização das atividades e as profissionais acabam tendo de arcar com todos os custos, como é possível ver na fala a seguir:

Eu acredito que o que falta pra gente é mais subsídio de trabalho, que poderia melhorar. A questão do transporte, de eventos. Muitas vezes a gente trabalha com cotinhas pra fazer esse evento pra as mães, quando poderia vim um recurso para eventos. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Além disso, várias delas destacaram como maior entrave ao programa a hora do parto, sujeita às fragilidades da rede hospitalar, como a falta de estrutura e a falta de obstetras. Pontuaram também a dificuldade em fazer as mulheres voltarem aos Cantos após o parto, para dar continuidade ao acompanhamento do bebê, bem como a dificuldade em trazer os pais para participar das atividades.

Dificuldade de tá trazendo essas mulheres pra fazer com que elas retornem ao Canto em tempo hábil da gente tá pegando essas informações se ela tá bem, se não tá, se tão precisando de alguma assistência da gente. [Retornarem] depois do pré-natal e depois do parto. A maioria dessas de 2015 [que não retornou] falaram que foi por falta de informação, que não entendeu bem qual era a proposta do programa. Aí a gente tá tentando melhorar as informações no momento de cadastro e no momento de atualização do cadastro pra que elas retornem. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Bom o que a gente poderia fazer, mas não faz e poderia fazer, mas não tem estrutura. É a questão do parto, porque a gente faz todo o trabalho de acompanhamento do pré-natal junto com o posto. Mas quando chega na parte final, que é o parto -no momento do parto-, a gente perde esse controle. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Essas questões também foram muito presentes nos discursos das usuárias e dos profissionais parceiros, motivo pelo qual merecerão tópicos específicos para uma discussão mais detalhada, adiante.

4.3 Impactos do programa nas trajetórias de vida das usuárias

Esta etapa da avaliação teve como objetivo captar as percepções das usuárias acerca da importância do Programa Mãe Coruja Pernambucana em suas vidas, bem como dos impactos deste em suas trajetórias. A fim de alcançar maior diversidade de pontos de vista e representações, buscou-se selecionar diferentes perfis de usuárias, com base nas seguintes características:

- Tempo de entrada no programa, buscando usuárias mais antigas e outras mais recentes.
- Região em que reside no município (urbana ou rural).
- Usuárias com mais de um filho, para poder traçar um paralelo entre gestações acompanhadas e não acompanhadas pelo programa.
- Mães adolescentes.

Compreende-se que as vivências e percepções dos sujeitos podem variar de acordo com suas experiências (*backgrounds*) e com os contextos em que estão inseridos, resultando em necessidades distintas, diferentes formas de acessar o programa e de participar de suas ações. Nesse sentido, em todos os municípios foi possível contemplar os diferentes perfis citados, resultando em um total de 23 usuárias entrevistadas, sendo 5 em Ouricuri, 4 em Exu, 9 em Condado e 5 em Igaracy.

Para a coleta das informações, o instrumento utilizado foi a entrevista em profundidade, a fim de obter relatos com maior riqueza de detalhes e evitar, tanto quanto possível, conduções e vieses nas respostas. O fio condutor das entrevistas foi o questionamento acerca do impacto do Programa Mãe Coruja Pernambucana em suas vidas e nas vidas dos seus filhos e, para isso, foram feitas perguntas tais como: “Como foi/é sua experiência no Programa Mãe Coruja Pernambucana?”; “Qual é a importância do Programa Mãe Coruja Pernambucana na sua vida?”; “Algo mudou na sua vida após conhecer o Programa Mãe Coruja Pernambucana?”; “Você considera que o Programa Mãe Coruja Pernambucana melhorou a vida do seu filho? Como?”; “O que acha mais importante no Programa Mãe Coruja Pernambucana?”, entre outras²². Os relatos coletados retratam as vivências dessas mulheres no programa, as formas como elas o enxergam e suas percepções acerca de sua importância e eficácia. Vale destacar que os relatos coletados trazem bastante convergência

²² Roteiro anexo.

de percepções entre os diferentes municípios visitados, conforme poderá ser percebido por meio das falas transcritas adiante. As questões levantadas serão, assim, discutidas com maior detalhamento em tópicos específicos.

Antes, cabe aqui fazer uma consideração acerca das adolescentes entrevistadas. Nos quatro municípios visitados, foi possível realizar entrevistas com usuárias adolescentes. Em comum, elas relataram pouca participação nas atividades promovidas pelo programa e pouco impacto deste em suas vidas. Via de regra foram entrevistas rápidas, com respostas curtas, revelando pouco conhecimento das atividades e ações relacionadas ao Programa Mãe Coruja Pernambucana. A falta de informações, no entanto, acabou por revelar uma dinâmica comum entre essas usuárias, confirmada depois pelas profissionais dos Cantos. Assim, por conta de sua idade e perfil, as adolescentes acabam tendo pouca penetração no programa, com pouca participação nos círculos e nas demais atividades, seja por causa do horário escolar, seja por simples falta de interesse por parte das garotas. Esse cenário encontrado aponta para a necessidade de o programa pensar ações próprias para esse perfil específico de usuária, com o fim, inclusive, de evitar a reincidência de gravidez ainda no período da adolescência.

a) Acesso à informação e ao conhecimento

Via de regra, as usuárias relataram que o Programa Mãe Coruja Pernambucana trouxe impactos positivos para as suas vidas, sobretudo no que se refere ao maior acesso à informação qualificada sobre a gravidez e o pré-natal e sobre os cuidados com o bebê, tais como a importância do aleitamento, da vacinação e da alimentação, por exemplo. Segundo elas, o acompanhamento proporcionado pelo programa e as informações obtidas nas reuniões dos Círculos de Educação e Cultura foram diferenciais para desmistificar crendices e possibilitar uma gestação mais saudável e tranquila, sobretudo quando em comparação com gestações anteriores que não foram acompanhadas pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Assim, pra mim, ofereceu informação nova, mais atenção nessa gravidez. Eu aprendi mais nessa gravidez do que com as outras. Por exemplo, eu não sabia muita coisa do aleitamento materno, antes eu não sabia a hora que a menina tava com fome, eu tinha medo de dar comida pra ela. Eu nunca tinha feito uma cesariana e eu fiquei com medo, mas elas explicaram direito e me acalmou mais.

Fiquei mais informada, que eu não era. Sobre minha filha, sobre mim.... Deu mais segurança, mais tranquilidade. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Iguaracy)

Eu acho que eu não tinha aprendido as informações que eu sei, se eu não tivesse participando [do Programa]. Eu achei muito importante participar. Se eu não participasse, eu não sabia as informações que eu sei hoje, participando do Círculo (...) Acrescentou mais coisa né? Que eu não sabia. Eu não sabia nem como era que dava banho. Quem deu banho foi mãe, que eu tinha medo de derrubar na banheira. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Além disso, por meio dos discursos é possível perceber que as usuárias acabam disseminando o conhecimento apreendido com seus companheiros e familiares mais próximos, gerando impactos também na família. Outras relatam, ainda, que compartilham as informações recebidas no programa não só com a família, mas também com outras mulheres que, por um motivo ou outro, não puderam acessar o programa.

*Capacitação
continuada é uma
demanda existente
no Programa
Mãe Coruja
Pernambucana*

Mudou [a vida] porque as experiências que eu tenho, que eu já tive e tô tendo, eu repasso pra minha cunhada também, que não teve como ir. Quando ela



descobriu já tava com quatro meses, aí já não pôde ir pro Mãe Coruja. E muitas vezes eu converso com ela, converso com uma colega minha(...)E minhas experiências que eu tive com as meninas, eu repasso. Eu não fico só pra mim, passo pro meu esposo também. A questão de alimentação pro bebê, dar de mamar (...) aí o povo sempre diz: cuidado pra o bebê não arrotar no teu peito. E eu digo: por que isso? 'Não, porque teu peito pedra'. E num tem nada a ver, a minha arrotou, graças a Deus. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

(...)às vezes minha irmã pergunta as coisas, minha mãe. Aí o que eu aprendo aqui, eu ensino em casa. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Outro impacto positivo, de acordo com a percepção das usuárias, foi a participação em cursos de capacitação e oficinas, visto que isso possibilitaria a venda dos itens produzidos, proporcionando a complementação da renda e estimulando o empreendedorismo e a autonomia econômica.

Assim, porque os cursos eles tão dando uma renda. Você faz os cursos, a pessoa tá aprendendo ali. Você vai praticando e vai gerando renda (...). As que fizeram esse último curso tão tudo praticando. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

Depois que eu entrei mudou. Assim, porque esses trabalhos que a gente faz aqui, a gente aprende muito aqui, né, e a gente ganha, faz sofázinho, a gente vende. Teve uns fantoches que eu fiz, pequenininho, pra aniversário, então já é uma ajuda, né? Dá liberdade, porque antes eu dependia muito de marido, eu dependia dele, mas não vou depender mais de homem não. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

Pronto, esse curso de empreendedorismo mesmo, me ajudou muito. Até pra customizar meus panos, pra eu sair para vender. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

A questão do acesso à informação é um dos pontos mais recorrentes – se não o principal – nas percepções das entrevistadas sobre os impactos e benefícios que a participação no Programa Mãe Coruja Pernambucana trouxe para as suas vidas, aparecendo em vários momentos no decorrer das entrevistas,

seja quando questionadas sobre o que julgam mais importante no programa, seja quando falam sobre as mudanças que ocorreram nas suas vidas depois dele, ou ainda quando relatam suas experiências, revelando, assim, o potencial transformador do conhecimento e da educação na vida dessas mulheres.

b) O acompanhamento das crianças e a primeira infância

Quando questionadas sobre o que consideram mais importante no Programa Mãe Coruja Pernambucana, algumas usuárias destacaram o acompanhamento das crianças que é feito pelas técnicas dos Cantos Mãe Coruja. Na percepção delas, esse monitoramento funciona como um incentivo para o comparecimento nas consultas e para a vacinação das crianças no tempo correto. Além disso, acentuam as orientações que são dadas pelas técnicas sobre alimentação, crescimento e desenvolvimento das crianças.

O acompanhamento com as crianças. Ela vai, a gente leva o cartão da vacina e orienta a alimentação da criança. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

É como eu já falei, é por causa do acompanhamento que tem. Tem o acompanhamento, às vezes elas marcam consulta pra outro médico se precisar. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

É importante a vacinação em dia, né, o peso, saber como é que a criança, o crescimento da criança (...). Porque se for só depender do agente de saúde tá passando nas portas pra ver essas coisas (...) eles passam só de mês em mês. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Iguaracy)

Vale ressaltar que, conforme observado nos relatos das profissionais dos Cantos, esse acompanhamento é feito por meio das informações contidas no cartão de vacinação, limitando-se, assim, à checagem de documentação. Nas falas das usuárias entrevistadas, fica clara a necessidade de uma maior atuação do Programa Mãe Coruja Pernambucana na atenção e no cuidado com a primeira infância, promovendo atividades voltadas para as crianças e equipando os Cantos para atuarem como um espaço de acolhimento, com brinquedos educativos e berçários.

De acordo com a observação sistemática realizada, foi possível perceber o despreparo que ainda há nesse sentido, seja pela falta de uma estrutura adequada para as crianças – visto que apenas alguns Cantos possuem brinquedoteca e, quando possuem, com poucos brinquedos; faltam também berçários adequados para receber os bebês, em Condado, por exemplo, o berçário se constitui de apenas um berço –, seja pela falta de pessoal capacitado para lidar especificamente com a questão do desenvolvimento infantil. O campo revelou, portanto, a demanda existente no sentido de uma evolução do programa para uma nova etapa de acompanhamento das crianças, com a promoção de espaços de convivência e estímulo ao brincar.

c) Construção da autoconfiança e resgate da autoestima

Na percepção das mulheres, o Programa Mãe Coruja Pernambucana possibilita o resgate da autoestima e a construção da autoconfiança, fazendo com que elas se sintam mais valorizadas. Relatos de várias entrevistadas revelam impactos de caráter fortemente subjetivo, uma vez que destacam mudanças na forma de agir e se comportar que atribuem à participação no programa, mais especialmente aos Círculos de Educação e Cultura. De acordo com as falas coletadas e com as observações realizadas em campo, pode-se notar que os círculos funcionam como um espaço importante para a difusão de informações e interação social para essas mulheres que, de outro modo, não teriam outros espaços para interagir e se informar.

A vivência dos Círculos de Educação e Cultura, aliada ao compartilhamento de experiências com as educadoras e umas com as outras acaba por proporcionar, segundo elas, um aumento da autoconfiança e da capacidade de se expressar e de se relacionar com o mundo, fazendo com que sintam que “agora, possuem voz”. Além disso, os encontros promovidos pelos círculos propiciam a criação de uma rede de apoio mútuo, muito frequente nos discursos das mulheres entrevistadas.

Eu era uma mulher que vivia dentro de casa, bem dizer trancada 24 horas só em serviço, não tinha capacidade de sair, né, conversar com as meninas, nada. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

Mudou, mudou [depois do PMC]. Eu tinha um problema, assim, nervosismo. Pronto, aqui mesmo, eu, antes do Mãe Coruja, não estaria aqui não, porque ficava ner-

vosa (...) eu não estaria aqui não, antes do programa. Hoje eu já me enturmo com as pessoas. [Antes] eu chegava e ficava na minha, quieta. Hoje não, eu chego e dou boa tarde, já converso tudinho. Antes, eu não faria isso não. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

Mudou[a vida, depois do PMC]. Como eu já disse, nunca tinha visto essas coisas aqui, nunca tive. Aí agora apareceu. Principalmente pras mães carentes também, né. Me senti valorizada, que antes ninguém olhava, principalmente pras mães. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Iguaracy)

A participação nas atividades do programa pode, assim, trazer impactos socioculturais e de bem-estar individual muito importantes para essas mulheres, uma vez que possibilita maior acesso a espaços sociais e à participação em grupos extrafamiliares, pois muitas delas viviam restritas ao espaço do lar, relatando que, antes de se cadastrarem, raramente saíam de casa. É, pois, um efeito intangível, mas muito valorizado pelas mulheres entrevistadas, que se percebem, assim, mais confiantes e valorizadas.

d) Papel dos Círculos de Educação e Cultura na promoção do cuidado

Inspirado no método Paulo Freire e tendo como concepção de suas atividades as realidades sociais e práticas do cotidiano das usuárias, os Círculos de Educação e Cultura surgem como uma das peças mais impactantes do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Entre os conceitos basilares do programa estão a prática da cultura do cuidado e o fortalecimento de vínculos afetivos e familiares, assim, é precisamente nesse sentido que os círculos desempenham papel importante na vida das usuárias. Frequentemente apontados pelas usuárias como um dos elementos mais importantes do programa, os círculos se estabelecem enquanto iniciativas de destaque não apenas para a atividade educacional, mas também apresentam-se como um espaço de socialização continuada, com formação de redes e construção de vínculos – dos mais fracos aos mais fortes. Ao comentar a importância do Programa Mãe Coruja Pernambucana e dos Círculos de Educação e Cultura, a usuária dá o seguinte depoimento sobre as estruturas de apoio que se estabelecem a partir dos círculos:

Assim, a amizade e o amor, né. Que a gente chega aqui é amigo, é tudo amigo. O carinho, o amor aqui é muito, muita energia boa. (risos) (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

Conforme pode se observar no comentário a seguir, ao ser indagada acerca das possíveis influências dos círculos nos vínculos familiares, uma outra entrevistada diz que:

Influenciou [os vínculos familiares] sim. Porque muitas vezes a gente chega aqui triste, e aí a professora chama a gente de canto, pergunta o que é que tá acontecendo. Muitas vezes a gente fala dos problemas. E assim, ela vai lá, fala com a família da gente. Se a gente tiver passando por alguma coisa, ela vai lá, conversa. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Ilustrando de maneira mais evidente os efeitos dos círculos, uma terceira usuária faz a seguinte reflexão acerca do Programa Mãe Coruja Pernambucana, dos Círculos de Educação e Cultura e da promoção da prática do cuidado:

Ela [profissional do Círculo] leva as palestras, a gente sempre tá lá, a gente vê as palestras da família; que família não é aquela que só que tem a mãe, que tem o pai e tem a filha, mas sim que tem quer ter o vínculo familiar tanto da mãe quanto do pai, pra criança; se eu tenho minhas responsabilidade, o pai também tem que ter, mas não é só aquela responsabilidade de colocar o arroz e o feijão dentro de casa, não. Mas sim de educar sempre a criança. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu).

Por outro lado, uma das fragilidades do Programa Mãe Coruja Pernambucana vem à tona também nos círculos. Trata-se, mais especificamente, da lateralidade da mulher não gestante no planejamento e desenvolvimento das atividades. Em uma das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, uma das usuárias expressa sentir falta de algo voltado para a mulher de maneira geral, cobrando mais palestras e atividades com especialistas nessa temática. O depoimento contundente, proferido pela usuária, coaduna-se com a perspectiva crítica acerca do papel coadjuvante da mulher em detrimento da criança na concepção e desenvolvimento do Programa Mãe Coruja Pernambucana:

Por exemplo, a saúde da mulher, porque a gente debate tanto das crianças da gente. Às vezes a gente tá num assunto e foge pro outro. Então, acho que a questão da mulher mesmo, de doenças. Prevenção, por exemplo. (...) Prevenção, muita mulher aqui não faz, com medo. Eu mesmo nunca fiz uma prevenção. (...) No módulo mulher a gente conversava, mas seria mais bom com o profissional mesmo, da área pra explicar. (...) Porque muita gente não sabe nem o que é prevenção. (...) A criança a gente aprende aqui, aprende no postinho, todo mundo sabe, agora a questão da mulher é mais esquecida. A questão da gente é mais esquecida. Pelas coisas que a gente tem em casa, a gente vive mais pros filhos do que pra gente. Eu acho que seria muito interessante a questão da mulher, da saúde da mulher. Porque no postinho eles dá palestra sobre aleitamento materno, parto, essas coisas, mas esquece mais um pouco da gente. Até a gente mesmo acaba esquecendo. No dia a dia da gente, a agente acaba esquecendo da gente (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri).

De acordo com os relatos coletados e as observações realizadas, os Círculos de Educação e Cultura despontam como possuindo um papel central para o Programa Mãe Coruja Pernambucana, com amplo reconhecimento das usuárias, atuando, inclusive, no âmbito subjetivo, de fortalecimento de vínculos e construção da autoestima, revelando seu papel crucial em suas trajetórias de vida. Frente a esse papel crucial que os círculos desempenham, o campo revelou, também, a necessidade de ampliação do seu escopo, trazendo outros temas relevantes além dos cuidados com a gestação. Foi citada, também, a demanda de aumento do número de círculos, com vistas a cobrir mais áreas e, assim, melhor atender a população.

e) Fortalecimento dos vínculos familiares e o papel do pai

Além da questão da autoconfiança e da autoestima, as usuárias relatam, ainda, a importância do programa para o fortalecimento dos vínculos familiares, seja delas com os seus filhos e maridos ou, ainda, com outros parentes. De acordo com a percepção de uma usuária adolescente, a participação no programa e as conversas sobre maternidade acabaram por influenciar na relação dela com a mãe. Outra entrevistada relata que, a partir das palestras, aprendeu a dialogar mais e, assim, melhorou a relação com seu pai; enquanto uma terceira apontou que a participação nos círculos e as orientações para a prática do cuidado fortaleceu sua relação com suas filhas, sobretudo com a mais velha,



com quem a relação era mais distante, pois ela estava estudando na época do nascimento da menina.

Mudou muito meu jeito com mainha, depois que elas disseram o que é que era ser mãe. Mudou meu jeito com minha mãe (...) Eu era muito ignorante, até hoje eu sou, mas melhorou. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Assim, me ajudou. Eu tinha uma dificuldade na relação com meu pai. Então assim, eu indo para as palestras, eu me juntando com as meninas lá, dialogando, eu já chegava em casa uma nova pessoa. Isso foi me ajudando a dialogar mais com meu pai, que eu não tinha muito diálogo com meu pai. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

Mudou, mudou bastante. Porque assim, eu não tinha muita relação com elas [as filhas]. Depois do programa foi que eu fui me chegando mais com a mais velha. Até hoje com a mais velha ela tem hora que ela estranha, tem hora que ela diz “Oxe mãe, tá me adulando muito”, mas é porque eu fui aprendendo muitas brincadeiras que elas sentem que a gente gosta delas. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

O kit enxoval é um importante incentivo para a entrada no Programa Mãe Coruja Pernambucana

Segundo elas, o programa, por meio dos Círculos de Educação e Cultura, proporciona momentos de integração com os filhos, nos quais podem desfrutar da companhia um do outro longe das preocupações do cotidiano e das atividades do lar.

Atividades educacionais e produtivas funcionam como recurso importante para a autonomia econômica da mulher

Faz, faz muita diferença, porque às vezes a gente tá em casa, lavando uma roupa, tá cuidando de uma comida, a gente não tem aquela atenção só pra criança (...). Aqui, a gente junta as crianças e tem um tempo só pra gente, as crianças e a professora. A gente fica conversando tudo, a gente sabe que não tem outra coisa pra fazer ali no momento. A gente tá ali curtindo o momento com os filhos da gente.
(Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Quanto aos pais das crianças, os discursos das usuárias convergem com o que foi relatado pelas profissionais dos Cantos, no sentido da pouca participação deles nas atividades promovidas pelo programa. As observações realizadas



nos Cantos também corroboram os discursos, visto que, durante o campo, pouquíssimos pais foram vistos participando das atividades ou simplesmente acompanhando as mulheres até o Canto, por exemplo. Dentre as entrevistadas, apenas uma relatou que o marido participou de alguns círculos junto com ela. Na percepção da maioria delas, os pais não participam por vergonha, e por não se identificarem com as atividades do programa. O próprio nome do programa, o formato dos círculos e os temas trabalhados acabam por não atrair os pais e companheiros a participar junto com suas esposas. A criação de atividades voltadas para os pais, em horário conciliável com o trabalho, surge como uma alternativa para tentar torná-los mais participativos.

Geralmente os pais não quer vir, eles tem vergonha. Inclusive tem uma menina aqui que ela convida o marido e ele diz 'Eu não vou não, lá só tem mulher'. É os pais mesmo que são meio, eles não gosta. Não é que não gosta, eles têm vergonha. Eu acho que seria interessante [fazer uma atividade para os pais] porque quando fala 'Mãe Coruja' aí ele já fica 'só mulher, só mulher, eu não vou não'. Acho que se fosse só os pais, acho que eles viria sim. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Elas [as professoras] manda chamar [os pais]. Mas eu nunca levei ele não (...). Ele é muito fechado pra essas coisas. - Pergunta: Se tivesse uma atividade só para os pais seria interessante? Seria, muito. Eu digo que ele iria. - Pergunta: O que era bom de trabalhar com os pais? O jeito de lidar com criança, de pegar, de tudo, de tratar a criança. Que hoje em dia, não é todos, mas a maioria trata mal, trata ruim as mulher, as criança(...). Eu digo que seria bom se tivesse. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

Os pais lá? Não, vão não [para os círculos]. Nenhum pai vai. É porque tem vergonha, fica com vergonha de ir. Não vão não. (...) Só porque tem mulher. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Apesar de os maridos não participarem ativamente do programa, algumas usuárias relatam que recebem o apoio deles para que elas possam participar das atividades, eles se oferecem para ficar com os filhos para que elas possam ir aos cursos e palestras. Há, também, entre algumas delas, a percepção de que a participação no Programa Mãe Coruja Pernambucana trouxe impactos positivos na relação com seus maridos, no sentido de fortalecê-la.



Articulação entre o programa e as equipes de saúde resulta em um melhor atendimento às gestantes

Influencia [na relação com os pais da criança] porque tem muitos que até fica com a criança pra mãe vir. Quando elas vêm, fica com a criança, porque muitas vezes tem o bebezinho, o sol tá quente, aí eles: 'não, pode ir que eu fico com a criança'. Muitas aqui, quem fica é o pai. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Eu converso [com o marido, sobre o conteúdo dos Círculos]. Eu digo que esse momento é nosso, e é deles. A gente passa pro pai também. E ele gosta. Às vezes [a educadora] vem aqui (...). Minha segunda gravidez tá sendo de risco e elas falaram que num é tanto o meu esforço, mas o esforço dele também ia me ajudar muito. Tipo, nessa questão, tem muitos casais que brigam muito e, hoje, graças a Deus tamo um casal ideal. Eu digo: 'meu Deus, era o que eu tava pedindo a Deus'. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

No município de Iguaracy, em uma das visitas à UBS, foi possível entrevistar um pai que acompanhava sua esposa na consulta da filha deles, de 2 meses de idade. Na sua percepção, o Programa Mãe Coruja Pernambucana tem sido muito importante para o casal, por trazer informações sobre o cuidado com o bebê, que antes não tinham. Disse, ainda, que sempre acompanhou sua

esposa no pré-natal e a levava ao Canto Mãe Coruja, mas que observou que a maioria das mulheres chegava só, e que sabe que a maioria dos maridos não quer ir. Quando perguntado se gostaria que houvesse atividades para os pais e se participaria, respondeu:

Com certeza, todo momento que me chamar. Depende do, do horário, se eu tiver muito ocupado, eu poderia dar um pulo lá. Eu não poderia ficar o tempo todo com ela, mas um tempozinho, se eu achava que era de necessidade, eu ficava. (Marido de usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Iguaracy)

Assim, visto que o Programa Mãe Coruja Pernambucana tem como um de seus objetivos fortalecer os vínculos familiares, promovendo a integração da família no cuidado com o bebê, sugere-se a criação de ações que busquem, de fato, contemplar a família como um todo – e não só a mãe – com foco especial nos pais das crianças.

f) Kit do bebê

O kit com um enxoval²³ é considerado um importante incentivo para a entrada no Programa Mãe Coruja Pernambucana e é distribuído para as gestantes acompanhadas pelo programa que compareceram a sete ou mais consultas pré-natais. A compreensão de sua importância para as usuárias do programa – muitas em condição de extrema vulnerabilidade – é bastante sólida, bem como a percepção de que o Programa Mãe Coruja Pernambucana segue, de forma muito consistente, muito além da entrega do kit.

Aí assim pra elas tirar da mente que o kit não é o final, é o meio. O trabalho continua. O kit é muito importante, assim, é...eu vejo esse kit como sendo assim a chama, a chama pra elas participar. Aí depois que elas entram no programa, aí começa a estudar os temas e ver que é além, vai muito além, o kit serviu de atrativo. (Profissional da área de educação).

De acordo tanto com as profissionais dos Cantos Mãe Coruja, quanto com a percepção dos outros atores envolvidos, a proposta de entrega do kit enxoval

²³ Os itens componentes do kit são: 2 pacotes de fraldas descartáveis; 2 pacotes de fraldas de pano; 3 pacotes de lençóis; 1 sabonete; 1 tubo de pomada para assaduras; 1 calça enxuta; 1 banheira; 1 bolsa branca (para transporte do material). Disponível em: <http://maecorujape.blogspot.com.br/2009_01_01_archive.html>. Acesso em: 18 set 2016.

goza de ampla legitimidade, não podendo ser reduzida a uma possível prática assistencialista. As condicionalidades para a entrega do *kit*, juntamente com os esforços e ações para a continuidade da usuária no Programa Mãe Coruja Pernambucana, indicam que se trata de uma estratégia de incentivo inicial, e não com função finalística. No mesmo sentido, trata-se de uma ação importante na promoção da cidadania e da dignidade das mães e crianças, segundo as escutas realizadas.

Não, não acho que é assistencialista porque é realmente necessário. A entrega do kit, ele vem, quando eu sei que tem uma mãe que mora na casa de taipa, um kit é muito bem-vindo. Eu tive mãe que dava banho em panela, em bacia de lavar roupa. Pra um bebê, uma banheira é fundamental. Eu tenho mãe que ainda tem banheira do primeiro filho e guarda. A qualidade do produto também é boa. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

No que toca à repercussão do *kit* na vida das usuárias do programa, esse enxoval apresenta um impacto extremamente relevante em termos de autoestima das mães e na promoção do cuidado, segundo os depoimentos colhidos.

Assim, o que mudou, eu acho que mudou tudo porque eu ganhei o que precisava e graças a Deus, eu tô com as coisinhas até hoje, eu tô usando, que, assim, tem gente aqui que fala muita coisa, fala que a fraldinha não presta. Só que pra mim presta muito, dou banho na banheira do meu filho, na banheirinha do Mamãe Coruja, tô usando a pomadinha de assadura que eles dão, eles dão de tudo, a toalhinha também eu tô usando, tô usando tudo graças a Deus. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Iguaracy).

Recebi[o kit], recebi das duas [gestações]. Gostei, até hoje eu tenho. Ajuda bastante. (...) Porque não é toda pessoa que tem condições de comprar tudo. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

Em grande parte dos casos, a situação de vulnerabilidade é tamanha que o *kit* vem a suprir uma carência bastante acentuada, conforme pode ser observado na fala de uma usuária ao ser consultada sobre a importância do Programa Mãe Coruja Pernambucana em sua vida:

Assim, a importância, eu pensei que eu não ia ganhar, eu não ia ter nada assim, sabe, pro meu filho. Mas, só que uma mãe coruja me ajudou, foi o primeiro kit, a primeira coisinha que eu ganhei pro meu filho. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Iguaracy)

Para além da extrema vulnerabilidade e carência, o kit também permite que aquelas mães cuja situação financeira é um pouco menos dramática possam investir em outras necessidades, tanto suas quanto da criança.

É bom, eu usei tudo, usei bolsa, usei fralda, ganhei muita fralda. A banheira até hoje eu tenho. A pomada é boa, é uma das melhores que tem (...). Ajuda a gente. Foi importante porque na época eu tava com meu marido, ele tava desempregado e aí a renda já ficou pouca. Aí esse kit já ajudou, eu não precisei comprar bolsa, não precisei comprar banheira (...). Não precisei comprar, então ajudou muito. E muita mãe aqui não tem renda fixa. E esse kit ajuda muito, porque já diminui o dinheiro. O dinheiro de você ter que comprar a banheira, a bolsa, você já compra outra coisa. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

Uma das críticas atuais acerca do kit é de caráter bastante prático: os constantes atrasos na entrega do material para as mães. Em função do amplo contingenciamento de recursos, agregado a outros trâmites burocráticos e institucionais, a distribuição do material vem sofrendo com atrasos e escassez.

Discutidos, aqui, os principais achados da pesquisa de campo; no próximo capítulo, serão registradas, sob a forma de síntese e conclusões, as observações da equipe avaliadora acerca das principais características do Programa Mãe Coruja Pernambucana, seus resultados mais relevantes e desafios mais significativos, atualmente e para o futuro.

← Ouricuri
Salgueiro

Lagoa Grande →
Petrolina



Capítulo 5

Síntese e conclusões

O presente capítulo tem como intento retomar os principais achados da pesquisa em todas as suas etapas, discutindo e problematizando as questões mais relevantes, identificando os desafios centrais, e apresentando sugestões para o futuro do Programa Mãe Coruja Pernambucana, a partir do ponto de vista da equipe que conduziu a presente avaliação. Ao final, busca-se explicitar a visão dos avaliadores sobre o programa.

5.1 Alguns pontos para discussão

Nesta seção, serão abordadas algumas questões que surgiram ao longo do desenvolvimento da pesquisa de campo, de maneira transversal, nos discursos dos distintos sujeitos entrevistados. Serão discutidas, aqui, algumas reflexões acerca de aspectos como o empoderamento das mulheres, as dinâmicas de articulação do Programa Mãe Coruja Pernambucana frente aos municípios, a assistência materno-infantil e o parto humanizado e, por fim, a qualificação das equipes do programa.

a) Articulação do programa nos municípios

Neste tópico, será abordada a questão da articulação do Programa Mãe Coruja Pernambucana junto aos municípios previamente especificados. As unidades de observação foram, mais especificamente, as profissionais dos Cantos Mãe Coruja e profissionais das áreas estratégicas associadas ao programa,

sendo: saúde, assistência social e educação. De maneira complementar, também foram entrevistados atores parceiros identificados como relevantes nas regiões, a exemplo da Ação Pastoral, do Núcleo de Saúde da Família e do Conselho Tutelar.

Apesar dos critérios metodológicos propostos para diferenciar os municípios indicarem, em termos de indicadores de mortalidade infantil, possíveis experiências mais bem-sucedidas (com maior queda na taxa de óbitos por grupos de mil nascidos vivos), do ponto de vista dos elementos encontrados na investigação qualitativa, essa distinção não pode ser categoricamente confirmada. Em outras palavras, as dinâmicas encontradas nos quatro municípios analisados apresentam características semelhantes e, portanto, dificilmente poderiam ser utilizadas como elementos explicativos para as diferenças nos indicadores de mortalidade infantil.

• **Articulações no Estado e nos municípios**

Conforme indicado pelas profissionais dos Cantos Mãe Coruja, as articulações com as secretarias estaduais são realizadas por meio das coordenações regionais. Por outro lado, com as secretarias municipais essa aproximação é mais estreita entre os Cantos e os gestores, sendo estes últimos muitas vezes acessados diretamente pelo corpo técnico. De acordo com as dinâmicas observadas na pesquisa de campo, algumas coordenações desempenham um papel bastante proativo nos processos de cooperação institucional, arregimentando atores, planejando e monitorando as ações do Programa Mãe Coruja Pernambucana no território, bem como articulando de forma mais intensa com o Estado e os municípios. Quando o papel da coordenação regional é mais intenso, os processos tendem a ser mais sinérgicos.

As parcerias com as prefeituras, de forma geral, tendem a ser muito restritas à cessão de espaço e pessoal de apoio aos Cantos – recepcionistas e equipes de manutenção – e o custeamento de despesas de água e luz. De acordo as informações levantadas, entretanto, esse tipo de parceria nem sempre é exclusiva ao programa ou mesmo adequada para o desempenho das atividades previstas, tendo como problemas: casas pequenas e/ou compartilhadas; espaços quentes e insalubres para mães e bebês; berçários inexistentes ou insuficientes; pessoal de apoio com dupla função; entre outras questões.

A relação de articulação com o município se desenvolve de forma mais frequente na relação com as secretarias municipais, especialmente aquelas ligadas às áreas de saúde, assistência social e educação. Conforme os relatos coletados, via de regra, a relação com as áreas de saúde e assistência social

tendem a ser mais presentes e cooperativas; por outro lado, os órgãos locais de educação tendem a ser referenciados de forma negativa, com pouco envolvimento e apoio ao Programa Mãe Coruja Pernambucana. Não obstante essas fragilidades em nível municipal, na esfera administrativa estadual o apoio tende a ser reconhecido, especialmente no que tange à Secretaria Estadual de Educação que, dentro dos limites de recursos e possibilidades legais, contribui com apoio técnico e material.

- **Articulação com a saúde**

As parcerias estabelecidas com a rede de saúde materno-infantil, mais especialmente as unidades do PSF ou UBS, indicaram, de acordo com as entrevistas e observações, dinâmicas colaborativas entre as equipes. De maneira geral, as opiniões proferidas entre vários dos profissionais ouvidos é a de que a relação entre o Programa Mãe Coruja Pernambucana e as equipes de saúde tende a ser potencialmente boa e profícua, visto que o programa tende a desempenhar um papel de reforço e cobertura de visitas e encaminhamentos de mães vulneráveis, especialmente nas áreas rurais ou distritos mais afastados do perímetro urbano – por vezes sem alcance de agentes comunitários de saúde.

Entre as percepções positivas acerca da articulação, foram citados, **de forma pontual**, o movimento de troca de informações entre o Programa Mãe Coruja Pernambucana e as equipes de saúde, a exemplo do compartilhamento dos dados das gestantes – como endereços cedidos pelo programa ao PSF para a realização da busca ativa. Há, também, o deslocamento das técnicas do programa aos equipamentos da rede de saúde em busca de informações sobre aquelas mães que estão sob seu acompanhamento. Em contrapartida, entre os bons exemplos de parceria, as profissionais de saúde informam às gestantes acerca do Programa Mãe Coruja Pernambucana, desde a primeira consulta pré-natal, estabelecendo uma dinâmica de encaminhamento que permite às usuárias já chegarem aos Cantos Mãe Coruja tendo conhecimento do programa.

Por outro lado, uma das fragilidades mais citadas nesse processo de articulação refere-se ao fato de que muitos dos profissionais da rede de saúde – e possivelmente a rede de saúde, de maneira geral –, não conhecem em profundidade o Programa Mãe Coruja Pernambucana. O exemplo que ilustra esse tipo de dificuldade refere-se a um relatado desconhecimento, por parte das equipes de saúde, acerca dos objetivos, protocolos, organização, ações, bem como agendas de atividade do programa.

De acordo com as entrevistas realizadas na pesquisa de campo, as equipes de saúde se queixam de não saber ao certo quais as atribuições das profissionais dos Cantos, dificultando a articulação com o programa. Assim, falta comunicação e informação sobre as atividades do Programa Mãe Coruja Pernambucana, o que acaba por dificultar/inviabilizar o estímulo de uma forma conjunta de atuação.

Isso posto, um dos aspectos observados acerca das dificuldades de articulação diz respeito à formação de uma agenda conjunta entre as equipes de saúde e do Programa Mãe Coruja Pernambucana, com especificações de protocolos, procedimentos e responsabilidades compartilhadas. Um dos exemplos que pode ser utilizado para ilustrar essa questão reside na expectativa dos profissionais do PSF em obter informações sobre as atividades em curso no Programa Mãe Coruja Pernambucana para, possivelmente, pensarem em atividades concatenadas, conforme indica a fala abaixo:

Eu não sei, porque assim, a gente sabe que elas fazem esses cuidados, que ela tem esse acompanhamento, mas até então a gente não tem um cronograma das ações, que são desenvolvidas lá. Por exemplo: Eu posso tá fazendo uma atividade educativa aqui com as minhas gestantes, que pode tá sendo feito lá também e termina que a paciente não vai para os dois. E a gente poderia se articular. (Profissional de saúde)

A articulação no tocante ao encaminhamento da gestante também surge como um aspecto sob questionamento, uma vez que os processos de comunicação não são vistos como bem estabelecidos. Dessa forma, quando questionada se as usuárias encaminhadas pelo PSF realmente vão aos Cantos Mãe Coruja, a profissional de saúde lança a seguinte questão:

Algumas a gente sabe que não vão, mas como tem a questão da busca ativa, pelas meninas do Canto, aí acho que elas acabam indo. Mas o que eu sinto falta é que no cartão do pré-natal, eu não tenho esse feedback, se elas estão realmente indo. (Profissional de saúde)

Para além do encaminhamento e da busca ativa – realizados pela área de saúde e pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana –, uma demanda que desponta frente a esses processos é um procedimento semelhante à referência e contrarreferência. Tal movimento se define, na área de saúde, enquanto a articulação entre os níveis primário, secundário e terciário caracteriza os fluxos de encaminhamento dos usuários através dos diferentes níveis de complexidade.

No caso específico da relação entre o Programa Mãe Coruja Pernambucana e a rede de saúde, não apenas a identificação da frequência e movimentação da gestante ao longo do trânsito entre os equipamentos, mas também (e principalmente) as notificações dos casos de gestações de risco – frequentemente subnotificados.

É possível concluir, de acordo com as análises das entrevistas e das observações realizadas no campo, que um dos aspectos importantes para a construção de um processo de articulação mais consistente está associado à aproximação mais frequente (reuniões, atividades e alinhamento de agendas) e regular dos planejamentos e a construção de um cronograma conjunto para as equipes.

- **Articulação com a assistência social**

No concernente à articulação com a área de assistência social, mais especificamente nos equipamentos dos Cras e Centro Especial de Referência em Assistência Social (Creas), esta surge de forma bastante regular.

Como é conhecido, o papel das equipes do Programa Mãe Coruja Pernambucana desenvolve-se em uma estrutura especial, em uma área limítrofe entre a saúde, a assistência social e a educação, por exemplo. Em função dessa característica transversal, os mecanismos de articulação aplicados junto às áreas previamente existentes e institucionalizadas podem convergir em uma perspectiva mais consonante ou dissonante no que tange às práticas institucionais já consolidadas. No caso específico da assistência social, os Cantos Mãe Coruja são percebidos, de forma geral, enquanto pontos de apoio aos Cras e Creas. De acordo com o que informou uma das entrevistadas, tanto as técnicas dos Cantos Mãe Coruja recorrem ao Cras, quanto o Cras recorre às técnicas, ilustrando uma dinâmica de cooperação entre os equipamentos.

Porque a gente sabe que a equipe é pequena, não tem como um não dar a mão ao outro, né? Trabalha em rede. Então, assim facilitou muito, né? (Profissional)

No mesmo sentido, essa perspectiva é corroborada pela fala de uma técnica do Programa Mãe Coruja Pernambucana:

“É um trabalho de rede. Então nós temos o CRAS, por exemplo, eles têm um trabalho itinerante que eles realizam nas comunidades. Então, nesse trabalho é envolvido todo mundo. Todas as secretarias, todas as ações o Mãe Coruja sempre está presente. Quando vêm ações para o CRAS, eles sempre disponibilizam vagas para as mulheres do Mãe Coruja . E nas festas a gente sempre tá se juntando para que haja esse vínculo na comunidade (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Nesse processo de cooperação, a estrutura de deslocamento dos Cras se apresenta como um recurso estratégico para as técnicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana. A indisponibilidade de um carro exclusivo para o programa é recorrentemente vista como uma grande fragilidade, uma vez que as equipes encontram grande dificuldade de transporte para áreas rurais e distritos mais afastados do perímetro urbano, reduzindo significativamente sua capacidade de acompanhamento e a amplitude das visitas técnicas. Nesse sentido, conforme observado em campo, a articulação com o Cras permite que as técnicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana compartilhem o veículo da assistência social, ficando, entretanto, sujeitas à agenda do outro órgão.

Também surgiram outros aspectos críticos no que se refere à cooperação entre o programa e a assistência social. Ao que foi relatado em entrevistas, em algumas localidades, parece estar ocorrendo uma fragilização das relações entre o Programa Mãe Coruja Pernambucana e o Cras, o que se traduz em um afastamento paulatino entre o programa e a assistência social. De acordo com as informações coletadas, as mudanças nas equipes do programa acabaram contribuindo para um crescente afastamento dos equipamentos, visto que os novos profissionais não apresentavam o mesmo grau de envolvimento na interlocução entre o Cras/Creas e os Cantos Mãe Coruja.

• **Articulação com a educação**

De maneira geral, as Secretarias de Saúde e de Assistência Social dos municípios investigados apresentaram-se bastante presentes e cooperativas com o Programa Mãe Coruja Pernambucana. Por outro lado, as Secretarias de Educação dos municípios despontam como ponto convergente no que tange às dificuldades de articulação e cooperação. De acordo com as entrevistas e observações realizadas na pesquisa de campo, o apoio das Secretarias Municipais de Educação é baixo, com pouco alinhamento aos objetivos do Programa Mãe Coruja Pernambucana, escassez de material de apoio didático (cartilhas, apostilas, livros, por exemplo) e estrutura de apoio aos Círculos de Educação e Cultura. Entre os quatro municípios pesquisados, apenas um, por meio da Secretaria de Educação, disponibiliza, ao mesmo tempo, espaço físico, material pedagógico e lanches para as usuárias. Este último ponto surge como um elemento muito importante, visto que se torna muito desgastante para as usuárias do programa permanecerem por mais de quatro ou cinco horas em uma atividade pedagógica sem alimentação – e, muitas vezes, acompanhadas por seus filhos.

As meninas dizem que eu tenho a língua grande. É porque é saúde, educação e assistência social, as que mais ajudam. Só que como a nossa [atividade] é educação, a gente poderia ter uma ajuda maior da Secretaria de Educação. E nossa ajuda não é da Secretaria de Educação, é de saúde. A saúde [dá] tudo que a gente precisa, se a gente precisar de um birô, de uma cadeira, de transporte pra ir pras reuniões (...), dos eventos. Tudo que a gente precisa, só quem auxilia a gente é a saúde. Pouquíssimo a educação. (Profissional de educação atuante no Círculo de Educação e Cultura)

Conforme pode ser visto na fala anterior, não é incomum que a os apoios venham mais amplamente das Secretarias de Saúde dos municípios do que daquelas da área de educação. Entre outras coisas, esse exemplo também serve para ilustrar uma percepção bastante difundida entre diferentes esferas da administração pública de que o Programa Mãe Coruja Pernambucana é um programa da saúde. Nesse sentido, se a aproximação com os protocolos e atividades da assistência social é mais estreita, com a área mais específica da educação isso parece não ocorrer da mesma maneira.

Com a saúde eles dão total apoio, a gente consegue trabalhar muito em parceria. Assistência social também, a gente tem uma boa comunicação, com o bolsa família com o CRAS e com a própria assistência (...) Eu acho que nossa parceria deveria se fortalecer mais com a secretaria de educação, a gente tem um pouco de entrave de trabalhar junto com a educação. A gente ainda precisa quebrar mais algumas barreiras. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Ao ser questionada sobre os motivos dessas barreiras, a entrevistada responde:

Eu não sei dizer bem o motivo. Mas não consegue ter um diálogo, agora assim... eu não vejo nenhum motivo específico pra isso.

De forma complementar à entrevista citada, utilizando as palavras de uma outra entrevistada, de uma região distinta da primeira, ao ser indagada acerca da articulação com a Secretaria Municipal de Educação de sua localidade:

Não houve [articulação] e eu falei diretamente com a secretaria [de educação]. Foi uma coisa mínima em que eu fui pedir e ele disse que não tava tendo

verba pra fazer a solicitação. (...) E eu fui a secretaria de saúde e ela só me deu a notinha e eu fui atrás. Que era justamente para a gente fazer a festa de Dia das Mães. (...)

Eu pedi três bolos só ao secretário (de educação) e ele disse que não podia. Aí eu também não fui mais atrás porque E. (coordenadora pedagógica) disse 'Não é a primeira vez. Toda vez que a gente vai atrás pra ver alguma coisa, se eles disponibilizam de material, alguma coisa que seja, a gente nunca consegue. Eles sempre dizem que não podem'. Aí, a gente não foi mais. Enfiou a cara e fez o que pôde. E o que a secretária (de saúde) deu a gente. (...) foi em maio.

De lá pra cá a gente não teve mais nada que fosse atrás dele (secretário de educação). Mas eu tinha até falado pra ver se não conseguia cadernos, essas materiais assim, lápis porque é coisa que vem pro município. Mas o menino disse 'Eu vou ver o que eu consigo, e eu te dou um retorno'. E o retorno... (...) E eu tô aguardando três meses praticamente e nada. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Ainda recorrendo aos relatos do campo, a aquisição de materiais e equipamentos para as atividades dos Círculos de Educação e Cultura, quando não promovida por outras secretarias municipais como Saúde e Assistência Social, ocorre com o apoio da Secretaria Estadual de Educação ou, como frequentemente indicado nas entrevistas, pela compra com recursos das próprias profissionais, o que, corretamente, é criticado.

É um programa muito bom, mas assim que. Eu acho que a gente precisava mais de reforço, a gente precisa porque muita coisa a gente trabalha, compra, tira do bolso, né. E assim são famílias carentes que precisam de ajuda. (Profissional da educação atuante no Círculo de Educação e Cultura)

Quando a gente compra [lanche] é do nosso bolso (...). Quando tem um chá de fraldas, a gente tem que fazer um agrado a elas, também para cativar. Aí a gente faz um bolo tudo por nossa conta, e leva pra elas e também lembrancinhas. (Profissional da educação atuante no Círculo de Educação e Cultura)

Esses depoimentos revelam, pois, essa fragilidade, que é fruto tanto da pouca articulação, quanto da falta de insumos e de estrutura adequada para a realização das atividades dos Círculos de Educação e Cultura, corroborando

as falas das profissionais dos Cantos Mãe Coruja acerca das dificuldades que encontram para a execução das atividades do dia a dia.

- **Outros parceiros e o envolvimento da comunidade**

Também foram entrevistados representantes de entidades e órgãos parceiros, tais como a Pastoral da Criança (Exu), o Conselho Tutelar (Exu), o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Ouricuri), Organismos de Políticas para Mulheres (OPM – Condado) e IPA (Iguaracy). No caso da Pastoral, a articulação surge como consistente e positiva, especialmente no que concerne aos cuidados com a questão nutricional, pesagem e estímulo no acompanhamento das palestras sobre o cuidado. Já a articulação com o Conselho Tutelar, por exemplo, foi avaliada como praticamente inexistente, restrita a poucas palestras. No caso do OPM consultado, a aproximação foi considerada existente e colaborativa sempre que necessária, mas sua qualificação foi pouco desenvolvida pela entrevistada.

O IPA, por sua vez, possui uma trajetória mais consolidada junto ao Programa Mãe Coruja Pernambucana, pois constroem cronogramas e desenvolvem atividades em conjunto. Entre as ações compartilhadas, foram citados o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que compra alimentos dos agricultores e faz doação para diversas entidades, também beneficiando as usuárias do Programa Mãe Coruja Pernambucana e ações voltadas à questão da segurança alimentar e nutricional.

O envolvimento da comunidade é apontado especialmente na realização de festas e eventos, por exemplo, como é o caso da participação dos comerciantes na festa de São João. Ainda no tocante às articulações com entidades ou grupos específicos, existe a referência de cessão de espaços por igrejas para a realização dos Círculos de Educação e Cultura, bem como a aproximação com associações de moradores. De maneira geral, também foi apontado que existe certo desconhecimento acerca do Programa Mãe Coruja Pernambucana por parte da comunidade, em alguns municípios, e por potenciais parceiros.

b) Empoderamento das mulheres

Uma das questões levantadas como ponto forte do Programa Mãe Coruja Pernambucana – tanto por atores entrevistados (coordenação do programa, coordenadoras regionais, entre outros), quanto pelas profissionais dos Cantos Mãe Coruja – é o que diz respeito ao empoderamento das mulheres por meio das ações do programa. Aliado a isso, o programa tem como um dos seus

pilares o reconhecimento dos direitos das mulheres, buscando, entre outras coisas, estimular o pleno exercício de sua cidadania por meio da consolidação dos seus direitos sociais. Por esses motivos, faz-se necessária uma discussão mais cuidadosa acerca do que significa a ideia de “empoderamento”, assim como uma análise de como essa categoria pode ser aplicada nesses contextos específicos.

A noção de “empoderamento” (*empowerment*) relaciona-se à ideia de transformação de um sujeito em agente ativo, por meio de processos diversos que podem variar conforme os contextos em que estão inseridos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde²⁴, o conceito de “empoderamento” é definido como um processo social, cultural, psicológico ou político por meio do qual indivíduos e grupos sociais tornam-se capazes de expressar suas necessidades, explicitar suas preocupações, desenvolver estratégias para o envolvimento em tomadas de decisões, bem como atuar política, social e culturalmente com vistas a satisfazer suas necessidades, acarretando em um maior controle sobre suas vidas. Outras definições relacionam o empoderamento com a questão da equidade, uma vez que, por intermédio dele, é possível chegar a um equilíbrio no que se refere às relações de poder em favor dos que possuem menos recursos, ou, ainda, com processos de resgate da autoconfiança e autoafirmação, tendo como foco a melhoria das condições de vida.²⁵

Quando partimos para a questão específica do empoderamento de mulheres, tem-se, em linhas gerais, o fortalecimento dos atores sociais levando-se em conta as desigualdades de gênero, partindo-se da compreensão de que essas desigualdades não se restringem à precariedade de recursos, mas também englobam a falta de oportunidades sociais, políticas e econômicas, exigindo a expansão das capacidades humanas e das liberdades reais.²⁶ O processo de empoderamento das mulheres passa, portanto, não só pelo maior acesso a recursos, mas também pela garantia da **autonomia** em seus vários níveis, isto é, autonomia econômica, autonomia frente aos processos de tomada de decisão em várias esferas – inclusive a familiar, autonomia sobre seu próprio corpo e sobre sua sexualidade, entre outros.

24 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Glossary of health promotion terms*. Geneva: World Health Organization/Division of Health Promotion, Educations and Communications/Health Education and Health Promotion Unit, 1998.

25 MOREIRA, Nathalia Carvalho et al. Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social. *Rev. Adm. Pública*. Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 403-423, 2012.

26 MAGESTE, G. S. et al. Empoderamento de Mulheres: uma proposta de análise para organizações. In: V Encontro de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração. *Anais...* Belo Horizonte, 2008.

Desse modo, frente a essa breve discussão acerca do termo, compreende-se que o conceito de empoderamento aplicado à realidade ora investigada deve ser visto de forma cuidadosa. É importante destacar que, epistemologicamente, o conceito formal é um tipo ideal e, portanto, se aplica de diferentes maneiras, de acordo com as diferentes realidades. Sendo assim, considera-se que a pesquisa de campo detectou, especialmente por meio dos Círculos de Educação e Cultura, movimentos que promovem autonomia e acesso ao conhecimento, assim como propiciam a criação de redes de interação e vínculos entre usuárias. Esses movimentos podem ser compreendidos como espaços de socialização continuada constituindo, pois, requisitos centrais do processo de empoderamento.

Se compreendermos o fenômeno de forma não necessariamente linear ou rígida, é possível que processos distintos de empoderamento estejam em curso; processos que precisam ser analisados à luz de suas especificidades, situações e contextos. Assim, o maior acesso à informação propiciado a essas mulheres, aliado ao simples fato de elas terem suas vozes ouvidas e valorizadas pode, em certa medida, proporcionar-lhes um sentimento de empoderamento. As formas de vida, as práticas de transmissão de conhecimento tradicional e de se relacionar dessas mulheres, localizadas em contextos de profunda vulnerabilidade social (sobretudo no meio rural), implicam na necessidade de um olhar mais flexível sobre como se adquire autonomia.

Os discursos coletados e explicitados vão nesse sentido, mostrando que as próprias usuárias identificam que o Programa Mãe Coruja Pernambucana impactou positivamente suas vidas, destacando como principais efeitos o acesso a novas informações, o aprendizado em diferentes searas, a criação e o fortalecimento de vínculos interpessoais em diferentes esferas, a participação em grupos extrafamiliares, bem como o resgate da autoestima e construção da autoconfiança, além da maior compreensão acerca dos seus direitos. Tais fatores caracterizam-se, pois, como aspectos de processos de empoderamento de diferentes níveis ou dimensões, como o individual/psicológico, o sociocultural e o familiar/interpessoal.

Os relatos coletados nas entrevistas trazem vários elementos relacionados ao bem-estar psicológico dessas mulheres. Assim, na percepção de algumas delas, o Programa Mãe Coruja Pernambucana e, sobretudo, a participação nos Círculos de Educação e Cultura, proporcionou-lhes conhecimento, satisfação, valorização e autoconfiança, acarretando em mudanças em suas vidas, conforme pode ser observado em alguns trechos transcritos a seguir.

É, eu era uma mulher que vivia dentro de casa, bem dizer trancada 24 horas só em serviço, não tinha capacidade de sair, né, conversar com as meninas nada. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

Mudou. Como eu já disse, nunca tinha visto essas coisas aqui, nunca tive. Aí agora apareceu. Principalmente pras mães carentes também, né? Me senti valorizada, que antes ninguém olhava, principalmente pras mães. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Iguaracy)

Mudou, mudou bastante que eu era mais vergonhosa, só vivia pelos cantos, aí tem hora que a professora chama a gente pra frente, aí a gente vai se soltando. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Exu)

Assim, o que ele [o Programa Mãe Coruja Pernambucana] trouxe de bom foi através desse estudo pra ensinar a gente, porque eu quero aprender mais...a gente estudando tem que ter um futuro melhor pra frente, né? (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

A partir dessas falas, é possível perceber os efeitos não materiais advindos da participação no Programa Mãe Coruja Pernambucana. Mesmo que seu desenvolvimento, em um primeiro momento e nesses contextos específicos, não esteja *pari passu* com o tipo ideal, dinâmicas de empoderamento real podem ser observadas na vida das usuárias, ainda que em um nível mais embrionário e não atingindo todas as dimensões necessárias. A articulação com outras atividades educacionais e produtivas que gerem oportunidades de emprego formal e não apenas os chamados “bicos”, pode funcionar como um recurso importante para o alcance da autonomia econômica por parte delas, consolidando ainda mais esse processo.

Depois que eu entrei mudou. Assim, porque esses trabalhos que a gente faz aqui, a gente aprende muito aqui, né, e a gente ganha, faz sofázinho, a gente vende. Teve uns fantoches que eu fiz, pequenininho, pra aniversário, então já é uma ajuda, né? Dá liberdade, porque antes eu dependia muito de marido, eu dependia dele, mas não vou depender mais de homem não. (Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Condado)

Cabe salientar que, de forma convergente com as críticas lançadas pelos especialistas externos entrevistados, acerca do papel lateral da mulher no

Programa Mãe Coruja Pernambucana, é possível que, uma vez que seja dada maior ênfase às questões de gênero, trazendo para a discussão temas relevantes para as mulheres, além dos cuidados com a gestação, essa dinâmica de empoderamento seja fortalecida e se aproxime mais da estrutura conceitual formal proposta pelos estudos feministas. De acordo com a percepção de algumas usuárias, o programa foca no bebê e acaba deixando-as um pouco de lado, resultando em um sentimento de “esquecimento” da mulher, conforme pode ser visto na fala a seguir, na qual uma usuária expressa sentir falta de algo voltado para a mulher de maneira geral, cobrando mais palestras e atividades com especialistas nesse tema.

Por exemplo, a saúde da mulher, porque a gente debate tanto das crianças da gente. Às vezes a gente tá num assunto e foge pro outro. Então, acho que a questão da mulher mesmo, de doenças. Prevenção, por exemplo. (...) Prevenção, muita mulher aqui não faz, com medo. Eu mesmo nunca fiz uma prevenção. (...) No módulo mulher a gente conversava, mas seria mais bom com o profissional mesmo, da área pra explicar. (...) Porque muita gente não sabe nem o que é prevenção. (...) A criança a gente aprende aqui, aprende no postinho, todo mundo sabe, agora a questão da mulher é mais esquecida. A questão da gente é mais esquecida. Pelas coisas que a gente tem em casa, a gente vive mais pros filhos do que pra gente. Eu acho que seria muito interessante a questão da mulher, da saúde da mulher. Porque no postinho eles dá palestra sobre aleitamento materno, parto, essas coisas, mas esquece mais um pouco da gente. Até a gente mesmo acaba esquecendo. No dia a dia da gente, a agente acaba esquecendo da gente.
(Usuária do Programa Mãe Coruja Pernambucana de Ouricuri)

A partir das visitas aos Cantos Mãe Coruja, pôde ser observado que, após o nascimento, as informações coletadas pelas profissionais são apenas em relação à criança. Não há, por exemplo, um formulário sobre a saúde da mulher a ser preenchido após o parto, mas apenas o formulário de gestante e o do bebê, corroborando a percepção da usuária. Essa dinâmica pode se revelar problemática, uma vez que deixa a mulher em segundo plano e compromete a consolidação dos processos de empoderamento em curso. Além disso, o cuidado com a saúde da mulher antes, durante, e após o parto²⁷ é essencial, inclusive porque, muitas vezes, cabe a ela o lugar de “cuidadora” da família, em detrimento da sua própria saúde.

²⁷ Inclusive para prevenir e tratar casos de depressão pós-parto.

Os processos de empoderamento, na perspectiva de gênero, emergem como um tema de extrema importância no campo das políticas públicas, com vistas a superar dinâmicas de desigualdade fortemente estabelecidas e modificar as condições de vida das mulheres. Sendo assim, o Programa Mãe Coruja Pernambucana, tendo a mulher como usuária e como um de seus objetivos o reconhecimento e promoção dos seus direitos, deve atentar para a necessidade de atuar de forma mais contundente no sentido de promover o alcance pleno desse processo, superando, inclusive, a visão preestabelecida que essencializa a maternidade como papel central das mulheres pobres, restringindo, assim, suas potencialidades e capacidades de atuação.

Rede de assistência materno-infantil e humanização do parto

Presente de maneira transversal nos discursos dos diferentes perfis de atores entrevistados está a precariedade da rede hospitalar e da assistência ao parto, constituindo um entrave fulcral para a efetividade das ações do Programa Mãe Coruja Pernambucana e para o alcance dos seus objetivos.

Dentre as ações do Programa Mãe Coruja Pernambucana, prevista na Lei 13.959, de 15 de dezembro de 2009, está a realização do parto humanizado entre as mulheres cadastradas. No entanto, a partir das escutas realizadas com diferentes atores ligados ao programa, observou-se que não há um consenso sobre o que seria, de fato, esse parto humanizado que o PMC se propõe a promover, o que coloca o questionamento sobre o cumprimento dessa ação. Além disso, entre as usuárias entrevistadas, nenhuma demonstrou familiaridade com o termo, tampouco relatou ter vivenciado esse tipo de parto. Dessa forma, cabe, aqui, fazer uma discussão mais detalhada acerca desse ponto em específico.

A *humanização* na assistência ao parto ou o *parto humanizado* é um termo que encontra diferentes versões e interpretações, sendo utilizado há muitas décadas com sentidos os mais diversos, que vão desde a perspectiva do alívio das dores do parto por meio de analgesia e outras tecnologias, passando pelas propostas de humanização de hospitais e da relação médico-parturiente, chegando até à associação ao parto natural, livre de intervenções.²⁸

28 DINIZ, Carmen Simone Grilo. Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 627-637, set. 2005.

Atualmente, o movimento pela humanização do parto e do nascimento caminha no sentido de garantir à mulher o direito de atuar como protagonista de sua experiência de parturição, podendo decidir sobre a forma como irá dar à luz, a posição que julga mais adequada, o uso de analgesia, o local e a presença de acompanhante, por exemplo. Mais que se relacionar com um tipo de parto específico, a humanização da assistência ao parto refere-se ao tratamento individualizado das mulheres, estabelecendo relações menos desiguais e autoritárias entre os profissionais de saúde e as parturientes, evitando intervenções desnecessárias e preservando a privacidade e a autonomia das mulheres.

Assim, o movimento pela humanização do parto propõe uma nova forma de assistência, baseada na transmissão horizontal do conhecimento, para que a paciente deixe de ser vista como um sujeito passivo por não compartilhar do conhecimento especializado. Nesse sentido, as informações sobre pré-natal, parto e puerpério tornam-se de fundamental importância, uma vez que possibilitam às mulheres o conhecimento sobre seu corpo para, assim, assumirem o papel de protagonistas desse momento.

De acordo com alguns relatos das profissionais dos Cantos Mãe Coruja, a difusão de informações por parte do Programa Mãe Coruja Pernambucana ajudaria a desempenhar esse papel, visto que as mune de informações para agirem como sujeitos ativos nessa relação médico-paciente, de forma a minimizar as assimetrias e a sujeição da parturiente em relação à figura do obstetra. No entanto, a partir das visitas a campo, pode-se perceber que, se por um lado existe o compartilhamento de informações com as usuárias, por outro, elas esbarram nas fragilidades da rede de saúde materno-infantil, que não consegue garantir a autonomia de decisão para essas mulheres, comprometendo, assim, o processo de humanização.

[O parto] humanizado assim, na concepção, é tanto o cesáreo como o normal. É a escolha da mulher do tipo de parto e como ela quer ter seu filho. Então, assim, elas têm aqui normal, se quiser ter normal. E algumas de alto risco vão ter que ser encaminhadas pro Recife. Mas eu acho que não existe uma escolha muito grande não. Por mais que a gente fale, não depende só da gente, depende dos órgãos de saúde. Não tem muita escolha pra elas não, a não ser que elas queiram ter normal e ter no município, aí consegue ter essa liberdade, mas quando é por cesáreo, elas não têm, porque aí vão chocar com os hospitais de grande porte, acompanhante, não ser na própria cidade. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Na realidade o parto em si é uma questão que preocupa a gente, porque assim, a mãe faz o pré-natal certinho, mas vem aquela insegurança do parto. A gente teve dois casos aqui que a mulher teve no trânsito. Vai pro regional...quando chega no regional não tem quem atender, aí essa mulher já tá com alguns centímetros de dilatação, aí onde tiver vaga a mulher vai e pare. A rede, em si, não dá uma segurança ao parto humanizado. Hoje a mulher em si, a partir da UBS e do Mãe Coruja, a gente empodera essa mulher dos conhecimentos e da informação, só que a gente sabe que a questão do parto e da assistência, a gente precisa melhorar e muito. (Profissional de Canto Mãe Coruja)

As fragilidades da rede de saúde materno-infantil têm um amplo rebaixamento nas atividades do Programa Mãe Coruja Pernambucana, e constituem-se como um forte entrave para o desenvolvimento de suas ações e o alcance de suas metas, visto que não há garantias acerca da qualidade do atendimento e de uma assistência ao parto humanizada e satisfatória, o que acarreta, muitas vezes, na peregrinação dessas mulheres em vários hospitais no momento de parir. Em conversa com as usuárias participantes de um dos Círculos de Educação e Cultura, várias delas relataram as dificuldades e complicações na hora do parto, como a peregrinação nos hospitais, a falta de leitos, a demora e a má qualidade no atendimento – com relatos, inclusive, de humilhações sofridas por parte de médicos. Assim, algumas delas dizem que decidem, quando podem e conseguem ajuda, pagar pela cesariana com medo das dificuldades e intercorrências.

Outro ponto importante é o que se refere à questão da mortalidade materna, que segue pouco problematizada. A inconsistência dos indicadores, aliada à precariedade da rede e à falta de uma assistência de qualidade ao parto, torna essa uma questão que permanece não solucionada. A saída apontada, aqui, seria um foco maior na atenção ao parto como desdobramento das atividades do Programa Mãe Coruja Pernambucana, uma vez que o acompanhamento apenas do pré-natal não é suficiente para prevenir e evitar os óbitos maternos. O diálogo e a articulação com a Rede Cegonha poderiam, nesse sentido, serem iniciativas profícuas.

A humanização do parto caminha, também, no sentido de modificar o modelo atual de assistência, buscando, cada vez mais, romper com a lógica do atendimento em série, repleto de intervenções desnecessárias e casos de violência obstétrica e institucional, tendo um impacto direto nos índices de mortalidade materna. Nesse sentido, o fortalecimento dos espaços de troca

e disseminação de informações sobre a fisiologia do parto, os riscos envolvidos, as intervenções necessárias e os cuidados com a parturiente são de fundamental importância, por isso sugere-se a capacitação continuada das profissionais dos Cantos Mãe Coruja e das educadoras dos Círculos de Educação e Cultura acerca dessas temáticas específicas.

c) Qualificação continuada das técnicas e educadoras

Um dos pontos que merece certo destaque, entre os achados da pesquisa de campo, diz respeito à demanda por um processo de capacitação continuada, tanto para as técnicas dos Cantos Mãe Coruja, quanto para as educadoras dos Círculos de Educação e Cultura. Esse movimento de qualificação das profissionais parte desde o domínio de informações mais gerais acerca dos objetivos e procedimentos do Programa Mãe Coruja Pernambucana, até conhecimentos, técnicas e práticas mais específicas das áreas de saúde, educação e assistência social.

De acordo com as verificações feitas ao longo da observação sistemática, foi percebido que existem fragilidades nos procedimentos desenvolvidos pelas técnicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana que poderiam ser revertidas por meio de processos de qualificação e protocolos, a exemplo do preenchimento de formulários de acompanhamento das gestantes. Conforme observado e averiguado na investigação, é relativamente comum que a técnica mais antiga ensine a mais nova sobre os formulários, indicando a forma “padronizada” de preencher determinados campos – com vários termos específicos da área de saúde –, mas sem o amparo de protocolos ou qualificações consistentes.

No mesmo sentido, a fragilidade nos processos de formação e qualificação continuada das equipes também converge no âmbito das articulações, dado que existe uma ampla crítica acerca do desconhecimento dos objetivos, procedimentos e atuação do Programa Mãe Coruja Pernambucana (em diferentes níveis de gestão, esferas administrativas e na população), transparecendo, assim, a pouca divulgação das diretrizes do programa por parte da equipe técnica. Apesar dos esforços da gestão estadual nesse sentido, a demanda – direta ou indiretamente – por qualificação continuada se destaca.

Desdobrando essa questão para um nível maior de detalhamento, à luz do contexto atual e do conjunto de demandas que se apresentam em nível

estadual, uma solicitação que se destaca é aquela voltada para qualificações específicas em assuntos como: crianças com deficiência, autismo, síndrome de Down e microcefalia. De acordo com a investigação, especialmente as técnicas que não são da área de saúde sentem necessidade de maiores informações acerca dessas questões, bem como, de forma mais geral, existe demanda pela realização de cursos como o de Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância para as profissionais dos Cantos Mãe Coruja. Na fala a seguir, ao ser questionada sobre o que o Programa Mãe Coruja Pernambucana poderia fazer melhor, a profissional responde:

Tá trazendo mais cursos mais coisas pra gente, (...) técnicas. (...) Pra gente tá vindo questão de autismo, a síndrome de down, pra tá fazendo inclusão, essas coisas assim. A microcefalia também. Chegou de repente e a gente foi tendo que lidar com essa situação, e foi pra todo mundo uma surpresa. Mas essa questão de tá trazendo mais informação pra gente. (...) Porque não são todos os técnicos [que são] da área da saúde, como eu, sou professora e entrei na saúde. (Profissional do Canto Mãe Coruja)

Entre as educadoras dos Círculos de Educação e Cultura, a questão da qualificação também desponta como um ponto sensível. Muitas foram as problematizações e os conflitos advindos da dissonância entre a concepção pedagógica original pensada para os círculos e as práticas educacionais adotadas por parte das profissionais responsáveis por sua realização.

As entrevistas realizadas na pesquisa de campo relataram que parte das profissionais dos Círculos de Educação e Cultura pensavam as atividades como “aulas normais” de matemática e português, em uma dinâmica de alfabetização. Contudo, ao ingressarem no Programa Mãe Coruja Pernambucana, perceberam que as práticas pedagógicas incluíam o desenvolvimento social, a saúde da mulher e da criança. Não obstante tais dificuldades iniciais, também foram relatadas práticas educativas derivadas de elementos do cotidiano da usuária, como o letramento a partir da certidão de nascimento e a matemática com base nas datas de nascimento dos familiares. Na fala a seguir, é possível observar que as dinâmicas educacionais precisam ser mais flexíveis e menos escolar/disciplinar, dadas a concepção dos círculos e a realidade social das usuárias:

Então, assim, pra mim foi bem assim é...desafiador. Que eu tive que trabalhar aqueles temas, também trabalhar a parte do letramento, que elas a maioria, e

já por conta disso mesmo, abandonaram a escola depois que engravidaram, elas tinham muita dificuldade em ler um texto, interpretar. Aí assim, eu tive que trabalhar aquele tema, deixar alguma mensagem pra elas, uma mensagem que fosse edificante, que mudasse a sua vida e, ao mesmo tempo, trabalhar a questão do letramento mesmo, da alfabetização. (Profissional de educação de Círculo de Educação e Cultura)

De maneira complementar a essa fala, outra profissional, ao ser questionada se ela e outras envolvidas nos Círculos de Educação e Cultura haviam passado por algum tipo de qualificação com uma abordagem mais específica para as usuárias do Programa Mãe Coruja Pernambucana responde:

Não. A gente busca as informações. (...) Seria interessante. (...) Tanto que uma das nossas colegas colocou para Alessandra que era bom se tivesse um encontro pra gente pra questão da gente tá incluindo essas crianças, na questão social das crianças com síndrome de down, as crianças especiais pra tá fazendo a inclusão delas no nosso meio social, pra gente poder entender mais o que a gente fazer, como a gente trabalhar. (...) Aí ela pediu que tivesse um encontro da gente lá em Recife, que seria bom. (Profissional de educação de Círculo de Educação e Cultura)

Aliada a isso, desponta a necessidade de ampliar o leque de temas a serem abordados nos círculos. Os relatos das usuárias entrevistadas e a observação sistemática realizada indicam a necessidade de discutir temas relacionados às realidades e vivências das usuárias do programa, como questões de gênero, tais como violência doméstica e outras violências contra a mulher; questões de raça/cor – uma usuária relatou, por exemplo, que a filha era vítima de racismo, por conta de seu cabelo –; discussões sobre a prevenção e o combate às drogas; sobre economia doméstica, entre outros.

Considerando que os Círculos de Educação e Cultura se revelaram como tendo um impacto central na vida das usuárias, funcionando, inclusive, como uma ferramenta significativa para o seu empoderamento, abordar questões como essas é de fundamental importância para a consolidação desse processo. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de qualificação continuada das educadoras dos círculos e profissionais dos Cantos para trabalhar com temas dessa relevância.

5.2 Considerações finais e sugestões dos avaliadores

a) Sobre o contexto e as principais características do programa

Desde 2007 até 2013, e com menos intensidade em 2014, Pernambuco e o Brasil, a despeito dos efeitos da crise global de 2008, experimentaram um período em que conviveram crescimento econômico e prosperidade social. Particularmente em Pernambuco, o dinamismo da economia permitiu fortes ganhos de arrecadação ao governo, que financiou novos programas de desenvolvimento e inclusão social, entre os quais se situa o Programa Mãe Coruja Pernambucana. O ambiente econômico nacional e estadual, no entanto, mudou muito após 2015. A desaceleração rápida da economia e a queda da receita pública em ritmo superior ao do Produto Interno Bruto (PIB) criou um novo contexto no qual manter ou ampliar a prioridade a políticas sociais como o Programa Mãe Coruja Pernambucana se torna mais desafiador.

Cabe destacar que, em Pernambuco, tal prioridade foi mantida em meio a iniciativas de ajuste dos gastos públicos. Assim é que, em 2016, foram destinados ao programa, na programação financeira do Estado, 24.540.945,50 de reais; e foram efetivamente liquidados 22.754.367,30 de reais, ou seja, 93% do previsto, o que manteve as prioridades principais do programa, que atendeu, naquele ano, 20.990 gestantes e 88.258 crianças (de 0 a 5 anos).

No contexto no qual o Programa Mãe Coruja Pernambucana foi concebido, o IDH construído com base nos dados dos Censos de 2000 e 2010, tanto no país quanto em Pernambuco, indicavam avanços que se estabilizaram em patamares elevados na componente longevidade – vinculado aos ganhos em saúde – e ganhos rápidos, mas ainda insatisfatórios na componente educação. O aumento da expectativa de vida capturado pela componente longevidade do IDH, todavia, não foi ainda mais significativo porque enfrentava perdas de anos de vida, tanto entre as crianças com até 5 anos de idade, quanto entre os jovens de 15 a 29 anos. Os indicadores de mortalidade infantil, de um lado, e os de mortalidade por causas violentas entre os jovens, pelo outro, ensejou a concepção de dois programas que teriam de se defrontar com problemas gerados por causas múltiplas e complexas. Um foi o Programa Mãe Coruja Pernambucana, objeto desta avaliação qualitativa, e o outro, o Pacto pela Vida (PPV). A consciência de que se estava lidando com problemas plurais na sua

origem conduziu a concepção norteadora dos dois programas. Sendo problemas de origens múltiplas, foram abordados como tais a partir de uma concepção holística, multissetorial e integradora das ações implementadas.

A concepção do Programa Mãe Coruja Pernambucana foi convergente com um período fértil em termos de estruturação e consolidação de outros programas nacionais e locais voltados para a saúde, assistência e desenvolvimento social e educação. Essa convergência contribuiu para nutrir sua concepção e permitiu que o programa se estruturasse em nível estadual, mas com uma clara prioridade definida para os municípios mais vulneráveis de atenção materno-infantil do interior do território pernambucano. Assim, foi natural que a avaliação qualitativa do programa se centrasse no interior do Estado.

Uma característica comum ao Programa Mãe Coruja Pernambucana e ao PPV é que foram concebidos e implementados logo no início do primeiro governo de Eduardo Campos. O Programa Mãe Coruja Pernambucana, em particular, além de sua visão holística e intersetorial, foi desenhado como **uma estratégia** de articulação e de estímulo a integralidade das políticas públicas. Assim, **o monitoramento** é, de fato, um dos traços mais fortes e um dos elementos mais estratégicos do programa, pois permite que se acompanhe quem está executando diretamente suas ações. O programa não prioriza agir diretamente, mas busca tornar possível os outros fazerem e serem acompanhados no que fazem. Nesse sentido, é um **laboratório importante para outras iniciativas governamentais no tratamento de problemas complexos** que requerem ações múltiplas e integradas.

A **articulação em vários níveis e em bases territoriais claras** (do local ao estadual) aparece também como um dos pontos a valorizar na implementação de políticas públicas no país, em particular em políticas sociais. O Brasil é um país continental e muito diferenciado na sua realidade ambiental, econômica e sociocultural, o que torna difícil tratar uniformemente e de maneira centralizada os desafios complexos como são, em geral, os problemas sociais.

A **intersectorialidade**, por sua vez, é necessária para tratar um problema essencialmente multicausal na sua gênese, **mas é também fonte de tensão permanente na sua implementação**. A gestão da execução de programas multissetoriais, como o Programa Mãe Coruja Pernambucana, exige uma **coordenação tanto vertical quanto horizontal**, ou seja, requer coordenação e articulação com as secretarias estaduais e com as secretarias municipais para sua bem-sucedida execução. E isso é de difícil consecução nas estruturas compartimentadas e autóctones do serviço público nacional, estadual e

municipal. Por essa razão, desde a sua origem o Programa Mãe Coruja Pernambucana está ancorado na Secretaria de Saúde, sob a Coordenação consultiva da Primeira Dama, que o apoiam integralmente. Isso minimiza a tensão decorrente da intersetorialidade, fazendo o programa funcionar, a despeito das dificuldades, de forma articulada, para ser efetivo. Assim, **desenvolve-se uma estrutura especial**, cuja atuação visa a estimular aquelas previamente existentes a funcionarem da forma mais coordenada e harmônica possível. É como se o Programa Mãe Coruja Pernambucana conduzisse uma orquestra heterogênea na composição e origem de seus membros. O desafio de manter a intersetorialidade, na prática, não pode ser minimizado, nem deixar de ser objeto de intervenção permanente.

A avaliação qualitativa permitiu distinguir outras características importantes do programa, concluindo que ele: i) gera *accountability* nos diversos parceiros responsáveis por seus diferentes componentes; ii) tem foco no cuidado com a criança, sobretudo até o primeiro ano de vida; e iii) valoriza o cuidado com a mãe gestante.

A qualidade da informação sobre o momento atual da criança e seu futuro tem se inspirado em avanços recentes da neurociência, tornando o programa, na sua concepção, convergente com conquistas recentes dessa área do conhecimento.

b) Instrumentos e estruturas a serem fortalecidos

Entre os instrumentos do Programa Mãe Coruja Pernambucana, merece referência especial o Círculo de **Educação e Cultura**, que se constitui em veículo de informação qualificada para as mães. Os círculos oportunizam momentos de diálogo com as usuárias, sendo o local no qual se exercita a cidadania e no qual se dão, em certa medida, as bases do empoderamento da mulher. **Esses círculos, todavia, poderiam focar não apenas na mãe gestante – como tem feito o programa – mas na mãe como mulher, abordando e discutindo temas para além do cuidado com o bebê, de forma a consolidar o processo de empoderamento em curso e promover a melhoria nas condições de vida das famílias atendidas.** Sugere-se, aqui, a abordagem de temáticas relacionadas a questões de gênero e raça/cor, temas como: violência doméstica, violência contra a mulher, relações de poder, direitos da mulher, cidadania, racismo e discriminação, desigualdade, saúde da mulher, economia doméstica, entre outros.

Ainda com relação aos Círculos de Educação e Cultura, **fortalecer o seu funcionamento enquanto uma atividade pedagógica de promoção de conhecimento e autonomia das usuárias, levando em consideração suas realidades e práticas sociais, é um desafio permanente a ser enfrentado.** Assim, trata-se de um resgate à inspiração em Paulo Freire, rompendo com a perspectiva engeçada e pouco atrativa de uma atividade pedagógica mais disciplinar, atraindo e cativando, assim, as usuárias. Por sua vez, os profissionais responsáveis devem encarar o círculo como uma ferramenta que gera conhecimento e mudança. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de **capacitar continuamente as educadoras** acerca dos princípios da educação popular para que possam desenvolver as atividades levando em consideração as especificidades da realidade social em que estão inseridas.

Com relação à mortalidade materna, há dificuldades de se obter informações confiáveis que permitam identificar tendências temporais inequívocas na taxa de mortalidade²⁹. Percebe-se, todavia, que há obstáculos na rede de assistência básica à mulher antes, durante e após o parto, que necessitam ser melhorados para evitar perdas de vidas. **Nesse sentido, maiores investimentos na rede de assistência básica (estrutura estratégica ao longo da gestação e, especialmente, na hora do nascimento da criança) aliados a uma maior articulação no sentido de garantir assistência ao parto de qualidade e, de fato, humanizado, para as mulheres usuárias tornam-se fundamentais, sobretudo para que se consiga reduzir os altos índices de mortalidade materna ainda existentes. A articulação e o diálogo do Programa Mãe Coruja Pernambucana com a Rede Cegonha podem, dessa forma, se apresentar como iniciativas profícuas.**

Por sua vez, atenção especial merece o **fortalecimento dos espaços de troca e disseminação de informações sobre a fisiologia do parto, os riscos envolvidos, as intervenções necessárias e os cuidados com a parturiente.** Para isso, recomenda-se a **capacitação das profissionais dos Cantos Mãe Coruja e das educadoras dos Círculos de Educação e Cultura sobre fisiologia do parto**, para que, assim, possam orientar de forma qualificada as gestantes sobre os estágios da gestação e do parto, sobre sintomas, características e cuidados, entre outras informações, de modo a evitar a disseminação de ideias equivocadas.

²⁹ Essa dificuldade é uma característica nacional, e não exclusiva do Estado de Pernambuco. As taxas de mortalidade materna, por exemplo, bem como outros indicadores sociais, frequentemente apresentam fragilidades em sua composição, tornando sua análise sistemática pouco consistente. As razões são as mais variadas, partindo da subnotificação do fenômeno, inconsistências de levantamento, baixa regularidade dos registros ou metodologias de mensuração dissonantes.

c) Resultados intangíveis a serem valorizados

Há **resultados que são intangíveis** e nem por isso menos importantes. Destacam-se os seguintes: i) difusão e absorção da informação qualificada por meio dos Círculos de Educação e Cultura; ii) fortalecimento dos vínculos familiares; iii) avanços sobre a consciência dos direitos e deveres do Estado para com as mulheres gestantes e as crianças nos primeiros anos de vida; e iv) ganhos decorrentes da ênfase do programa sobre o cuidado e o afeto com a criança, que se coloca além da relação mãe-bebê.

d) Dificuldades e limitações a serem superadas

O programa tem encontrado obstáculos para estender sua ação à primeira infância, enfrentando dificuldades ainda no primeiro ano de vida. Superar essas dificuldades de modo a proteger a criança até os 5 ou 6 anos de idade coloca-se como desafio permanente e estratégico, visto que essa proteção está vinculada ao objeto central do programa, razão de ser de sua criação e existência. **Nesse sentido, sugere-se: i) o reforço no acompanhamento efetivo das crianças. Para isso, torna-se necessária a existência, na equipe, de um profissional qualificado destinado apenas a lidar com as crianças e com as questões relacionadas ao desenvolvimento infantil; ii) desenvolvimento de atividades voltadas para as crianças, como brincadeiras, contação de histórias, entre outras; iii) implementação de berçários e brinquedotecas equipadas em todos os Cantos Mãe Coruja, de modo que as crianças tenham um espaço destinado ao seu acompanhamento, facilitando, inclusive, a participação das mães nas atividades desenvolvidas pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana.**

Além disso, o trabalho de campo revelou a pouca participação dos pais e demais familiares nas atividades do programa. Frente a isso, **o desenvolvimento de ações voltadas para os pais e demais familiares pode ser uma iniciativa importante, sobretudo no sentido de conscientizar os pais para a importância da participação no desenvolvimento dos seus filhos, bem como integrar a família no cuidado com a criança e, assim, não essencializar na mulher toda a responsabilidade do cuidado com o bebê, estimulando o cuidado compartilhado e o fortalecimento dos vínculos familiares.**

Outro desafio, dificultado no momento pela conjuntura de crise econômica que atinge o país e o Estado, é o de estender o programa para os

municípios ainda não beneficiários de sua ação, universalizando sua atuação em todo o território pernambucano.

É também crucial para o sucesso do Programa Mãe Coruja Pernambucana que haja pessoal qualificado e treinado para as ações que, como mencionado anteriormente, têm mais a ver com o “fazer fazerem” do que com a atuação direta. **Estabilizar o emprego e a relações de trabalho das equipes do programa se constitui como principal desafio dentre as atividades-meio de sua atuação. Além disso, faz-se necessário que haja, em cada um dos municípios, um espaço próprio para os Cantos Mãe Coruja, garantindo, assim, a autonomia necessária para o desenvolvimento de suas atividades.**

Outro ponto importante refere-se à ausência de parâmetros ou proporcionalidades do tamanho das equipes em relação à população atendida e à extensão dos territórios. Desta feita, **sugere-se que a quantidade de profissionais seja revista levando-se em conta essas variáveis, visto que equipes do programa em municípios de maior porte, ou com grande extensão rural, por exemplo, dificilmente conseguirão que suas duas técnicas realizem o mesmo acompanhamento e busca ativa que aquelas equipes lotadas em municípios de menor porte ou mais urbanizados.**

No que se refere à prática da intersetorialidade – característica central do programa e condição para o seu funcionamento – **sugere-se a criação de um “protocolo de atividades para a prática da intersetorialidade”, com informações para os profissionais e técnicos sobre as atividades do programa e responsabilidades de cada instância/secretaria. Também é importante que existam orientações para esses agentes sobre como proceder de maneira articulada e com vistas a alcançar a integralidade das ações (sobretudo no âmbito municipal) e, assim, atingir os objetivos do programa.**

Recomenda-se, também, a realização de parcerias com um leque maior de instituições para além da instância governamental. A pouca presença das universidades; especialmente UFPE, UFRPE, UNIVASF, UNICAP-PE; na rede de parceiros é uma ausência marcante e que deve ser revertida.

Outro elemento importante e que merece atenção diz respeito à **pouca divulgação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, juntamente com a escassez de registros que possam construir uma “memória” do programa, o que dificulta a sensibilização de parceiros externos, da mesma forma que não propicia o envolvimento de atores-chaves dentro da gestão pública. Sugere-se, pois, uma maior divulgação do programa, de seus objetivos e atividades, por meio de folhetos e cartilhas informativas esclarecendo os principais**

pontos do Programa Mãe Coruja Pernambucana: o que é, objetivo, a quem se destina, como acessar, atividades realizadas etc.

e) A título de conclusão

Como descrito no início deste documento, os municípios selecionados para esta avaliação apresentaram desempenhos distintos no que tange ao maior ou menor êxito na implementação do Programa Mãe Coruja Pernambucana, tendo os municípios de Iguaracy e Ouricuri apresentado trajetórias mais bem-sucedidas, quando comparados a Exu e Condado. De acordo com as informações da pesquisa de campo, no caso dos dois primeiros municípios, **possíveis diferenças de desempenho podem estar assentadas em uma dinâmica mais harmônica do tripé**: i) boa articulação interinstitucional; ii) bom atendimento à gestante; e iii) proatividade das equipes locais. Longe de ser determinante ou permitir qualquer tipo de inferência estatística, a sinergia entre esses três elementos apresentava-se mais evidente entre os dois municípios com trajetórias de mais êxito, em comparação com os outros dois. Estimular esses elementos nas experiências em curso e nas novas, amplia, certamente, as possibilidades de alcance de melhores resultados no Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Como se verifica pelos resultados da avaliação aqui apresentados, a experiência do Programa Mãe Coruja Pernambucana guarda aprendizados importantes para a concepção e a implementação de iniciativas voltadas à primeira infância.

Este estudo de natureza qualitativa é um registro importante, um dos poucos que têm acolhido, analisado e divulgado a concepção, execução e resultados do programa. Pela sua concepção norteadora e forma de operar na abordagem de desafio multicausal, **o Programa Mãe Coruja Pernambucana merece ampla difusão, replicação e respeito.**

Anexos

Apêndice 1 – Lista de especialistas internos

A) Entrevistados

1. Alessandra Debone – Administradora pública, coordenadora de acompanhamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana
2. Ana Elizabeth de Andrade Lima – Médica, diretora de Políticas Estratégicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana e coordenadora do Conselho Consultivo do Programa Mãe Coruja Pernambucana
3. Ana Luiza Câmara – Atual primeira-dama do Estado de Pernambuco e líder da fase atual do Programa Mãe Coruja Pernambucana
4. Ana Maria de Lima Oliveira – Enfermeira, coordenadora de acompanhamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana
5. Ana Selva – Secretária executiva de Educação
6. Carolina Romeira – Advogada, Gestora de ações intersetoriais do Programa Mãe Coruja Pernambucana
7. Daniëlle de Belli Claudino – Socióloga, gestora de apoio às relações institucionais do gabinete do governador do Estado de Pernambuco e membro do comitê de assessoramento do Programa Mãe Coruja Pernambucana
8. Edna Maia – Psicóloga, coordenadora de recursos humanos do Programa Mãe Coruja Pernambucana
9. Frederico Amâncio – Secretário de Educação do Estado de Pernambuco
10. Gustavo Burkhardt – Licenciado em artes plásticas; coordenador de comunicação e arte do Programa Mãe Coruja Pernambucana
11. Héliida C. P Lima – Secretária executiva de Gestão Estratégica na Secretaria de Planejamento e Gestão de Pernambuco
12. Iramarai V. de Freitas – Artista plástico, coordenador de comunicação e arte do Programa Mãe Coruja Pernambucana
13. João Suassuna – Secretário executivo da Criança e Juventude da Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude de Pernambuco
14. Laura Gomes – Secretária executiva de Direitos Humanos da Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude de Pernambuco
15. Mariana Suassuna – Assistente social, superintendente de segurança alimentar e nutricional da Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude de Pernambuco
16. Marta Cristina Santos Wanderley – Assistente social, gerente de Ações Estratégicas do Programa Mãe Coruja Pernambucana

17. Nadjane Burkhardt – Licenciada em artes plásticas, Assistente Administrativa do Programa Mãe Coruja Pernambucana
18. Renata Campos – Ex-primeira-dama do Estado de Pernambuco e líder da primeira fase do Programa Mãe Coruja Pernambucana
19. Sílvia Cordeiro – Secretária da Mulher de Pernambuco
20. Tania Andrade Lima – Médica, coordenadora do grupo de pesquisa do Programa Mãe Coruja Pernambucana
21. Vera Garbi – Psicóloga, coordenadora de acompanhamento do Programa Mãe Coruja Pernambucana
22. Virgínia Maria Holanda de Moura – Enfermeira, gerente de monitoramento do Programa Mãe Coruja Pernambucana
23. Volmer Souza de Sá – Tecnólogo em redes de computadores, assistente administrativo do Programa Mãe Coruja Pernambucana

B) Integrantes do grupo focal

1. Ana Cristina Alencar – Enfermeira, XI Geres
2. Angélica Mayumi Eguchi – Enfermeira, VIII Geres
3. Izeni Teixeira Pimentel – Administradora, V Geres
4. Jozelma Maria da Silva – Assistente social, III Geres
5. Lúcia Karlla – Enfermeira, IV Geres
6. Maria Helena de Souza Leite – Enfermeira, VII Geres
7. Rebeca Rodrigues Gomes – Terapeuta ocupacional, VI Geres
8. Wilson Rodrigues da Silva – Biólogo sanitário, X Geres

Apêndice 2 – Lista de especialistas externos

A) Entrevistados

1. Carolina Drugg – Representante do Primeira Infância Melhor (PIM)
2. Cleuza Pereira – Deputada federal pelo Partido Socialista Brasileiro
3. Jane Santos – Representante do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em Pernambuco
4. Leonardo Yanez – Presidente da Fundação Van Leer
5. Liliane Penello – Coordenadora Técnica da Estratégia Brasileirinhos e Brasileirinhas Saudáveis
6. Luzia Laffite – Superintendente Executiva do Instituto da Infância (Ifan) do Ceará
7. Rosa Barros – Representante do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA)
8. Sandra Valongueiro – Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
9. Simone Santana – Médica pediatra e deputada estadual pelo Partido Socialista Brasileiro

B) Integrantes do grupo focal

1. Alessandra Fam – Médica, Gerente da Gerência de Saúde da Criança e do Adolescente de Pernambuco
2. Ana Lucia Miranda – Professora da Universidade de Pernambuco (UPE) (participação no Círculo de Educação e Cultura)
3. Ana Paula – Extensionista do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA)
4. André Feitosa – Prestador de serviços do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA)
5. Claudio Duarte – Médico, assessor do Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA).
6. Polyana Magalhães – Assistente social da Secretaria Especial de Bem-Estar Social (Sebes) em Ipojuca

Apêndice 3 – Metodologia dos grupos focais

Dinâmica da reunião do grupo focal e uso do tempo

A reunião do grupo focal será **coordenada** por um moderador (da Ceplan) auxiliado por pelo menos um assessor, que apoiará na sistematização dos resultados.

A reunião terá **duração prevista de 4 horas**.

Os trabalhos se realizarão em quatro momentos. No primeiro, serão feitas a abertura e as apresentações dos participantes, quando cada um explicitará como interagiu com o Programa Mãe Coruja Pernambucana (30 minutos); no segundo, os trabalhos terão como foco a análise dos pontos fortes (1 hora) e, no terceiro, a análise dos pontos fracos (1 hora). Haverá 15 minutos para o *coffee break*, enquanto a equipe Ceplan organiza a sistematização dos resultados da primeira parte dos trabalhos. No quarto momento, serão apresentados os desafios (1 hora) e será feito o encerramento (15 minutos).

- **Momento Inicial:** Abertura e apresentações (30 minutos)
 - o A reunião será aberta por dirigente do Programa Mãe Coruja Pernambucana, que dará as boas-vindas aos participantes (5 minutos).
 - o Em seguida, o moderador da Ceplan apresentará a dinâmica dos trabalhos (10 minutos).

OBS: Os participantes receberão fichas de três cores diferentes para usar nas suas intervenções.

Segue-se uma rodada de **apresentação** dos participantes (nome, profissão, instituição em que atua e **indicação de como interagiu com o Programa Mãe Coruja Pernambucana**).

- **Dinâmica da Primeira Parte:** pontos fortes do Programa Mãe Coruja Pernambucana (1 hora), que serão trabalhados em dois momentos:
 - o **Trabalho individual durante 10 minutos:** cada participante, usando as fichas que lhes foram entregues, resume os **dois mais importantes pontos fortes do programa**. Usará, portanto, duas fichas de cores distintas, sendo:
 - Branca para concepção.
 - Rosa para implementação e modo de funcionamento.
 - Azul para estrutura organizacional.
 - Amarelo para resultados alcançados.

Após preencher as fichas, deverá colá-las em um local montado pela coordenação.

- o **Apresentação de análise pelos participantes durante 50 minutos:**

momento no qual, um por um, os convidados vão dando sua visão dos aspectos positivos que escolheram, antes colocando a ficha no local indicado na parede (média de 5 minutos por participante). A coordenação atuará para que os prazos sejam respeitados.

- **Dinâmica da Segunda Parte:** pontos fracos do Programa Mãe Coruja Pernambucana (1 hora), que serão trabalhados em dois momentos:

- o **Trabalho individual durante 10 minutos:** cada participante, usando as fichas que lhes foram entregues, resume os **dois mais importantes pontos fracos do programa**. Usará, portanto, duas fichas de cores distintas, sendo:

- Branca para concepção.
- Rosa para implementação e modo de funcionamento.
- Azul para estrutura organizacional.
- Amarelo para resultados alcançados.

Após preencher as fichas, deverá colá-las em um local montado pela coordenação.

- **Apresentação de análise pelos participantes durante 50 minutos:** momento no qual, um por um, os convidados vão dando sua visão das fragilidades que escolheram, antes colocando a ficha no local indicado na parede (média de 5 minutos por participante). A coordenação atuará para que os prazos sejam respeitados.

Coffee break (15 minutos) e, em paralelo, a **Ceplan fecha sistematização dos trabalhos iniciais**.

- **Dinâmica da Terceira Parte:** principais desafios do Programa Mãe Coruja Pernambucana (1 hora) também trabalhada em dois momentos:

- o **Trabalho individual durante 10 minutos:** cada participante, usando as fichas que lhes foram entregues, formula os **dois mais importantes desafios do Programa Mãe Coruja Pernambucana para os próximos anos**. Usará, para isso, duas fichas de cores distintas, a sua escolha.

- **Apresentação das sugestões de iniciativas pelos participantes (50 minutos):** um por um, os convidados vão justificando as sugestões de desafios que propuseram, antes colocando a ficha no local indicado na parede (média de 5 minutos por participante).

- **Encerramento (15 minutos) comportando:**

- **Observações finais dos participantes** – espaço para complementações

com inscrição inicial pelo moderador, quando se pode avaliar os trabalhos e fazer adendos.

- **Palavra de agradecimento** por representante do Programa Mãe Coruja Pernambucana.

Apêndice 4 – Roteiro de entrevistas

Entrevistas com especialistas (duração prevista de 50 a 60 minutos)

1. Em quais circunstâncias você conheceu o Programa Mãe Coruja Pernambucana? Fale-nos um pouco sobre a sua experiência com o programa.
2. Na sua percepção, quais as principais forças (pontos fortes) do programa?
3. Quais as suas principais fragilidades (pontos fracos)?
4. Na sua opinião, dentre as ações que o Programa Mãe Coruja Pernambucana implementa, quais são as mais importantes para combater a mortalidade materno-infantil no Estado? Cite apenas duas ações.
5. O que o Programa Mãe Coruja Pernambucana deveria fazer, mas não faz?
6. E o que poderia fazer melhor?
7. Na sua percepção, quais são as maiores dificuldades que o programa encontra para:
 - 7a. combater a mortalidade infantil
 - 7b. combater a mortalidade materna
8. Quais você acha que são os principais desafios a serem enfrentados pelo Programa Mãe Coruja Pernambucana nos próximos anos ?
9. [Pergunte se a pessoa tem algo a acrescentar. Caso não tenha, agradeça e encerre a entrevista]

CANAL YOUTUBE

<https://www.youtube.com/channel/UCNAB42pELwdzIli5U891o1Q>

BLOG

<http://www.maecoruja.pe.gov.br>

FACEBOOK

Programa Mãe Coruja PE

INSTAGRAM

MÃECORUJAPE

Supervisão Geral: Evaldo Costa e Anelise Timm

Edição: Sérgio Miguel Buarque

Projeto Gráfico: Luiz Arrais

Fotos: Iramaraí José Vilela de Freitas

Revisão: Ab Aeterno Produção Editorial

Diagramação: Sebastião Corrêa

O texto deste livro foi composto em
Velino Text, Steelfish e Futura.

O papel utilizado para o miolo é Couché fosco 115g/m²
e para a capa é Supremo 250g/m².

Companhia Editora de Pernambuco – junho de 2017.



Uma revolução silenciosa vem ajudando a mudar a realidade de milhares de pessoas em Pernambuco. Em uma década, o Programa Mãe Coruja Pernambucana tem contribuindo efetivamente para o bem-estar de gestantes e crianças na primeira infância, estimulando o fortalecimento dos vínculos afetivos entre mãe, filho e família. O sucesso do programa criado em 2007 deve-se a uma concepção inteligente, a um processo de implantação bem feito, a uma gestão eficiente e, sobretudo, a uma forma diferenciada de olhar, enfrentar e resolver os problemas encontrados nessa exitosa caminhada. Agora, chegou a hora dessas histórias serem contadas e desse conhecimento acumulado ser compartilhado. Além de servir como instrumento de divulgação e documentação do programa, este livro também cumpre a função de ser uma importante ferramenta de consulta.